

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

As Visões de Mundo dos educadores de uma escola pública em Brasília, DF.

Ana Clara de Oliveira Queiroz

Monografia apresentada à
Coordenação do Curso de Ciências
Biológicas, da Universidade Federal de
Uberlândia, para a obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Biológicas.

Uberlândia, MG

Junho, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

As Visões de Mundo dos educadores de uma escola pública em Brasília, DF.

Ana Clara de Oliveira Queiroz

Orientadora: Iara Maria Mora Longhini

Monografia apresentada à
Coordenação do Curso de Ciências
Biológicas, da Universidade Federal de
Uberlândia, para a obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Biológicas.

Uberlândia, MG

Junho, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

As Visões de Mundo dos educadores de uma escola pública em Brasília, DF.

Ana Clara de Oliveira Queiroz

Orientadora: Iara Maria Mora Longhini

Faculdade de Educação

Homologado pela Coordenação do Curso de
Ciências Biológicas em ____/____/____.

Coordenador: Oswaldo Marçal Júnior

Uberlândia, MG

Junho, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

As Visões de Mundo dos educadores de uma escola pública em Brasília, DF.

Ana Clara de Oliveira Queiroz

Aprovado pela Banca Examinadora em / / Nota: _____

Profa. Dra. Iara Mora Longhini - Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Renata Carmo de Oliveira - Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho - Membro da Banca Examinadora

Uberlândia, MG

Junho, 2016.

Para Humberto Queiroz,

Pai, melhor amigo, maior amor, pior saudade.

AGRADECIMENTOS

“Felicidade e Gratidão não dependem

do que você tem. Ou do que você é.

Dependem apenas do que você pensa. ”

Buda

Agradeço a cada minuto vivido e a cada um que esteve comigo, de alguma maneira, nesses últimos 24 anos de vida. E tenho consciência que nenhum conglomerado de palavras jamais será suficiente para expressar como me sinto com e por cada um.

Agradeço a todos os familiares. Compartilhamos aquilo que temos de mais orgânico e único: o nosso material genético. A família ocupa um lugar único e possui papel evolutivo complexo e grandioso. Os laços que nos unem jamais serão completamente compreendidos. Tive (e tenho ainda) muitas desavenças com familiares, e, mesmo assim, sou grata, pois as diferenças e as brigas muito me ensinam todos os dias.

Agradeço em especial à minha irmã, Lolita Queiroz. A vida nos afastou e nos reaproximou. Não tenho palavras para expressar como foi olhar em seus olhos depois de doze anos separadas por motivos e vontades alheias. Mais do que ninguém, sinto que compartilhamos corpo e alma. Sinto que um pedaço grande de mim está dentro de você. Faz parte de você. Você, minha irmã, é como a flor de Lótus, que se ergue mesmo diante da adversidade do barro e emerge como um símbolo de força, beleza e resistência.

Agradeço com muito amor – e, também, com muita dor pela ausência – a meu pai, Humberto Queiroz. Tentei durante horas escrever algo que expressasse seu significado em

minha vida, mas a língua portuguesa não tem palavras grandes o bastante para falar de você. Enquanto a maioria das pessoas são gotas num oceano, você foi um oceano inteiro numa gota. Em alguns momentos, penso que ter que caminhar nesse planeta depois de sua partida é uma maldição. Em outros, agradeço profundamente por ter amado alguém como poucas pessoas nesse planeta foram capazes de amar. Agradeço por ter me dado o mundo. Agradeço por todas as vezes em que eu pedi algo e você fez. Por todas as vezes em que não pedi e fez do mesmo jeito. Por ter estado mais do que presente. Por ter me ensinado o valor das coisas pequenas. Por ter compartilhado características comigo. É uma honra ter qualquer coisa tua. Por ter me deixado enxergar o mundo através da sua linda e singular Visão de Mundo. Por ter tentado me proteger desse mesmo mundo. Esse mundo que nunca mais vai ser completo. Que nunca mais vai ter todas as cores. Fique sabendo que não preciso mais de proteção. Já passou o pior e agora já não há mais grandes ameaças. Portanto, sigo forte, tentando ser melhor. Tentando fazer o melhor. Faço tudo por você. Ontem, hoje e sempre.

Agradeço, com muita felicidade, à família com que a vida me presenteou. Davi Lee Bang, somos irmãos. Gabriela Trifoni, que dividiu comigo durante anos a mesma casa e nunca foi menos do que extremamente amável ou solícita. Marcela Alvarez, que tanto trouxe graça aos nossos dias com seu jeito excêntrico de ser. Liliana Batista, cujas diferenças não impediram amizade e parceria. Bruna Nogueira, mesmo morando sozinha, nunca estive de fato só, pois você foi a segunda mãe que o universo me deu. Eloá Cunha, nunca antes vi alguém ao mesmo tempo tão singela e tão feroz. Isabel Moares, que, por tanto tempo, foi a parceira dos bons e dos maus momentos. Paola Cunha, que comigo dividiu quarto, bancada, armário e devaneios. Cláudia Márcia, cuja incalculável bondade me deu forças durante a escrita desse projeto. Izabela Mendes, a nossa querida artista do pensionato. Tiago Amaral, um irmão caçula e ao mesmo tempo um eremita. Roberta Paixão, cuja liberdade me espanta e me encanta todos os dias. Júlia Medeiros, a primeira a me estender a mão quando cheguei à Uberlândia (e que até

hoje, de alguma maneira, não a soltou). Paula Cabral, cujo foco e disciplina invejariam até o mais bem sucedido atleta olímpico. Bárbara Medeiros, outra irmã que a vida me trouxe e que segue sempre a meu lado. Náthaly Pinheiro, cujas capacidades de compaixão e caridade aturdem para tão pouca idade. Lucas Porto, as estradas da vida te trouxeram ao meu lado para que nossas almas pudessem estar inquietas juntas. Elisa Viscardi, palavras não definem a imensidão da sua alma. Bruna Ponte, imensa brandura se esconde em tão reservado ser. Yasmin Alkmin e Poliane Carvalho, não há como falar de vocês separadamente; somos como um tripé, e sei que me darão suporte em qualquer momento e diante de qualquer adversidade daqui até o fim. Ivo Ribeiro, cujo nome, acredito veementemente, ainda constará nos livros de história como um símbolo da Revolução. Makswell Almeida, o mais exemplar pibidiano de todos os tempos. Bianca Ferolla, que talvez ainda não saiba, mas será uma das melhores e mais doces educadoras desse país. Felipe e João, tenho certeza de que o destino articulou para colocá-los em meu caminho (e que assim seja até o fim dos tempos). Flávia Alves, Ana Flávia Notário, João Paulo Borges, Bruna Borges e Adele Aud, com vocês, em anos de estágio, aprendi uma infinidade de lições valiosas que não cabem no Lattes. Astro, Leonídio e Pietro (meu cachorro, meu hamster e meu gato), saibam que todos os animais têm muito o que ensinar a nós humanos e vocês me ensinaram aquilo que nenhuma pessoa nunca antes ensinou; carregue-os comigo com amor e saudades por cada dia em que estiver nessa Terra e, se possível, para além da matéria.

Saibam que, embora nossa língua nos exija escrever em ordem, palavra por palavra, não haveria como citá-los por escala de importância. A palavra amizade vem de *amicitia*, do latim, e significa “companhia; estar junto”. E, em cada momento no qual estivemos juntos, suas companhias foram completas e nós estivemos plenos.

Professoras dessa banca, Iara, Daniela e Renata, três características as resumem: o incalculável conhecimento que cada uma porta dentro de si; a sede por melhorar e questionar; e a maneira amável como conduzem seus trabalhos e suas vidas. Por tudo isso e por momentos

singulares que passei com cada uma, fiz o convite de estarem comigo nesta etapa e saibam que, qualquer que seja o resultado, serei eternamente grata por estarmos juntas nesse momento.

Aos que dão sentido a todas as análises e sensações que permeiam esse trabalho, meus queridos estudantes (notem que a palavra aluno jamais será utilizada nesse texto), agradeço com muito amor e admiração por me ensinarem lições valiosas todos os dias. A Escola é feita de gente. Feita por vocês. Feita para vocês. Adoro as tardes e manhãs que passamos juntos, discutindo, debatendo, questionando e melhorando. Ensino e aprendo. Aprendem e ensinam.

Por último, e com carinho especial, agradeço à Pachamama (“Mãe Terra”; “Mãe de Todos”), que tudo de mais essencial e belo nos oferece. Com imensa sabedoria e de maneira silenciosa rege as forças que inspiram a vida em nosso planeta. No último ano, junto com toda a caminhada profissional enquanto educadora, tive, também, a oportunidade de me reaproximar e resgatar alguns valores ancestrais. Tornei-me bióloga, como irão ver adiante, pelo sonho de “salvar a natureza” e, hoje, vejo, claramente, que a natureza não precisa ser salva. Nós é que precisamos. Gaia, como também é sabiamente chamada, nos aquece, nos alimenta, nos veste, nos abriga, nos cura, nos alenta, nos transforma e, acima de tudo, nos ensina, em seus ritos diários, o significado da palavra resiliência. Agradeço, portanto, a esta terra, a nossos ancestrais e às forças – tanto físicas quanto metafísicas, pois, com certa acuidade, se percebe que não há dissociação entre o mundo material e o abstrato – que conduzem e escrevem nossos caminhos com tanta sapiência nas estrelas e nos céus.

Agradecer é muito pouco diante da imensidão de atitudes, momentos e sentimentos que cada um teve comigo. Vocês me fazem melhor e mais feliz. Vocês têm “cheiro de passarinho quando canta, de algodão doce da cor mais doce que tem pra escolher, de manhã de Natal”, como diz Drummond. Estar com vocês é como chegar em casa e trocar o salto pelo chinelo. É

confortável, aconchegante e prazeroso. Como deve ser a vida. Portanto, saibam o que desejo a cada um, a cada dia e com ternura e afeto:

“Eu te desejo

(Flávia Venceslau)

Eu te desejo vida, longa vida

Te desejo a sorte de tudo que é bom

De toda alegria, ter a companhia

Colorindo a estrada em seu mais belo tom

Eu te desejo a chuva na varanda

Molhando a roseira pra desabrochar

E dias de sol pra fazer os teus planos

Nas coisas mais simples que se imaginar

Eu te desejo a paz de uma andorinha

No voo perfeito contemplando o mar

E que a fé movedora de qualquer montanha

Te renove sempre e te faça sonhar

Mas se vier as horas de melancolia

Que a lua tão meiga venha te afagar

E que a mais doce estrela seja tua guia

Como mãe singela a te orientar

Eu te desejo mais que mil amigos

A poesia que todo poeta esperou

Coração de menino cheio de esperança

Voz de pai amigo e olhar de avô.”

Continuemos sempre juntos.

Gratidão.

Ana.

RESUMO

O texto discute as diferentes Visões de Mundo que perpassam os educadores da escola pública hoje a partir de uma ampla análise acerca do cotidiano escolar da educação básica. Essa pesquisa tem como base material coletado a partir de entrevistas semiestruturadas de professores que lecionam para estudantes de ensino médio da rede pública do Distrito Federal e teve como método de sistematização e exploração de dados a Análise Categorial Temática, proposta por Bardin. Os resultados revelam problemáticas, contradições, ideais e sonhos moldados pelas inúmeras e singulares Visões de Mundo dos educadores participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Ensino Médio; Educação Pública; Visões de Mundo.

“Amar é um ato de coragem.”

Paulo Freire

SUMÁRIO

1.PRIMEIROS PASSOS.....	01
2. EDUCAÇÃO, ESTADO E UNIVERSIDADE – UMA ANÁLISE DE CONJUNTURA....	20
3.OBJETIVOS.....	30
3.1 Objetivo Geral.....	30
3.2 Objetivos Específicos.....	30
4.INSTRUMENTOS.....	30
5.PROCEDIMENTOS.....	33
5.1. Pré-análise.....	33
5.2. Exploração do material.....	35
6 ANÁLISE	36
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	84
9. APÊNDICES.....	92

1. PRIMEIROS PASSOS

“A utopia está lá no horizonte.

Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.

Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.

Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei.

Para que serve a utopia?

Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Galeano

Estou sentada na mesa do meu quarto e tentando decidir como começar essa história. Olho pela janela, vejo prédios, carros, postes. Ouço buzinas, ouço as músicas dos carros que passam, ouço o fiel vendedor de pamonha, que passa todos os dias, religiosamente, no mesmo horário. Bem ali, no meio desse caos, com toda a sua magnitude, um pé de manga persiste. Silencioso, manda seu recado com muita competência, lembrando-nos de onde viemos, lembrando-nos de nossas raízes. Assim como eu e você. A biologia me ensinou que cada árvore tem um tipo de raiz e mesmo indivíduos da mesma espécie jamais terão raízes idênticas. Cada um se conecta com a terra, com a superfície e com os outros seres de maneira singular e inigualável. Eu, então, olho para esse pé de manga e agradeço por ele estar ali, por eu estar aqui e por estarmos todos conectados de maneira tão silenciosa e brilhante.

Não se pergunta a um médico ou a um advogado por quais motivos escolheu sua profissão, mas, a um biólogo, todos parecem sempre curiosos em entender os motivos que o levam a essa escolha. Não somos muito valorizados, é verdade. Não é comum ficarmos milionários, outra verdade. Mas respondemos a essa pergunta como talvez nenhum outro

profissional faça. Não espere uma resposta objetiva. Não espere uma resposta com as palavras “mercado” ou “salário”. Isso provavelmente não vai acontecer.

Volta e meia, lembro de algum acontecimento e penso comigo mesma “Foi por isso!”. Então lembro de outro e penso “E isso também!”. Recentemente, num desses momentos quando o corpo está parado e a mente vai longe, me veio à tona uma cena da infância. Todos os anos, na varanda do nosso apartamento, no quinto andar do número 255 da Rua General Urquiza, uma charmosa rua sem saída do Rio de Janeiro, uma rolinha iria fazer seu ninho e colocar seus ovos em uma samambaia pendurada perto da porta de correr dessa varanda. Nunca saberei se era sempre a mesma ou se todos os anos tínhamos hóspedes novos. Fato é que, chegado esse tempo, uma garotinha de cerca de seus 5 anos de idade e pouco mais de um metro, iria, com muita disciplina e assiduidade, subir no banco mais alto da sala, ou pedir que seu pai a colocasse nos ombros, para poder observar o ninho diariamente. Era de extrema importância saber se estava tudo bem, se os ovos estavam bem acomodados e se a rolinha estava cumprindo seu dever de cuidar de tudo como deveria. Em algum dia mágico, os ovos eram substituídos por pequenos bebês. Um acontecimento banal e corriqueiro, mas que faria essa garotinha sentir que havia algo de muita beleza e de muita grandiosidade nos caminhos e processos da vida. Ocasionalmente, um ovo ou um passarinho, sem querer, caíam do ninho, e é aí que essa criança desenvolveria seu papel nessa história. Com todo o cuidado e delicadeza que só alguém que se importasse com aquela pequena família poderia ter, pegava aquele minúsculo sopro de vida do chão e a devolvia a seu ninho em segurança. Mais uma vez, o dia estava salvo.

Era escasso o contato de uma criança criada em um apartamento no meio da selva de pedra com a natureza, mas, talvez, isso fosse o que fizesse de cada brecha um momento único e tão especial. Em alguns finais de semana, viajávamos para uma casa de praia em Araruama, cidadezinha da região dos lagos. A casa era simples e, sinceramente, seu interior

não me interessava muito, mas lembro que, assim que chegávamos, a primeira coisa feita teria que ser pendurar a rede na varanda, o que levaria a uma tarde gasta balançando e admirando a vista da lagoa, atrás da qual o sol se empenharia para se levantar e se deitar de maneira teatral, tendo, todo dia, uma plateia cheia e fiel de igualmente belas gaivotas. E assim aquela mesma menininha passaria horas do dia hipnotizada, como se estivesse inerte em uma meditação particular. O muro da casa que a separava do terreno da vizinha – uma senhora simpática e gentil que sempre deixava me sentar na sua cadeira de balanço, pendurada em seu lindo jardim cheio de flores bem cuidadas – havia sido tomado por hibiscos vermelhos e eu, secretamente, prometia a mim mesma, dia após dia, que, quando crescesse, minha “casa de adulto” teria que ter um muro como este, cheio de hibiscos vermelhos, e uma varanda como aquela, cheia de pores do sol cinematográficos. Afinal de contas, quem conseguiria viver fechado nas paredes de cimento e sem uma parede de flores ou uma vista que não tivesse cinza em sua composição, eu me perguntava.

Depois de um tempo, meu pai resolveu adquirir uma pequena terra em Sepetiba com minha tia, uma mulher que eu, tão pequena, considerava de elevada elegância e sofisticação. Lembro até hoje dos jantares em seu apartamento, nos quais minha tia, por motivos que nunca entendi bem, tinha sempre um garçom para servir os pratos. Na verdade, o que mais me agradava nessas ocasiões era esperar que servissem o sorvete de *eski-bon*, sobremesa sempre garantida. Em parte do terreno, como num sítio, havia alguns animais e algumas plantações, em especial, uma quantidade fora do comum de coqueiros, sempre carregados com enormes quantidades de cocos – que a ciência e as culturas tradicionais vêm nos ensinando a usar de tantas maneiras maravilhosas na alimentação, dermatologia e medicina. Na outra parte da terra, uma casa de campo onde passaríamos muitos finais de semana, muitas páscoas marcadas por milhares de pegadas brancas de patinhas de coelhos (delicadamente feitas por adultos empenhados durante a noite – obrigada por isso!) e mais

vários dias cheios de luz e de sorrisos. Quem ficou encarregada da casa foi minha tia e, entre seu belíssimo jardim projetado pelo grande Burle Marx, a enorme piscina, a exagerada decoração e os fartos banquetes dela, o que realmente me interessava seria o momento de chegar e soltar nosso cachorro. Um lindo pastor alemão preto de patas douradas e que atendia pelo nome de Astro (em homenagem aos *Jacksons*, uma referência da qual toda criança dos anos noventa deve se lembrar), que, por livre e espontânea disciplina, havia sido adestrado e não faria nada que fosse proibido ou que não fosse orientado a fazer. Astro era maior do que eu e, claramente, muito mais forte. Não eram raras as situações em que ele, contente com nossos encontros, me derrubava no chão com todo o seu tamanho. Minha mãe morria de medo desse cachorro e tentava, incansavelmente (e sem sucesso), transferir esse medo para mim. Mesmo sem saber falar igual gente, aquele bichinho me ensinou que amor e empatia não têm cor, não têm espécie, não têm língua. E que é muitas vezes através da diferença que a gente consegue se conectar com um outro ser. Somos tão viciados na linguagem oral que, muitas vezes, esquecemos que há um mundo inteiro de maneiras de nos comunicarmos, para muito além das palavras ditas. Inclusive, pois nessa língua, ainda nos faltam muitas palavras importantes. Quantas vezes somos tomados por sensações e sentimentos que não conseguimos nomear? Os indígenas com toda a sua sabedoria, por exemplo, criaram a palavra TXAI, que significa “a metade de você que habita em mim; a metade de mim que habita em você”. E essas conexões, criadas a partir da vida, talvez sejam o que estamos buscando, o que nos move. Naquele tempo, todos os dias eu tomava café da manhã nos degraus do lado de fora, dividindo um pão com meu amigo que não podia adentrar a casa e pensando sobre os motivos que levam as pessoas a se acharem mais importantes que os outros seres.

O mais curioso é que, até então, eu, muito ingenuamente, acreditava que todos os meus colegas de mesma faixa etária dividiam comigo esse sentimento de cuidado com o planeta.

E imagine o espanto quando percebi que eu era uma das poucas com esta preocupação. Foi nessa época, por volta dos 7 anos, que entendi que cada ser que habita essa terra carrega dentro de si uma Visão de Mundo completamente única e que é essa singularidade a responsável por todas as nossas percepções, ações e produções, desde a inclinação às artes até a fome pelas guerras.

As pessoas ao meu redor começaram a me dizer que eu seria bióloga e eu, ainda sem ter a mínima noção do que isto significava, entendi que, se havia alguma relação entre essa dita profissão e minha paixão com a natureza, então elas estariam certas. E assim cresci, repetindo que seria essa tal de “bióloga” e que ajudaria o planeta a ser um lugar melhor. Uma afirmação um tanto ingênua de uma criança que ainda mal sabia escrever o próprio nome, mas que veio servindo como raiz de minha caminhada até hoje. Nos dias em que tudo está difícil, ou quando o trabalho começa a se tornar sinônimo de salário ou quando surgem as necessidades de bens materiais, começo a me lembrar de como tudo começou e de como cheguei até aqui. E assim, de alguma maneira, tudo se acalma. E eu penso no motivo original e na força intrínseca que movem meus pés, um atrás do outro, dia após dia, nessa incrível jornada que venho trilhando.

Como todo ser de primeira viagem, tive que fazer desvios do caminho originalmente planejado e, sem perceber, o roteiro foi mudando bastante até que conseguisse chegar em um ponto no qual fosse possível gerar algum retorno e ajudar alguém. Antes, foi preciso entender que a Terra não precisa ser salva, nós é que precisamos. Somos nós que estamos em risco. E que, se eu queria cuidar das outras espécies, primeiramente, seria fundamental cuidar da nossa, educá-la para uma fase do planeta em que as Visões de Mundo se complementassem, as espécies se integrassem de maneira colaborativa e a lógica humana da escassez fosse substituída pela lógica natural da abundância. De maneira empírica e muito sofrida, percebi que o primeiro humano a ser ajudado deveria ser eu mesma. É como

Gandhi uma vez disse, “se você quer mudar o Mundo, precisa começar por você”. O crescimento, muitas vezes, veio da dor, da perda, da necessidade, e agradeço especialmente por esses momentos de dificuldades, os quais me ensinaram a ser resiliente e fizeram aflorar a força que reside dentro de mim. Às vezes, comparo momentos difíceis com o momento do parto – apesar de nunca ter passado por um – mas no qual nosso corpo se reestrutura, a dor atinge níveis extremos, o organismo todo chega a um limite físico, mental e sensorial. Depois do ápice do caos, nasce um novo ser, que, com alguma dificuldade, aprende a andar e, independente do que a vida lhe reservar, continua dando seus pequenos e irregulares passos, persistente na necessidade de continuar a caminhada.

Ao contrário do que imaginei, que parecia estar tão claro, o crescimento não veio da aquisição de bens nem das vitórias em competições. Veio do desapego material e imaterial, veio da aceitação e da luta não pela vitória, mas pelo fim das batalhas. Ao contrário do crescimento humano, anatômico, limitado pela calcificação das cartilagens ósseas, o crescimento pessoal, intelectual, psíquico, espiritual não tem limite, não se encerra em uma conquista qualquer que seja. Erramos, aprendemos, acertamos, erramos de novo, repensamos, continuamos em frente. Sabendo que cada erro e cada acerto, cada momento, são únicos. E talvez seja essa singularidade o maior presente que a Vida nos dá. Chegar não é o mais importante. Como bem disse Galeano, a utopia se afasta cada vez que damos passos em sua direção, pois alcançá-la não é fundamental e nem possível, mas ela existe para que nunca deixemos de caminhar. Lembro de Santiago, o pastor alquimista de Paulo Coelho, que levou anos para fazer uma viagem de poucas semanas e, ao final, descobriu que foi a viagem que o enriqueceu e que o tesouro estava dentro de si o tempo todo.

Sempre fui uma criança cheia de vida, que gostava de correr, subir em árvores, estar perto de animais, perceber todos os detalhes e cada nuance, mas hoje vejo que também sempre fui muito ligada às pessoas. Talvez haja um componente genético que nos faça

pensar instintivamente nos outros da espécie como uma maneira de protegermos a nós mesmos enquanto população, assim como as borboletas que realizam mimetismo batesiano, que possuem coloração marcante, e, quando uma é predada, morre pelas outras, que não serão caçadas após a péssima experiência gastronômica que seu predador terá. Sempre me senti muito incomodada ao ver pessoas passando necessidade e, no Rio de Janeiro, é gritante a quantidade de pessoas que moram nas ruas e passam por todo tipo de situação ultrajante. Sempre pensei muito sobre tudo que escutava e que via acontecendo à minha volta, de maneira a tentar entender o funcionamento do mundo e suas peculiaridades. Minha formação em biologia me faz pensar que talvez esse seja um traço muito relacionado ao metabolismo. Como tenho um metabolismo muito intenso, minha cabeça raramente pára, não consigo adquirir peso e tenho alguma dificuldade em descansar, mesmo quando estou cansada. Esse ritmo intenso talvez tenha como consequência uma personalidade marcada por constantes questionamentos de padrões, comportamentos, ideias, normas e tudo mais onde enxergue vestígios de contradições.

Quando somos pequenos, é como se o Mundo fosse diferente. As crianças enxergam coisas que os adultos, muitas vezes, deixam passar, entretanto, não têm noção de vários outros aspectos, como a condição privilegiada de ser bem nascido e não ter passado por necessidades nessa época, como, infelizmente, tantas crianças passam todos os dias tão perto de nós. Desta forma, admito ter crescido dentro de uma espécie de bolha confortável e, assim como para aquele passarinho que quebraria a casca para enfrentar o mundo, sair da bolha não seria fácil, mas seria indispensável para conseguir compreender a sociedade com um pouco mais de clareza. Importante ressaltar que, de alguma maneira não muito óbvia ou compreensível, esclarecer o mundo exterior promoveria, também, o esclarecimento do mundo interior de maneira praticamente simultânea e imediata.

Lembro de algumas situações em que estar de frente a pessoas em sofrimento gerou incômodo interno, como se, de repente, a alegria do mundo não tivesse mais sentido, tudo se tornasse cinza e a mente fosse tomada por qualquer sensação que reunisse sentimentos como angústia e mágoa e culpa e tristeza e raiva e indignação. E quase como num roteiro extremamente disciplinado, o incômodo logo se transformava em questionamentos.

Chegando ao fim do ensino médio, quando a decisão de marcar Biologia no site da Universidade de Brasília – é importante saber que, após 15 anos no Rio de Janeiro, minha família havia se mudado para Brasília, onde eu terminaria de cursar o ensino médio – parecia sólida e inquestionável. Infelizmente, para alguém de mente tão frenética, não bastava se conformar e seguir em frente sem que algumas perguntas fossem feitas e muitos pensamentos remoídos. Todos pareciam ter respostas brilhantes para a famosa pergunta “Por que esse curso?”. Os aspirantes a medicina clamavam pela vocação ou pelo abundante contracheque; os de direito, embasados sobre a inquestionável valorização da advocacia, rapidamente citavam dezenas de concursos públicos da área; e, desta maneira, um a um, cada um argumentava com um mínimo de consciência e racionalidade sua escolha. Já eu, longe desses argumentos tão maduros, estava apenas sendo fiel ao plano daquela criança, com seus sonhos de tornar o planeta um lugar mais justo e bem cuidado por nós e para nós. Quando me deparei com esse pensamento, imediatamente minhas decisões ruíram. Era preciso ser mais madura, responsável e inteligente com uma escolha deste porte. E, nesse sentido, seria fundamental pesquisar, analisar e refletir sobre todas as possibilidades. Em poucos meses, me vi apaixonada por inúmeras áreas do conhecimento, sendo algumas delas história, artes visuais, ciências políticas, biomedicina, dança, sociologia, psicologia, dentre outras. Ao mesmo tempo em que era confuso, era também triste observar que uma vida seria insuficiente para dar conta de tantos desejos intelectuais.

Foi um ano marcado por transformações internas bruscas e difíceis. Constantemente, me perguntava qual seria o sentido das coisas e o que seria, de fato, importante na vida. A ideia de empreender em qualquer investimento de tempo com algo que não trouxesse um retorno real, social e ambiental parecia um pouco vazia e sem sentido, enquanto a possibilidade de fazer algo apenas pelo retorno financeiro parecia um grande desperdício da vida. Convencida de que, em certos momentos, a dúvida poderia ser mais sensata do que a afirmação, escolhi por não prestar Biologia. E nem vestibular.

Sem saber de nada e com alguma vontade de ocupar o tempo, comecei um curso de design. Parecia impossível e cada vez mais distante a decisão sobre o que eu deveria fazer pelo resto da minha vida, e então o curso de design parecia um curso de férias, algo que me interessava e no qual eu poderia passar o tempo, mas que, de maneira nenhuma, seria algo que se transformaria numa carreira.

Seis meses depois do final do ensino médio, do vestibular da UnB e ainda no primeiro semestre do Design, a Biologia ainda me assombrava, como um passarinho que vem todo dia de manhã cantar na janela, sutilmente lembrando que ainda está por ali e que, de alguma forma, faz parte da sua vida. Foi então que o Ministério da Educação – até hoje acho esse acontecimento um tanto quanto não usual – me enviou um SMS (modo de comunicação ancestral) informando que estavam disponíveis vagas em instituições de ensino superior pelo país mediante nota do ENEM. Por algum motivo, eu havia feito o ENEM no ano anterior e, mesmo sem ter estudado muito no final do ensino médio, sempre vi provas de raciocínio como desafios pessoais e me empenhei em resolvê-las. Apenas por curiosidade, entrei no site. Apenas por curiosidade, procurei saber quais universidades públicas ofereciam vagas no curso de biologia. Apenas por curiosidade, escolhi duas e me inscrevi para saber se eu passaria. Selecionei cursos no Rio e em Uberlândia, que era uma cidade perto de Brasília, mais perto do Rio e não muito pequena. Em uma das opções marcadas, a

UFRJ, havia muitas vagas e acabei conseguindo uma delas. Já na UFU, havia apenas uma vaga e pouco mais de 800 inscritos. Sentindo-me a pessoa mais azarada do mundo, fiquei em segundo lugar, pois onde já se viu ser a segunda de um concurso em que apenas o primeiro seria selecionado.

Já chateada por não ter conseguido a vaga num processo seletivo ao qual havia me inscrito apenas por curiosidade, me vi, de repente, assídua no site e mergulhada na possibilidade de “ganhar” uma vaga em uma Universidade. Eis que, após alguns dias, o site atualiza. A felizarda que havia ficado em primeiro lugar, por algum motivo, não compareceu ao dia de matrícula e meu nome havia pulado para o primeiro da lista. Não sei bem porque e, na verdade, nem cheguei a pensar muito sobre o assunto, mas, de repente, me vi descendo as escadas de casa e notificando a todos que eu havia conseguido uma vaga para estudar na Universidade Federal de Uberlândia e que estava de mudança. Minha família não entendeu nada e, quando finalmente consegui explicar tudo que havia ocorrido, ninguém me deu permissão para ir em frente nessa ousada desventura.

O fato é que, na época, eu tinha apenas 18 anos e não sabia cuidar nem de mim e muito menos de uma casa. Entretanto, seguindo firme e forte o plano de ir adiante sem pensar nas consequências ou nos custos materiais e não materiais, arrumei uma mala com o que achei que seria indispensável e sai pela porta, certa de que minha força de vontade superaria e ultrapassaria quaisquer adversidades. Hoje vejo que aquele momento em que me mudei para uma cidade a qual eu nem sabia apontar no mapa – achando que estava perto de Belo Horizonte – foi certamente um momento divisor de águas para mim. No mesmo mês, havia largado o curso de Design, me matriculei em um curso de Biologia, mudei de cidade e fui morar em uma república com mais doze meninas desconhecidas. Como eu já previra, não foi exatamente fácil. Nossa casa era enorme, mas, diante de tantos habitantes, a nossa noção de espaço mudava radicalmente. Dividi quarto com mais duas pessoas e o banheiro com

mais três. Geladeira era apenas uma e se a pia da cozinha tinha fundo, nunca cheguei a vê-lo. Mas foi nessa antiga casa de portão verde na rua Teresina que passei quatro primeiros meses fantásticos desta nova vida. Aprendi a cozinhar, a lavar as meias, a usar o caixa eletrônico do banco, a frequentar supermercado e a fazer faxina, entre tantas outras coisas. Lembro-me aos risos que, quando cheguei na nova casa, ao desfazer as malas, me senti como a criança que foge de casa levando apenas a manta estampada e o ursinho de pelúcia, pois eu havia levado um tanto de coisas desnecessárias e esquecido itens essenciais. A criança que foge de casa jamais esquece sua manta de estimação, mas eu, ao contrário, sequer pensei em levar roupa de cama. Dormindo no colchão sem lençol nem travesseiro, era como se nada pudesse me afetar. A nova rotina, com todos os seus pormenores, parecia muito mais vívida do que a antiga com todo o seu conforto. Por mais que alguns itens faltassem, a sensação era de que estava tudo completo, independente dos bens materiais presentes ou ausentes.

Foi aí que comecei a entender, de maneira empírica, que uma parte do aprendizado não estaria na sala de aula; estaria, verdadeiramente, dentro de casa, nas ruas, na fila do banco, do mercadinho e além, nas esquinas da vida.

Nós éramos completamente diferentes e havia de tudo naquela casa: pessoas evangélicas, católicas, ateus, caseiras, festeiras, bagunceiras, maníacas com limpeza, corintianas, paulistas e, de alguma maneira, nos entendíamos muito bem e nunca tivemos desavenças causadas pelas diferenças. Quando lembro dessas 12 pessoas, percebo que racismo, xenofobia e outros tipos de preconceitos étnicoculturais só ocorrem porque os diferentes recortes de pessoas não tendem a conviver no mesmo espaço; do contrário, todos perceberiam que conviver com a diferença é natural e fortalecedor (mais uma vez, me volto à palavra TXAI e a seu significado). Minha turma, também com certa heterogeneidade, apresentava contrastes, mas, sobretudo, era marcada por pessoas que vinham de cidades de

interior próximas para estudar. Minha história de vida era diferente, meus hábitos, talvez um pouco excêntricos e minha Visão de Mundo contrastava intensamente com a de meus colegas. Não muito raramente, em meus devaneios diários, eu me perguntava o que estava fazendo ali.

Por mais que eu estivesse apenas a cerca de 400 km de minha antiga casa – que não mais eu identificava como lar – era tudo muito novo e diferente. Alguns veteranos, pessoas que nem me conheciam, me receberam com muito afeto e receptividade; já outros gostavam de tratar os calouros como escravos ou algo que não fosse humano. A primeira professora que conheci era também a coordenadora do curso na época e nos recebeu com tamanha amorosidade, como poucas vezes vi no meio acadêmico. Penso que minha turma tinha um certo pé atrás comigo, tanto pelo meu sotaque como pelas roupas e a personalidade em geral. Eles me achavam muito inteligente por ter conseguido a única vaga do ENEM e eu, secretamente, sentia que tudo havia sido um engano e que alguém mais dedicado e merecedor deveria estar no meu lugar. Por tudo isso e por ser diferente, achava que muitos deles não simpatizavam muito comigo, pergunta que em nenhum momento tive a ousadia de dirigir a ninguém.

A primeira semana, em geral, foi singular no sentido de que estávamos dispensados das aulas para participar de atividades de recepção promovidas por alunos do curso e membros do instituto de biologia. De todos os grupos que se apresentaram, de imediato senti uma imensa simpatia e interesse pelo Diretório Acadêmico. Talvez naquele momento, algo em mim já identificara um vínculo que se alastraria por vários anos durante a faculdade e após. A proposta de pensar a biologia de maneira a ajudar as espécies e, dentre elas, a humanidade, alicerçada sobre o lema de que a Educação seria o pivô fundamental dessa revolução, parecia puxar lá de dentro de mim todos aqueles questionamentos e a necessidade de fazer algo que tivesse alguma importância.

A partir daí, todas as semanas seriam repletas de descobertas e vivências que, cada uma a seu jeito, como peças de lego, seriam essenciais na minha construção pessoal. Hoje vejo que, apesar de não ser a pessoa mais dedicada do mundo, nem a mais perseverante, quatro anos foram ínfimos para o tanto de atividades com as quais me comprometi.

Acompanhei por pouco tempo os projetos do Museu de Biodiversidade do Cerrado e sempre estive presente em seus eventos. Já em 2011, segundo ano de faculdade, atormentada com a ideia de que deveria buscar um estágio, passei a acompanhar os alunos do LATRI – Laboratório de Tripanossomatídeos – que realizavam pesquisa em imunologia e parasitologia aplicadas da Doença de Chagas. Depois de muitos anos, pude perceber que esse tipo de pesquisa não estaria comigo após a formatura, mas sei que, apesar disto, essa experiência foi fundamental, tanto para me ensinar sobre a rotina de laboratório, quanto para que eu conseguisse enxergar, de fato, como se dá a pesquisa no Brasil (entendendo também os motivos para este quadro) e ter certeza de algo que eu não gostaria de fazer após formada. Pensando na licenciatura, é inegável o quanto esse estágio enriqueceu aulas de temas afins, como microbiologia, patologias e afins. Tornei-me bolsista do PIBID – Projeto Interdisciplinar de Bolsas de Iniciação à Docência – em 2012, e, até 2014, acompanhei o grupo, experiência que me permitiu acumular uma boa bagagem de conhecimentos sobre o dia a dia da Escola pública. Durante as reuniões do PIBID, conheci uma aluna de doutorado em Educação e me aproximei do GEPEDI – Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Desenvolvimento Profissional Docente – em cujas reuniões aprendi muito sobre bases epistemológicas e pesquisa em educação. Além disto, por motivos que até hoje não entendo bem, me propus, também, a ajudar na organização de todo tipo de evento imaginável, desde a semana de recepção de novas turmas até a construção das semanas acadêmicas e *happy hours* de confraternização de alunos.

Passados quatro meses na república de início, mudei-me com uma colega de sala, com quem rapidamente me identifiquei de cara e rapidamente nos tornamos amigas de infância. Alugamos um apartamento de dois quartos em um condomínio perto do *campus* e fizemos nossa mudança em um *doblô* emprestado. Nossa casa não era nada convencional, com placas de trânsito encostadas na parede da sala, móveis emprestados das casas das avós e manifestações artísticas e literárias pelas paredes. Mas a sensação era de aconchego e paz, como deve ser um lar. Em abril de 2011, motivada pela incapacidade de dizer não em certas situações e de não pensar racionalmente ao tomar decisões, adotei um gatinho de rua. Quando Pietro chegou, diretamente do fundo de uma roda de carro estacionado em qualquer esquina da cidade, era tão magro e subnutrido que nitidamente se podia ver suas costelas sob a pele. E foi com ele que muito aprendi sobre a ciência da biologia.

Em meados de 2012, após dois anos nesta mudança de vida, o dinheiro que eu havia guardado durante o ensino médio e que agora usava para me manter sozinha em outra cidade estava se acabando. Ressalto que, quando tive a brilhante ideia de sair de casa, fiz um pacto comigo mesma de que eu me tornaria totalmente independente. Eu passaria a viver da maneira como queria e acreditava – principalmente, distante de valores conservadores, religiosos e elitistas que passei a vida repugnando – e, para isso, seria necessário não depender de ninguém de maneira nenhuma. A vida de “dona de casa” não era exatamente tranquila, mas, ainda assim, com ela, vinha a sensação de paz e a certeza de estar no meu espaço, fazendo as coisas do meu jeito, e conforto ou facilidade nenhum jamais seriam capazes de superar isso. Em vista da necessidade de dinheiro para pagar contas e despesas, sai em busca de um trabalho. Em momento algum pensei em desistir e voltar para a casa da família, mas confesso que não foi exatamente fácil. Depois de algumas semanas buscando, acabei conseguindo. As oportunidades foram aparecendo e fui trabalhando com várias coisas diferentes, desde festas infantis até escola de inglês. Hoje em dia, ainda me pego

refletindo sobre esses trabalhos e se não deveria ter filtrado melhor o que aceitar e o que não aceitar, pois, em alguns momentos, trabalhei vejo que exigi demais de uma jovem de apenas 20 anos de idade, mas, mais uma vez, retornando à história de Santiago, não questiono a importância de ter passado por isso naquele exato momento. Essa época de correria, exaustão e incertezas, como mencionei anteriormente, foi, talvez, uma das mais importantes da minha vida, pois me apresentou a um lado meu que, até então, não conhecia, e revelaram em mim uma força capaz de mover montanhas.

E assim segui por algum tempo, trabalhando, fazendo estágios, participando de centro acadêmico, cuidando da casa, sendo mãe de um gatinho que tinha agora 7 quilos de muito charme e cursando as disciplinas do currículo, entre outros afazeres do dia a dia. Em relação às disciplinas, seria preciso escrever um livro inteiro para organizar tudo que me trouxeram e geraram em mim, mas é indispensável citar aquelas que ficaram marcadas não só em meu currículo, mas também em minha memória: PIPE I, Política e Gestão da Educação, Psicologia da Educação, Didática Geral, Biologia Celular e Histologia, Ecologia Geral, Ecologia Animal, Biologia Marinha, Estágio 2, Genética, Evolução e Libras.

Para o centro acadêmico, também precisaria escrever um livro exclusivo – uma coleção inteira talvez. São essas recordações que me fazem crer que há forças atuantes no universo que nos movem em direção àquilo que o destino nos reserva. O Diretório Acadêmico Charles Darwin (DACD) – ao contrário da Associação Atlética, da Empresa Júnior e do Programa de Estudos Tutoriais (PET) – não era exatamente um grupo que atraía o interesse da grossa maioria do corpo discente, mas foi com essa salinha marcada por debates e sonhos que, desde os primeiros dias na Universidade, algo em mim parecia se identificar. Sempre participei de todos os cursos e eventos do DACD na medida das minhas possibilidades e sempre levei muito a sério a necessidade de se debater e de se estabelecer uma disputa política tanto no campus, como para além de seus muros. No início de 2012, em uma oficina

por eles organizada, subitamente, me veio um sentimento de urgência de participar do grupo como membro ativo, como se eu devesse estar fazendo isso desde o primeiro semestre da graduação. E assim foi feito.

Foi dentro da nossa pequena salinha, com não mais de uns 50 metros quadrados e alguns móveis velhos cedidos por professores e departamentos da Universidade, que encontrei pessoas que, assim como eu, questionavam o sistema e queriam lutar por causas comuns, como a qualidade do curso de Biologia, a excelência das instituições públicas em geral, a questão ambiental, o debate feminista, o debate de gênero e sexualidade, a reforma política, a reforma agrária, a reestruturação do sistema socioeconômico e, entre tantos outros, como não poderia deixar de ser, a Educação pública emancipatória, laica e plena. Por conta da rotina e das demandas do grupo pude conhecer e conviver com outros corações inquietos e algumas mentes brilhantes e, de certa forma, eu não mais me sentia tão sozinha.

Estando mais inserida e em vista da indisponibilidade de meus companheiros, acabei assumindo o cargo de representante discente da graduação no Conselho do Instituto (CONIB) e pelo qual dediquei muitas tardes de quinta-feira em extensas reuniões discutindo e decidindo todo tipo de assuntos administrativos e, por vezes, pedagógicos. De início, confesso que era um pouco intimidante ser a única estudante da graduação numa sala cheia de professores com suas vastas titulações e tudo mais. Com o tempo, porém, acabei me acostumando e não mais me sentindo inibida ao expor meus pontos de vista sobre inúmeras questões que eram temas de cada conselho. Avalio, também, que esta experiência de ver a Universidade administrativo foi extremamente enriquecedora na medida em que me abriu os olhos e me pôs diante de questões nunca antes analisadas.

E assim, entre todas essas atividades, os semestres foram se passando e as horas do currículo foram sendo completadas. Em setembro de 2014, um mês antes de colar grau em licenciatura, fiz um concurso para a rede de educação pública em Brasília. Consegui

algumas apostilas com o material da prova e as li na medida das minhas possibilidades. Sem muitas expectativas e absorva na correria do dia a dia, não estava exatamente acompanhando o concurso, inclusive por já ter escutado bastante que esse tipo de processo seletivo poderia levar meses para disponibilizar o resultado e até anos para contratar os selecionados. No dia 6 de dezembro do mesmo ano, um sábado, recebi uma mensagem de uma amiga que também havia prestado o concurso dizendo que eu havia passado. E em primeiro lugar na minha área. Foi um período de transição bastante complicado e confuso, pois eu não sabia de nada ao certo. Não sabia quando seria contratada. Não tinha certeza sobre me mudar de cidade. Ainda tinha toda uma vida em Uberlândia e precisava saber se já havia realmente chegado o momento de desapegar dela. Entretanto, o final da faculdade é um período tomado por uma bela parcela de medo em sair do conforto da posição de estudante e enfrentar o mundo e o mercado de trabalho e, sabendo das dificuldades certeiras de um recém-formado, algo em mim dizia que eu precisava superar as incertezas e seguir perseverante na carreira que havia escolhido. Não seria fácil, eu sabia. Mas, de alguma maneira, eu estava convencida de que era preciso honrar todo o conhecimento “gratuito” recebido naquela instituição e ser grata por ter um emprego, um cargo público, com apenas 22 anos de idade.

Entreguei a documentação e assinei os papéis em meados de fevereiro do ano seguinte e, antes do final do mês, eu já havia começado a trabalhar. Tendo sido a primeira colocada, eu poderia escolher minha vaga dentre todas as disponíveis. Escolhi uma na qual poderia ficar até o final do ano em uma ótima escola situada na Asa Norte. Quando cheguei à essa Escola, fiquei completamente encantada com o lugar. Nunca antes havia estado em uma escola pública tão organizada e bem cuidada. Cada um tinha sua própria sala ambiente e a minha era equipada com *data show* instalado no teto, uma televisão de 40 polegadas moderníssima com cabo HDMI e um armário ao fundo cheio com todo tipo de material,

desde livros a itens de papelaria. Eu ficaria com todas as turmas de segundo e terceiro ano do ensino médio, totalizando uma carga de 40 horas semanais, distribuídas em regime de jornada ampliada, ou seja, o professor deve lecionar em apenas um turno e, no outro, participar de reuniões de coordenação e realizar atividades em casa.

Na minha segunda semana de trabalho, numa terça, contudo, fui surpreendida ao chegar à escola e ver que havia alguém em minha sala. Pedi que essa pessoa viesse à porta e, entre ser educada e estar confusa, perguntei quem era e o que estava fazendo ali. Eis que ele me responde que é o professor de biologia e que aquela sala seria dele. Na hora, sem entender nada, fui direto à direção da escola tentar esclarecer a situação e me informaram que a Regional de Educação havia mandado outro professor, um funcionário já efetivado, para ficar com o meu cargo. Naquele momento, fui tomada por uma sensação enorme de insegurança e desrespeito e fui correndo à Regional de Educação do Plano Piloto. Chegando lá, expliquei o que havia acontecido, ainda um tanto desconcertada, e me explicaram, sem nenhum vestígio de empatia, que “isso acontece mesmo”, ou seja, um professor efetivo, com mais tempo de casa, pode muito bem pegar a vaga de outro, não efetivo, deixando este, muitas vezes, sem trabalhar e, conseqüentemente, sem receber.

Na mesma hora, exigi outro cargo, pois seria inconcebível estar sem trabalhar tendo sido primeira colocada enquanto pessoas que haviam passado depois de mim estavam alocadas em escolas dando aulas. Por sorte ou qualquer outro motivo indetectável, a funcionária, que antes dissera não haver mais carências disponíveis, localizou uma vaga para substituir um professor afastado por licença médica em uma escola na Asa Sul.

O cargo era de apenas 20 horas semanais e a escola era muito maior e menos estruturada que a outra e, nessa época, me vi mergulhada em um *mix* de sensações sobre a carreira do magistério, sobre a secretaria de educação e sobre o que significa ser funcionária pública em áreas voltadas à população, como segurança e saúde, por exemplo.

Foram muitas vivências desde que comecei na secretaria de educação do DF até agora, e, por conta de tantas mudanças, não só na vida profissional, como na pessoal, acabei deixando de lado o bacharelado. Por muitos meses, refleti sobre continuar ou não para obter o diploma de bacharel e algo em mim pedia que eu fizesse o esforço de concluir mais esta etapa. Também no ano de 2015 fiz o curso Gaia, um curso da ONU que propõe redesenhar as relações entre o ser humano e o planeta, tendo como base princípios da permacultura, entre eles, agroecologia, comunicação não-violenta, economia solidária, resgate de culturas e afins. Foram muitos finais de semana cansativos, mas que me ajudaram a construir uma nova Visão de Mundo e que hoje me fazem pensar os debates em educação de maneira mais holística e profunda.

Durante a graduação, passei muito tempo fazendo estágio em laboratório com Doença de Chagas e só depois de sair e de se passarem uns meses, pude perceber que não conseguiria continuar na área ou mesmo escrever um trabalho de monografia sobre o tema. Acabei percebendo que precisava trabalhar e escrever sobre Educação e, pensando em quem poderia me orientar – visto que a Universidade nos coloca a obrigatoriedade de ter um orientador – lembrei da professora que havia ministrado a disciplina de Didática e, mesmo sem saber ao certo, algo que me dizia que ali estava uma possibilidade fantástica. Mais uma vez diante da intuição e nada mais, conversamos, trocamos e-mails, debatemos possibilidades e contextos e, então, iniciamos, juntas, a empreitada de fazer um trabalho que pudesse propor uma nova visão de Escola dentro do ensino público e, de certa forma, acabamos corroborando para uma nova visão de monografia dentro da Academia.

2. EDUCAÇÃO, ESTADO E UNIVERSIDADE – UMA ANÁLISE DE CONJUNTURA

“Na verdade, o que pretendem os opressores

É transformar a mentalidade dos oprimidos

E não a situação que os oprime,

E isto para que,

Melhor adaptando-os a esta situação,

Melhor os domine.”

Paulo Freire

Apesar de o ano ser 2016, o panorama nacional da educação brasileira ainda se encontra no século XX. Para se entender a fundo o que acontece hoje na Escola é necessário retomar a história da Educação no país nos últimos tempos. Sabe-se que os primeiros processos de ensino se deram pelos jesuítas e perduraram por cerca de dois séculos após o “descobrimento” do Brasil pelos portugueses. Após a Reforma Pombalina, as Aulas Régias se instauraram como primeira forma de ensino público no país, momento no qual a responsabilidade de ensino foi transferida da Igreja para o Estado. Em meados do século XIX, começam a surgir as primeiras tentativas de se organizar amplamente a Educação como instituição nacional. Apenas após o golpe de 1930 são criadas as faculdades pioneiras, que tinham como norte a formação de professores. Os cursos de filosofia, ciências, letras e pedagogia possuíam três anos de bacharelado e mais um ano complementar de licenciatura. Nesse período, pequenas medidas eram pensadas uma vez que iam surgindo as necessidades nas instituições de ensino, e o Estado carecia de um planejamento geral e completo para a Educação pública. A Lei de Diretrizes e Bases – LDB – surgiu apenas no final do ano de 1961, num período em que ideias renovadoras estavam em voga. Após o golpe de 1964, contudo, esse movimento progressista cessou e o ensino no país foi reorientado de acordo com as demandas do governo militar. Com o fim da

ditadura, nos anos 1980, a LDB foi reformulada e o próximo grande marco foi a criação do Plano Nacional de Educação – PNE –, em 2001, sendo este um documento que define metas e objetivos para a Educação a cada dez anos, além de votar o orçamento que deve ser investido nesta área nesse período (SAVIANI, 2004). Observa-se que muitas escolas foram criadas e a quantidade de alunos matriculados aumentou significativamente entre o fim do século XIX e o fim do século XX, o que não significa, entretanto, que o sistema de educação esteja excelente. Avançou-se muito em relação à organização e estrutura, porém, ainda há inúmeros problemas de naturezas prática e ideológica que precisam ser repensados.

As últimas duas décadas do século XX foram marcantes para o processo de desenvolvimento brasileiro e, com isso, o país passou por fortes mudanças econômicas e políticas. Apesar destes importantes avanços, o Brasil continua ainda longe de se tornar um país desenvolvido e, conseqüentemente, fica submisso às políticas econômicas das potências mundiais. O Banco Mundial, por exemplo, é hoje uma das instituições globais que mais tem o poder de direcionar as políticas educacionais nos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, que não têm outra alternativa a não ser acatar tais políticas. Em uma primeira leitura, as orientações do Banco para a Educação parecem boas, porém, uma leitura mais atenta deixa claros os nítidos interesses por trás de tais concepções. É muito íntima a relação entre a educação brasileira e os pilares do neoliberalismo capitalista. Os indivíduos são manipulados a produzir, distribuir e consumir para gerar, prioritariamente, o acúmulo de capital, e tais demandas, necessariamente, atravessam um panorama de Educação ideal, ou seja, uma educação que seja laica, gratuita e de caráter formador e emancipatório, entre outros. Segundo Marx (1859), a sociedade é diretamente influenciada pelos modelos sociais impostos e, enquanto o sistema for edificado sob pilares que priorizem o acúmulo de capital, as demandas sociais não serão sanadas. Coraggio (1996) salienta que as políticas sociais são construídas com base na política econômica.

As maiores vítimas deste sistema maquiado de humanista são os alunos, todos em situação de pobreza, os doentes, as famílias marginalizadas e os próprios professores, entre tantos outros. Por estas questões é que a luta política por melhorias para o ensino – principalmente para o ensino público – é um dever ético dos educadores para com a sociedade (LIBÂNEO, 2012).

A partir daí percebe-se uma clara dicotomia entre os ensinos público e privado. A Escola do governo deve, obrigatoriamente, obedecer a todas as medidas estatais e carece, frequentemente, de serviços básicos, como estrutura, material, profissionais etc. Já a Escola particular não sofre destas problemáticas, na medida em que visa o lucro do capital e, para isto, deve investir nas demandas da instituição. Apesar desta clara desigualdade, vê-se que, nas instituições privadas, há um foco em aprovação nos processos seletivos (como vestibular e ENEM), pois, desta maneira, objetivam atrair novos alunos com seus altos índices de aprovação, ao passo em que, na Escola pública, ainda se vê, por parte de muitos professores, a busca por um ensino integral, de maneira a formar cidadãos críticos e autônomos como prioridade. É na Escola pública, portanto, que está a chama da esperança para a revolução em todas as instâncias da sociedade.

Os professores, como formadores, têm a responsabilidade de olhar o Mundo com olhos sempre atentos e críticos. Sendo este cada vez mais capitalista e globalizado, surge a necessidade de se debater qual o valor que damos ao indivíduo, que é um ser cultural, emocional, profissional etc. (FREIRE, 1974). Ainda em relação aos educadores, devem acreditar, persistentes, na Educação pública, laica e contextualizada (FREIRE, 1996) como a grande transformadora das sociedades e do planeta.

Neste sentido, a atuação profissional deve trazer a discussão de como melhorar a Educação com o intuito de formar cidadãos melhores (PIMENTA, 1997), que possam construir

um futuro saudável e digno para o planeta, onde a qualidade de vida da fauna, da flora e das pessoas seja sempre a questão mais relevante.

Apesar da indiscutível importância do professor no processo de ensino-aprendizado, observa-se, ainda, muita negligência com os cursos de licenciatura. Pimenta (1997) através da observação de várias pesquisas, também escreve que os currículos dos cursos de licenciatura, nas últimas décadas, trazem elementos e conteúdos distanciados da realidade da comunidade escolar e que priorizam perspectivas burocráticas e técnicas. Ainda neste trabalho, a autora questiona os saberes que devem direcionar o profissional docente em sua formação e em seu trabalho e como vem se dando a construção de sua identidade profissional hoje.

Outro fato marcante é que as metodologias de ensino adotadas por determinado professor não são escolhidas e utilizadas ao acaso, são fruto de identidades pedagógicas e de concepções epistemológicas do docente, ainda que estejam apenas em seu inconsciente e que ele, portanto, não tenha clareza das linhas políticas que segue enquanto profissional. Desta forma, a ideia de que os cursos de licenciatura devem proporcionar aos licenciandos base teórica sólida para que eles possam construir sua identidade profissional e para que tenham elementos para refletir todos os aspectos, objetivos e motivos que compõem/circundam a aula é mais uma vez reforçada.

O que ocorre é que as disciplinas ofertadas em tais cursos não são, muitas vezes, capazes de contemplar as reais necessidades dos licenciandos em formação e faltam muitos debates acerca dos temas principais que envolvem a prática docente, ainda que tenhamos professores brilhantes e com extensa formação na área da Educação. Entretanto, questiona-se qual o valor de tamanho saber se este não instrumentaliza a formação e a prática docente (PIMENTA, 1997).

Desta forma, quantos professores diretivistas, autoritários, conteudistas, entre outros, não serão pura e simplesmente o resultado de tantas graduações onde o desenvolvimento de

consciência crítica e responsabilidade profissional não existe? Grande parte dos professores de hoje foram formados sob uma perspectiva extremamente positivista e produtivista, o que não legitima, contudo, seu comportamento e a perpetuação de tais práticas. Tardiff (2000) comenta que os alunos dos cursos de licenciatura passam pela academia sem modificar suas crenças anteriores sobre o ensino e que, quando formados, reativam estas crenças para solucionar seus problemas no ambiente profissional. Enfim, o que acontece, frequentemente, é que quando a graduação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e constatando, na maioria das vezes, que muitos dos conhecimentos adquiridos na Academia não se aplicam bem na ação cotidiana (WEDEEN, 1998).

Em parte, o desequilíbrio no tripé universitário – pesquisa, ensino, extensão – possui parcela de culpa. Aprende-se, na graduação, a se eleger um dos pés e a torná-lo a base principal do processo, e isto não é diferente na área pedagógica, na medida em que pesquisa, formação e prática constituem três polos separados. Os próprios professores universitários precisam realizar pesquisas e reflexões constantes sobre suas próprias práticas de ensino (TARDIFF, 2000), até para que esse tripé não se torne manco.

É preciso que se entenda, de uma vez por todas, que o trabalho do educador vai muito além de transmitir conhecimentos técnicos. Segundo Vygotsky (2007), o homem é, acima de tudo, um ser social, pois seu pensamento tem gênese social e as condições materiais direcionam a formação destes pensamentos.

Pensar e atuar no campo da educação de forma a humanizar as pessoas implica em responsabilidades sociais e éticas e capacidade de pensar e executar os modos de fazer (LIBÂNEO, 2005). Segundo Antônio Nóvoa (2012), o professor tem a responsabilidade de colocar sua autoridade a serviço da liberdade do estudante e de usar

disto para transformá-lo em um indivíduo autônomo, pois, desta maneira, ele será capaz de reflexões amplas tanto enquanto profissional como em relação a sua vida pessoal.

Pimenta (1997) escreve que a identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão e que, conseqüentemente, somente na prática, haverá o confronto com a teoria. Deste confronto, surge a urgência pela retomada às bases epistemológicas que formam o professor no intuito de que a prática possa ser reformulada e melhorada. Na medida em que a prática é novamente exercida, novamente, é preciso voltar-se à teoria em processo cíclico e interminável. Paulo Freire (1996) classifica essa série de eventos como práxis pedagógica e, a partir deste conceito, mostra que teoria e prática se complementam, de maneira indissociável.

No ensino tradicional, entretanto, esse movimento de renovação não acontece, na medida em que as aulas são planejadas e ministradas de maneira mecânica e o aluno situa-se como objeto do processo de ensino-aprendizagem, nunca como sujeito. Práticas docentes como esta acabam por excluir a humanização e a horizontalização dos saberes que devem fazer parte do decurso educativo. Quando o aluno apenas executa a prática, ele deixa de participar dos processos que estariam construindo os novos saberes e, conseqüentemente, os novos conceitos se tornam abstratos e sem significado (VYGOTSKY, 2001; 2004). Gasparin (2005) também afirma que o processo pedagógico deve possibilitar a “compreensão da essência dos conteúdos a serem estudados” em oposição à simples memorização. Sendo assim, fica claro que teoria e prática devem estar atreladas e que se deve refletir profundamente acerca dos motivos e dos potenciais do uso de cada ferramenta didática.

A didática, inclusive, é um dos elementos mais essenciais no processo de ensino-aprendizagem, por mais abstrato que possa parecer. Neste sentido, para se pensar a escola, é necessário se pensar nas ideias e valores que movimentam o desenvolvimento

social da humanidade, em função das condições sócio históricas do presente, a história das ideias e dos valores sociais, as características do sistema de relações, os vínculos da escola, e o grupo ao qual pertencem, além dos recursos disponíveis e passíveis de serem mobilizados pela escola. Pensando estes itens, e a partir de bases epistemológicas, o professor conseguirá, de fato, alcançar seu público-alvo, ou seja, seus estudantes (VYGOTSKY, 2007). Tal objetivo, entretanto, não será alcançado sem amplas conversas e debates entre educandos e educadores.

A dialogicidade – tanto discutida por Paulo Freire e por outros pensadores – é essencial para a assimilação da aula, no entanto, é também fundamental que o professor saiba coordenar e organizar os debates que surgem, a partir de falas e outros elementos que intermedeiem os conceitos abstratos e os conhecimentos espontâneos dos alunos. Vygotsky, em sua Teoria Histórico-Cultural, aponta que a dialética impulsiona a aprendizagem e que esta deve ser mediatizada por instrumentos que se interponham entre o sujeito e o objeto, ou seja, entre o educando e o objeto de estudo da aula.

Para uma boa práxis, portanto, não basta apenas estudar ou executar, é preciso fazer os dois de maneira integrada. Nas palavras de Paulo Freire (1996, p.29), “Não há pesquisa sem ensino, nem ensino sem pesquisa”, ou seja, o bom professor vive em constante busca por novos saberes e estes novos saberes precisam ser perpassados para que não tenham fim em si.

Por fim, Lanece (1993) aponta que o registro sistemático das vivências profissionais, caracterizadas como prática, são essenciais na construção dos conhecimentos teóricos no sentido de que se possa, a partir destas, investigar os resultados alcançados.

É evidente o crescimento da investigação sobre a carreira docente nas universidades e instituições de pesquisa no Brasil, principalmente a partir da década de

1990, o que tem possibilitado um debate fundamentado em análises empíricas e teóricas e, por conseguinte, uma discussão mais qualificada sobre o tema. Todavia, as licenciaturas, cursos que habilitam para o exercício desta profissão no país, permanecem, desde sua origem na década de 1930, sem alterações significativas em seu modelo de ensino (PEREIRA, 1999).

As licenciaturas dos cursos de ciências da natureza – biologia, matemática, química e física – encontram-se ainda muito atrás das licenciaturas em humanas, por serem compostas, majoritariamente, de disciplinas e docentes positivistas e/ou produtivistas, o que acarreta problemas no ensino de tais disciplinas nas escolas. A Biologia, que deveria ser entendida com mais naturalidade, devido a se tratar de questões próprias do dia a dia, do corpo humano, do meio ambiente que rodeia a sociedade, entre outras, vem se distanciando cada vez mais da sua realidade natural e se tornando, infelizmente, uma ciência bastante abstrata e complexa para os estudantes.

Na atual conjuntura global, é essencial que o professor de biologia leve para a sala de aula as questões polêmicas que têm abalado o mundo contemporâneo, como os conflitos ambientais que nosso planeta vem enfrentando nos últimos anos. Atualmente, há uma corrida clara em busca da dominação da natureza. Esta corrida, segundo Marx e Engels, demonstra também uma tentativa de dominação dos homens e uma tentativa de impor um modelo de sociedade (SATO, 2006). Gasparin (2005) discorre acerca de como o processo pedagógico deve possibilitar aos educandos a compreensão da essência dos conteúdos a serem estudados, de maneira ampla, a fim de que sejam estabelecidas as ligações internas específicas desses conteúdos com a realidade social, política e econômica.

Leff (2001), por exemplo, fala sobre a impossibilidade de resolver os crescentes e complexos problemas ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma mudança

radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos da sociedade, tendo-se em vista, mais uma vez, que é esta guiada pelo modelo econômico.

Observando-se este panorama, fica a pergunta: qual é o papel do professor hoje no ensino público e quais são suas concepções acerca do modelo de Escola que temos atualmente? Desta forma, reforça-se a necessidade de reflexões, pesquisas, debates e incessante busca por saberes em todas as áreas da Educação e nas específicas, para que os educadores, tendo claras essas ideias na cabeça, possam realizar sua função de maneira construtiva, crítica e emancipatória.

Vivemos, hoje, no país, um momento de muita confusão no cenário político, e, mais do que nunca, a reflexão profunda e a análise de contexto nacional se fazem fundamentais para se pensar a Educação que temos e que queremos no Brasil.

É complicado discutir política pois sabemos que estão imersos nesse debate uma ampla gama de opiniões, histórias, culturas, crenças e afins. Entretanto, nas diversas instâncias políticas pelo país vemos uma quantidade absurda de representantes que se utilizam de seus cargos para benefícios pessoais e de terceiros, enquanto a maior parte da sociedade, incluindo aí a classe trabalhadora, é prejudicada e sofre com a falta de serviços e bens importantes, como saúde, educação, moradia, segurança e tantos outros.

Enquanto biólogos, é preciso perceber como está sendo tratada a questão ambiental, que afeta diretamente todos os setores da indústria e a vida da população. Em 2015, tivemos o pior acidente ambiental no país com o rompimento da barragem do Rio Doce. Pessoas ficaram sem casa, se machucaram, morreram, perderam tudo o que tinham. Ninguém está preso, não houve o suporte adequado a estas pessoas e hoje, tramita no congresso uma proposta de lei para se acabar com o licenciamento ambiental no país.

Na Educação, todos os dias são noticiados desde escândalos de corrupção até a entrega da pasta para instituições privadas. Em São Paulo, ocorrem manifestações diárias devido a atitudes do governo, como o desvio de verba da merenda escolar e a tentativa de se fechar escolas sob o falho disfarce de reorganização do setor educacional público. Em Goiás, acabou-se a contratação de professores através de concurso público devido à instauração das Organizações Sociais, que prometem “gastar menos e otimizar o funcionamento das escolas”. Tramitam no congresso projetos de lei que têm como objetivo se proibir o ensino da teoria da Evolução e o debate político nas escolas (“Escolas sem Partido”; “Lei da Mordaça”).

São incontáveis os retrocessos, os crimes (sendo a corrupção talvez o mais presente), as injustiças, os atos nepotistas, a mistura de religião e Estado, os absurdos, entre outros, que estão marcando a política brasileira hoje. Sob todos estes contextos e tantas denúncias, acabamos de ter uma presidente afastada sob diversos pretextos. Esse trabalho não objetiva analisar os processos e indivíduos então citados a fundo, mas é fundamental que questionemos os motivos que encabeçam e tornam concretos todos estes atos e a maneira como cada pessoa e cada setor respondem a cada acontecimento.

Se queremos uma Escola verdadeiramente reformada, em todos os sentidos, é preciso ir além de seus muros e expandir as lutas para as instâncias políticas, para que o ensino possa, de fato, se tornar emancipatório, laico, excelente, politizado, contextualizado e humano.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Realizar uma análise sobre a Educação pública em Brasília, tendo em vista a situação da escola pública, as posturas do governo manifestadas por meio de documentos oficiais e as Visões de Mundo dos professores de ensino médio sobre toda essa realidade.

3.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a realidade da educação pública, tendo em vista as políticas públicas implementadas e sua influência sobre a escola pública;
- Analisar como a *práxis* docente oriunda da formação e das vivências cotidianas influencia no planejamento e execução de aulas dos educadores;
- Identificar como os educadores se sentem em relação ao seu dia a dia na Escola;
- Refletir sobre possíveis alternativas para repensar os problemas de estrutura e de relações na escola;
- Refletir sobre o sistema político e sobre as políticas públicas que hoje definem o caráter das escolas públicas.

4. INSTRUMENTOS

A pesquisa tem caráter qualitativo, isto é, apresenta uma análise ampla e complexa com determinadas características, como a convivência intensa e direta no ambiente de estudo, descrição detalhada de elementos do contexto analisado, foco nos processos que perpassam o cotidiano do pesquisador e dos investigados (e não nos resultados), preocupação em captar

as percepções pessoais dos participantes e análise dos dados com tendência predominantemente indutiva (BOGDAN e BIKLEN, 1982).

Em relação à abordagem, tive como prioridade que o perfil da pesquisa fosse construído com base em uma abordagem etnográfica. O trabalho foi pensado para explorar a fundo o que se passa no contexto escolar entre educadores, e é um dos objetivos perpassar aspectos práticos e conseguir expressar com certa clareza quais são as visões de mundo que compõem o universo escolar. Nesse sentido, Wolcott (1975); ressalta que a pesquisa em educação deve conseguir ir além dos muros da Escola e apropriar-se, também, do contexto cultural mais amplo que a compõe.

Wilson (1977 APUD LUDKE e ANDRÉ, 2014, p.17); classifica a pesquisa etnográfica em dois conjuntos, sendo um deles:

A hipótese naturalista-ecológica, que afirma ser o comportamento humano significativamente influenciado pelo contexto em que se situa. Nessa perspectiva, qualquer tipo de pesquisa que desloca o indivíduo do seu ambiente natural está negando a influência dessas forças contextuais e, em consequência, deixa de compreender o fenômeno estudado em sua totalidade.

Nesse tipo de pesquisa, enquanto pesquisadora, é preciso estar atenta durante as etapas de exploração, decisão e análise, pois é fundamental que algumas posturas sejam adotadas e seguidas de maneira sistemática. Há que se aprender a lidar com uma infinidade de particularidades com as quais se confronta, como as diferentes visões de mundo, o comprometimento e a disciplina em realizar o trabalho de maneira ética e a imprescindibilidade de guardar informações confidenciais. Para além de questões técnicas, é de fundamental importância que a pesquisadora também trabalhe sua relação com os participantes de maneira a criar laços de confiança honestos, demonstrando empatia e sensibilidade com cada um.

O método selecionado para a realização das análises propostas é a entrevista do tipo semiestruturada individual. Para Queiroz (1988), esse tipo de entrevista é uma técnica de

coleta de dados que se constrói a partir de um diálogo fluente entre entrevistador e entrevistado, a qual é direcionada pelo pesquisador de acordo com sua sensibilidade e com suas necessidades diante dos objetivos e das temáticas da pesquisa.

A análise do texto foi feita com base na técnica de análise de conteúdo do tipo categorial temática, proposta por Bardin, sendo esta uma técnica que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo, temas recorrentes que são agrupados para compor uma categoria empiricamente definida, que permita a interpretação de conhecimentos relativos ao objeto da pesquisa.

A Análise de Conteúdo deve ter como ponto de partida uma organização. As diferentes fases da análise de conteúdo organizam-se em torno de três polos, conforme Bardin (2009): 1. A pré- análise; 2. A exploração do material; e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

A partir da leitura incessante do material coletado, foram definidos as categorias e os temas. Para isto, teve por base semelhanças semânticas e psicológicas que pudessem originar agrupamentos para posterior análise dos dados.

A partir da sistematização do material segundo o método acima descrito, a interpretação dos dados se deu por inferências e também por leituras incessantes, isto é, técnica conhecida como leitura flutuante. A análise, além de contar com as transcrições das entrevistas, também se deu através de observação direta dos participantes no ambiente escolar e da pesquisa documento, ou seja, o estudo dos textos oficiais que normatizam e orientam a educação no país e no Distrito Federal.

5. PROCEDIMENTOS

“Não existe um corpo que faz e um cérebro que pensa.

O que existe é um homem que pensa e faz sem qualquer divisão. “

Rudolf Steiner

5.1 Pré-Análise

A escolha do tema foi feita com base na necessidade de se observar a educação pública atual de um ponto de vista mais prático e vivencial, e menos distante, como tantas vezes ocorre na Academia. Escolhi a escola em que trabalho devido à facilidade do acesso e à proximidade com os colegas. O instrumento foi definido com o intuito de possibilitar uma maior análise do que se passa na cabeça e no cotidiano dos profissionais da escola pública.

A Escola onde se deu a pesquisa está situada em Brasília, DF, na asa sul da cidade. Criado em 1960, o colégio foi o primeiro de ensino médio da rede pública da capital e, em pouco tempo, se tornou um marco de excelência e de luta política na cidade. Além de uma ampla biblioteca, com cerca de 20 mil exemplares, conta ainda com enorme jardim, um Centro Integradado de Educação Física (CIEF) – no qual as turmas realizam as aulas de educação física e – um Centro Interescolar de Línguas (CIL) – no qual os interessados podem estudar idiomas – em suas dependências.

Infelizmente, hoje a Escola encontra-se sucateada e negligenciada pelo governo. Há necessidade de uma reforma urgente, que vem sendo adiada há anos e a estrutura não mais atende às demandas da comunidade escolar. Sua arquitetura também é digna de uma ampla análise. Quase não há janelas nas salas e há grades em todos os lados, assemelhando-se a um presídio.

Atualmente, são cerca de 2.800 alunos divididos nos primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio e cerca de setenta professores, além de outros funcionários (merenda, portaria, secretaria etc.). O primeiro ano possui 19 turmas, de A a S, e dois professores por disciplina para dar conta da demanda, com exceção da disciplina de espanhol, que só conta com um professor devido à menor quantidade de aulas semanais. Para esta pesquisa, foram convidados alguns professores da primeira série do ensino médio, que lecionam para as turmas N, O, P, Q, R e S, a participar de uma entrevista semiestruturada.

As entrevistas foram planejadas de maneira a atingir os objetivos já mencionados e enquadram-se no perfil de semiestruturadas, ou seja, as questões foram previamente definidas, mas, no momento da entrevista, houve abertura para serem adicionadas novas questões, caso o entrevistador assim achasse necessário. Os professores foram convidados a participar da pesquisa e, após marcação de data e lugar, as entrevistas foram executadas e registradas.

A seleção dos participantes se deu pela necessidade de haver representatividade, por isto, foram convidados educadores de uma mesma escola, mesma série e mesmas turmas. O roteiro da entrevista se manteve mesmo para todos os participantes com o objetivo de se obter certa homogeneidade. A análise dos dados foi feita mediante leitura flutuante do material e, portanto, foi feita sob o princípio da exaustividade. Além disso, foram realizadas, também, análises nos documentos oficiais da escola para melhor compreensão de seu funcionamento, sendo eles o Acordo didático e o PPP. Todas as questões que envolvem o planejamento e a execução deste trabalho foram pensadas de maneira que o estudo pudesse ser coerente e ter valor social (BARDIN, 1977; BARDIN, 2009; SILVA E FOSSÁ, 2013).

A princípio, a ideia desta pesquisa seria fazer uma análise mais técnica da educação pública no Distrito Federal, porém, à medida que os primeiros passos foram sendo dados e também, em grande parte, devido às experiências pessoais nesse período, a proposta acabou

tendendo para uma análise mais holística e humana acerca do dia a dia dos educadores da escola pública. É fundamental que sejam feitas avaliações profundas sobre todos os aspectos da educação hoje, incluindo questões como infraestrutura, verba, currículo e tantas outras, entretanto, não se pode negligenciar elementos que perpassam a vida escolar e a influenciam, também, de maneira intensa, ainda que subjetiva, como a afetividade, a comunicação e as relações nesses ambientes, por exemplo.

5.2 Exploração Do Material

“Para conseguir o que quer,

Você deve olhar além do que você vê.”

O Rei Leão.

Como mencionado anteriormente, a técnica escolhida para a sistematização e compreensão dos dados coletados é a Análise Categral Temática. Nesta técnica, são identificadas categorias nas entrevistas transcritas dos educadores e, dentro destas, temas relacionados a trechos específicos.

Através da técnica de leitura flutuante, foram identificadas as seguintes categorias: Carreira; Diagnósticos – Visões de Mundo; Necessidades; Ações positivas que já estão acontecendo; Sonhos – o que queremos na escola; Currículo; Práxis – Bases epistemológicas e conhecimento empírico; Escola ideal – o que está faltando e o que pode mudar; e Família.

A partir dessas categorias e dos inúmeros temas identificados dentro dessas, pode-se ter uma noção geral de todo o contexto que perpassa a Escola pública e, mais especificamente, o

cotidiano desses educadores, que representam, de maneira mais genérica, a categoria dos professores da rede pública básica no Distrito Federal e no país. Todas as entrevistas semiestruturadas foram realizadas no período entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, sendo, posteriormente, transcritas para análises e estando disponíveis nos apêndices ao final do texto.

6. ANÁLISE

*“Assovia o vento dentro de mim.
Estou despido.
Dono de nada, dono de ninguém,
Nem mesmo dono de minhas certezas,
Sou minha cara contra o vento,
A contravento,
E sou o vento que bate em minha cara.”*

Eduardo Galeano

As tabelas, inseridas abaixo, e organizadas sob os métodos já citados de sistematização por categorias, temas e verbalizações orientaram a fase de análise e discussão deste trabalho. Percebe-se que os elementos que compõem os resultados obtidos a partir do material coletado estão todos interligados formando uma imensa e complexa rede de componentes que integram e estabelecem o cotidiano das escolas públicas contemporâneas.

Tabela 1: Categoria Carreira

CATEGORIA: CARREIRA	
<p>Motivos objetivos e subjetivos pelos quais escolheram a carreira de educadores. Fatores que perpassam o dia a dia do profissional de educação.</p>	
TEMAS:	VERBALIZAÇÕES:
Mercado de trabalho	<p><i>“Escolhi por conta do mercado mesmo. Vi que era uma possibilidade que podia me ajudar a melhorar de vida. Lá em casa, ninguém tinha dinheiro e eu precisava pensar num jeito de me sustentar, de ter o meu dinheiro, e ser professora era algo viável e que eu vi que ia dar futuro. Aí quando comecei a dar aula, vi significado. Passei a gostar.”</i></p>
Estabilidade	<p><i>“Um dos maiores motivos [para se tornar educadora] foi pela estabilidade da carreira. Aí acabei decidindo.”</i></p>
	<p><i>“Faço o melhor. Não é fácil.”</i></p>
Exaustão profissional	<p><i>“Eu até cheguei a pensar em outros cursos, mas, na hora, escolhi geografia. Entre as opções, era o que eu mais queria. E eu queria dar aula também, então deu tudo certo.”</i></p>
Vocação	<p><i>“Eu escolhi [ser educadora]. Eu gosto. Gosto do trabalho e gosto de matemática também.”</i></p> <p><i>“Sempre quis [ser educadora]. Sempre tive jeito. Brincava de ensinar quando era pequena. Aí na época meu pai meio que me censurou. Tentei fazer direito. Mas não deu. Não aguentei o curso. Até que encarei a faculdade de história e me encontrei.”</i></p> <p><i>“Em 1991, quando eu estava no final da oitava série, eu fiz uma pesquisa com meus professores sobre opções. E daí pensei em ser professor. Fui fazer escola normal e amei.”</i></p>

	<p><i>“Eu sou muito realizada dando aula de história. É a minha vocação. É onde eu me encontrei. A gente tem que lutar e dar duro todo dia, mas é muito bom.”</i></p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Entrevista com os professores. **Organização:** a autora.

Apesar de que, infelizmente, a profissão de educador é desvalorizada e, portanto, mal paga no Brasil, o Distrito Federal possui um dos melhores salários para professor no país. Um profissional iniciante recebe cerca de cinco mil e quatrocentos reais brutos em um cargo de 40 horas quando assume, sendo parte desse salário um auxílio-alimentação de trezentos e setenta e oito reais, um auxílio-saúde de duzentos reais e, em alguns casos, um auxílio-transporte que varia de valor. Temos direitos a alguns benefícios e gratificações, mas, muitas vezes, o governo, alegando impossibilidade de pagamento, nos caloteia. Há, por exemplo, uma gratificação para professores que possuem alunos com “necessidades especiais” (como autistas e deficientes auditivos, por exemplo) que representa 4% do salário por mês. Para receber essa gratificação, entretanto, é necessário que cada funcionário entre com uma ação na justiça e espere cerca de dois anos para ser pago. A licença prêmio, que concerne no direito de tirar férias extras a cada cinco anos ou receber o equivalente a esse período no acerto da aposentadoria, é outro benefício que vem sendo ignorado pelo governo. No ano de 2013, muitos professores ficaram sem receber o salário no final do ano e tiveram que recorrer a atitudes extremas, como organizar brechós no parque da cidade para arrecadar dinheiro. Muitas movimentações em prol dos direitos da categoria partem e são levadas, consideravelmente, pelo Sindicato dos Professores (SINPRO). O SINPRO, com todas as suas contradições, participa ativamente dos debates e das negociações com o governo em defesa da manutenção e da conquista de direitos para a classe. Muitas campanhas estão sendo desenvolvidas, atualmente, pelo sindicato, tais como a luta pelo reajuste do auxílio-alimentação e pelo pagamento do reajuste prometido, definido e não pago no final do ano de 2015, entre outros.

Apesar de que o salário inicial da categoria parece atraente, quando se é feita uma análise de contabilidade, fica claro que, com a falta de reajustes e o crescimento da inflação nos últimos anos, o servidor está, na verdade, ganhando menos. Outro fator relevante é que a inflação no Distrito Federal é três vezes maior do que nos outros estados do país, segundo pesquisas recentes.

Mesmo assim, ainda é crescente a demanda de pessoas interessadas em se tornarem funcionários públicos, principalmente da secretaria de educação, no Distrito Federal. Entre tantos fatores que compõem esse complexo universo, pode-se elencar alguns atraentes, como a estabilidade profissional, tão rara no setor privado. Muitos recém-formados empreendem nessa jornada atraídos pelo salário inicial aparentemente alto e pelo conforto de ter um cargo garantido e do qual não poderá ser alienado facilmente.

A questão do salário está bastante aliada ao mercado de trabalho. Na sociedade capitalista, é padrão que iniciantes ganhem pouco e que os funcionários, em geral, se sintam sempre ameaçados de perderem seus empregos. Desta forma, as pessoas são sempre incentivadas a trabalharem mais do que devem e a receberem menos do que merecem (MARX, 1859). Na atual situação social, política e econômica do país, está cada vez mais difícil se conseguir emprego, e, mesmo pessoas altamente graduadas, encontram-se também sem conseguir trabalho. Desta maneira, o concurso público para educadores, mesmo com todas as suas contradições, ainda se mantém uma oportunidade para muitos licenciados.

Outro fator, que talvez, para muitos, se sobreponha a todas as dificuldades desta carreira, é o chamado pela profissão, conhecido popularmente como vocação. Ficou nítido, durante as entrevistas, que muitos professores, mesmo incomodados com inúmeros aspectos que perpassam o ambiente escolar, continuam firmes e esperançosos, pois identificam que esse é o

trabalho que nasceram para fazer e são apaixonados pela vida escolar (NUNES E BULLMANN, 2015).

É importante avaliarmos, também, que a expressão “aspectos negativos” não delimita elementos específicos e objetivos. Há muitos conceitos amplamente consensuais na categoria, como a desvalorização econômica e social da profissão e o descaso do governo com as demandas da educação pública. Contudo, muitos aspectos que perpassam a realidade escolar são avaliados segundo as visões de mundo individuais de cada educador e, nesse sentido, podem oscilar entre serem tidas como positivas e negativas. É importante que se faça a reflexão de que cada professor, para além do profissional, consiste em um ser humano histórico, político e cultural e que suas características serão moldadas, portanto e em grande parte, com base nessa sua história, no local e momento temporal que se desenvolveram e em que vivem (VYGOTSKY, 1998; PAULO FREIRE, 1996; DOMINGUES, TOSCHI E OLIVEIRA, 2000).

Tabela 2: Categoria Diagnósticos – Visões de Mundo

CATEGORIA: DIAGNÓSTICOS – VISÕES DE MUNDO	
A ampla quantidade de indivíduos que compõe a comunidade escolar traduz milhares de recortes e individualidades históricas, sociais e culturais. Aspectos que consistem em concepções mais gerais acerca da Escola são marcantes nas manifestações dos entrevistados. A avaliação, as relações e os comportamentos, cada vez mais, geram inquietudes e questionamentos.	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES:
Avaliação que não avalia	<i>“Pretendo repensar a avaliação, que pra mim é a grande dificuldade. Tem que ser igual pra todo mundo, mas eles não são iguais, neh, então é complicado. E o professor não tem tempo e nem pode avaliar cada um de um jeito. Essas provas do jeito que são hoje não avaliam. Isso</i>

	<p><i>já está mais do que claro. Por isso que a gente precisa mudar, evoluir. Não é mais igual era no nosso tempo. Hoje a tecnologia está muito avançada, eles têm o google na palma da mão, neh. Não faz sentido ficar mandando decorar um monte de coisas que eles podem acessar pelo celular.”</i></p>
Prós e contras da avaliação “tradicional” (prova)	<p><i>“Eu gosto de avaliar o que eles estão aprendendo de maneiras diferentes. A prova não avalia de maneira eficiente, mas tem um lado bom também, porque força os meninos a estudarem, a pegar no livro, neh, e esse tipo de estudo também é importante. Então eu vejo que não deixa de ser uma maneira de avaliar. Uma entre várias.”</i></p>
Poder de transformação da Educação	<p><i>“A Educação é sim transformadora. É tudo uma questão de vontade, neh. É uma profissão muito altruísta. Essa de professor de escola pública. Eu acredito que a gente tem um poder muito grande de mudar as coisas”</i></p>
Histórias de vida dos educandos	<p><i>“E tem umas histórias de vida bem difíceis. A gente chega a arrepiar. Não dá pra esperar que o menino passando por uma situação barra pesada em casa vai chegar na escola e estudar tranquilamente.”</i></p>
Desinteresse dos educandos	<p><i>“Eu procuro fazer com que eles gostem da matemática. Eu tento fazer um link com a realidade. Mas eles não querem nada. É muito difícil. Em geral, não gostam de matemática não.”</i></p> <p><i>“Esses meninos hoje não querem nada. E eles não têm respeito nenhum. Falam cada coisa que eu arrepio inteira.”</i></p>
Falta de pré-requisito	<p><i>“Eles não estudam. E eles não sabem nada. São muito ruins de conteúdo.”</i></p>

Perfil de cada turma	<i>“Em turmas diferentes, os alunos são diferentes, e, portanto, as aulas têm que ser diferentes também, neh. Não dá pra repetir tudo igualzinho. Tem turmas que têm mais facilidade e tem turmas que tem muito mais dificuldade.”</i>
----------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Entrevista com os professores. **Organização:** a autora.

Entre os inúmeros assuntos debatidos hoje na Escola, a avaliação é um dos temas mais polêmicos e complexos. Grande parte dos entrevistados conclui que os métodos avaliativos usados estão ultrapassados e não conseguem, de fato, avaliar o aluno de maneira completa ou justa.

Apesar disto, a grande maioria das escolas ainda insiste em manter as avaliações tradicionais, como as provas e os testes, por exemplo. Em parte, é preciso compreender que é um tanto complicado propor novas metodologias dentro de um modelo de instituição estrutural e curricularmente tão engessado pelo MEC e por tantas políticas públicas. O sistema tem, hoje, a maior parcela de responsabilidade por massificar o ensino e o professor, muitas vezes, por não ter meios, acaba sendo uma vítima desse sistema e se tornando protagonista de um processo no qual não acredita (FREIRE, 1974).

Outro quesito que fortalece a lógica das avaliações técnicas e objetivas é o modelo de prova hoje aplicado em ENEM e vestibulares. A Escola, claramente, deseja que os estudantes tenham acesso à educação superior pública e gratuita e, nesse sentido, acaba se sentindo na obrigação de treiná-los para esses processos seletivos.

Contudo, no sistema de avaliação hoje utilizado, não é comum vermos bons resultados na escola pública. Está se tornando absurda a falta de conhecimento intelectual dos estudantes, que, cada vez mais, estão chegando ao ensino superior com falta de pré-requisitos básicos para cursar as disciplinas da graduação. Sabe-se que o sistema de educação atual precisa de uma

reformulação radical, entretanto, é também marcante o desinteresse e descaso de muitos estudantes durante as aulas. Alguns parecem não se sensibilizar mesmo diante de propostas de aulas, atividades e projetos diferentes. Entende-se que o modelo de aula precisa ser atualizado e moldado ao contexto social das turmas, mas, na mesma medida, é preciso que o educando desenvolva consciência e responsabilidade pelo seu processo de formação (FREIRE, 1996).

Como mencionado anteriormente em relação aos professores, é importante notar que os estudantes – e também as turmas – seriam oriundos dos seus próprios processos históricos, sociais e culturais e, portanto, é este um dos motivos pelos quais um mesmo método didático e/ou avaliativo terá diferentes reflexos sobre cada um. Muitos educadores não conhecem sequer os meninos para os quais lecionam pelo nome, que seria algo básico em uma sociedade que priorizasse uma Educação mais completa e integrativa. Muito menos, conhecem suas histórias. Já tive alunos que vivem inúmeros contextos domésticos inadmissíveis, como sofrer violência física, sexual, psicológica; meninas de 16 anos com filhos; adolescentes menores de idade com sérios problemas de dependência química; famílias com graves carências financeiras; entre outros. Conhecê-los e saber desses detalhes de sua vida, inquestionavelmente, influencia toda a maneira de ensinar e de se relacionar com cada uma dessas pessoas. Professores que conhecem seus estudantes e turmas, como ficou claro nas entrevistas, frequentemente desenvolvem entre si laços humanos que fortalecem, inclusive, os processos de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1996; DOMINGUES, TOSCHI E OLIVEIRA, 2000).

Professores que mudaram as relações com suas turmas, tentando humanizá-las e horizontalizá-las, assim como professores que propõem alternativas de ensino diferentes, como aulas de campo, projetos paralelos e etc. avaliam que o processo educativo promove, sem dúvidas, transformações nos indivíduos da comunidade escolar. Transformações como essa incluem, entre outros, abrir a cabeça dos estudantes para novas ideias, desconstrução de máximas perpetuadas no senso comum, sensibilização diante de acontecimentos e contextos

mundiais, disciplina consigo mesmo e com suas atividades etc. Dessa maneira, os educandos conseguem se reconstruir em seres cada vez mais críticos, autônomos e politizados – entendendo a política para muito além das questões burocráticas do Estado, para as relações (FREIRE, 1996).

Desta maneira, conhecendo e tentando ter empatia com as diferentes Visões de Mundo, vamos, em um processo contínuo, modificando as nossas próprias visões e construindo novos processos que visem a suprir as necessidades individuais e coletivas, tanto acadêmicas quanto humanas.

Tabela 3: Categoria Necessidades

CATEGORIA: NECESSIDADES	
Algumas questões possuem maior urgência hoje na Escola. É preciso melhorar a comunicação o quanto antes, trabalhar a afetividade, promover a inclusão de fato e repensar os comportamentos e métodos ultrapassados.	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES:
Melhor comunicação na escola	<i>“Eu considero a comunicação muito importante. É a base do meu trabalho na escola. A gente precisa trabalhar mais isso na escola.”</i>
Afetividade nas relações	<i>“A gente precisa ensinar com amor o que eles precisam saber.”</i>
Inclusão (capacitação e suporte)	<i>“Ah! E rever essa história de inclusão, neh. Porque desse jeito que está não adianta nada. Eu não sei o que fazer com os alunos na sala. Eu preciso passar um conteúdo e acabo ensinando pra uma maioria que vai acompanhar. Esses meninos precisam de um apoio, não</i>

Necessidade de reflexão e inovação	<i>adianta só jogar nas salas com os outros alunos e achar que está tudo bem.”</i>
	<i>“Acho que a mensagem é não desistir do ensino público. A escola tem muita necessidade de inovação, de renovação, de reflexão. Necessidade de discussão. Muita discussão. Sobre tudo. Tanto sobre a escola como sobre as coisas que estão acontecendo no Mundo.”</i>

Fonte: Entrevista com os professores. **Organização:** a autora.

Diante de tantas contradições e aspectos levantados, é consenso que algumas necessidades se tornam cada vez mais urgentes. A comunicação entre os funcionários da Escola não é adequada e, diariamente, ocorrem falhas e confusões por conta disso. Professores não são informados sobre mudanças de horários ou datas, sobre prazos, sobre atividades paralelas que estão acontecendo ou sendo planejadas, sobre manifestações e daí em diante. Para além destas questões, a comunicação também é falha no sentido de como os professores e as turmas interagem, o que mostra a necessidade inevitável de que, independente de conteúdos e cronogramas, há momentos em que é indispensável parar e conversar para que interesses, ritmos e planejamentos sejam alinhados da melhor maneira, e não impostos, como ainda insistem alguns professores em fazer.

Em muitas falas, também fica a clara a necessidade de se trabalhar as relações no sentido da afetividade. Como diagnosticado por educador entrevistado na tabela anterior, a formação de laços constitui importante alicerce para o processo didático. Os estudantes têm extrema necessidade de serem reconhecidos enquanto seres individuais e de sentir que o professor demonstra empatia para com eles.

Como também mencionado anteriormente que o educador no DF tem direito a uma gratificação específica por atender alunos especiais, infere-se, corretamente, que a Escola

pública vem recebendo e atendendo cada vez mais alunos portadores de necessidades especiais. Esses alunos possuem direitos garantidos por lei, como a adequação de aulas, materiais, avaliações e até a temporalidade – que consiste em adaptar as disciplinas e os semestres letivos em consonância com suas habilidades e limitações. Possuem, também, direito a atendimento extra e personalizado de uma sala de recursos e, no caso de deficientes auditivos, o governo deve proporcionar um intérprete devidamente formado para acompanhá-lo na escola, realizando a tradução da linguagem oral para a língua brasileira de sinais (LIBRAS). Não só considerados especiais, mas também os profissionais do serviço de orientação escolar (SOE) estão também à disposição desses estudantes, para dar suporte psicológico e emocional em quaisquer questões que estejam lhe incomodando ou atrapalhando sua rotina.

Apesar de todo esse suporte, ainda há muita necessidade de capacitação e de suporte para os professores das disciplinas lidarem com esses alunos. Os alunos com necessidades especiais, por motivo inquestionável de promover sua inclusão, são inseridos nas classes regulares e o educador, em grande parte dos casos, não sabe como lidar e trabalhar para que esse adolescente tenha algum nível de desenvolvimento intelectual.

Por esses e outros fatores, percebe-se que muito tempo e muita energia são gastos em vão hoje na Escola, pois medidas antigas e ultrapassadas não mais estão contemplando os estudantes do ensino médio diante do cenário em que vivem atualmente (LIBÂNEO, 2011). Os professores são qualificados, mas precisam renovar seus métodos, passando, também, a discutir em sala os acontecimentos contemporâneos que vêm afetando as sociedades. Essa necessidade de renovação e inovação poderia ser sanada, em larga escala, dentro da própria escola, mas o cansaço, o comodismo e a desmotivação faz com que muitos repitam um mesmo roteiro ano após ano durante toda a sua carreira, sem refletir sobre as mudanças que vêm acontecendo.

Em contrapartida, enquanto ainda se observa certos comportamentos contraditórios e arcaicos, é preciso reconhecer e valorizar ações positivas que já estão sendo implementadas e executadas por muitos professores da educação básica, como relatado repetidas vezes nas entrevistas realizadas.

Tabela 4: Categoria Ações Positivas que já estão acontecendo

CATEGORIA: AÇÕES POSITIVAS QUE JÁ ESTÃO ACONTECENDO	
Texto sobre categoria.	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES:
Conhecer as turmas	<i>“Eu não chego impondo nada ao aluno, eu converso e cada aula é uma aula, cada turma é uma turma, tem turmas que conseguem render, turmas que não rendem do mesmo tanto porque vai depender da minha clientela.”</i>
Contextualização dos conteúdos formais	<i>“Quero tentar mudar aquele conceito de que física é só fórmula, e mostrar que física tem em tudo no dia a dia. Tudo você usa física. [...]Que mesmo que ele não siga na área, que ele consiga se aproveitar da física nos momentos do dia a dia. Vamos supor, como ele faz pra levantar alguma coisa que tá difícil de levantar, vai usar a alavanca, pra ele saber porque que a maçaneta da porta tá ali, pra ele saber como gastar menos força e ter um melhor trabalho, melhor em eficiência.”</i>
Discussão de temas polêmicos	<i>“Mas também quero desconstruir ideias, discutir temas polêmicos, como a questão da legalização do aborto, por exemplo. Eu fiz um trabalho sobre isso bimestre passado. E foi ótimo. Eles falaram muita coisa interessante sobre o tema. E foi muito legal que eles realmente pensavam</i>

	<p><i>sobre toda a questão do aborto e daí saíram uns trabalhos bem legais. Eu quero que eles tenham pensamento crítico, pra muito além do Vestibular.”</i></p>
Atividades paralelas	<p><i>“Sempre levo uma florzinha pra sala e deixo lá. Acho que muda o ambiente, sabe. Uma flor faz muita diferença. Já fiz muito trabalho com flor com os alunos. Eu dou curso nos finais de semana, você sabe neh? Ensino a fazer uns arranjos. Já fiz muito na Escola. Mas hoje estou cansada. Quando faço, ensino eles a fazer pra levar, pra dar pra alguém. E eles gostam bastante até.”</i></p>
Projetos paralelos	<p><i>“Em 2002, eu criei um projeto de música e ensino religioso em Samambaia na escola que eu trabalhava. Eu sou músico, neh. Eu toco violão e guitarra, e até canto de vez em quando. Eu toco numa banda, inclusive. Às vezes, a gente faz uns shows pela cidade. E aí resolvi levar a música pra escola.”</i></p>
Individualização de pessoas	<p><i>“Na primeira semana eu conheço os alunos. Vejo como eles são. E aí na terceira semana eu faço um planejamento único pra todas as turmas a partir do que eu senti deles. Semanalmente, eu vou fazendo anotações sobre as turmas e vou alterando e refazendo o que precisar e é assim ao longo do ano todo.”</i></p>

Fonte: Entrevista com os professores. **Organização:** a autora.

Cada vez mais, os professores vêm chegando a consensos fundamentais sobre os processos de ensino-aprendizagem. Durante as entrevistas, muitos salientaram a importância de conhecer, de maneira singular, seus estudantes e suas turmas para, a partir daí, refletir como devem tratá-los, ensiná-los e avaliá-los. Essas reflexões devem ser feitas com regularidade durante o ano letivo. O educador, portanto, deve se manter num estado constante de flutuação

entre os planejamentos e a execução, posteriormente retornando a um momento de avaliação do que se passou para, daí, reformular sua prática (PAULO FREIRE, 1974). São muitas as questões intrínsecas ao debate e aos modos de se fazer que circundam a práxis docente. Turmas diferentes, muito provavelmente, terão ritmos diferentes, e essas avaliações periódicas do processo se fazem essenciais na medida em que seguir uma mesma lógica padrão para todos não irá contemplá-los.

A partir deste movimento de conhecer os indivíduos que compõem a comunidade escolar e, conseqüentemente, suas histórias e meios de vida, muitos professores manifestaram uma grande preocupação em adaptarem os conteúdos formais aos contextos de vida dos discentes (JACOBI, 2005). Nesse sentido, professores de exatas relataram como fazem para tornar assuntos mais abstratos e matemáticos em maneiras de se visualizar soluções para o dia a dia, como o uso de alavancas para otimizar levantamento de pesos, por exemplo. Professores de humanas, em geral, relataram que se utilizam de teorias e acontecimentos históricos para debater fatos atuais, como a política brasileira, as imigrações de países em guerras, a violência contra a mulher etc (DOMINGUES, TOSCHI E OLIVEIRA, 2000).

Foi muito marcante na análise dos dados através das entrevistas coletados – e também em conversas no ambiente escolar – essa preocupação dos educadores em trazerem os temas polêmicos da sociedade para dentro da escola. Determinada professora, por exemplo, pedia a seus estudantes que assistissem à série “*House of Cards*” – um programa de ficção que retrata a política norte-americana – e, a partir dos personagens e dos acontecimentos na história, discutia sobre a situação atual da política brasileira. Outra professora, que leciona a disciplina de Artes, fez atividades sobre a artista surrealista Frida Kahlo e propôs discussões para além da arte em si. A mesma educadora realizou uma atividade de debate sobre a legalização do aborto e relatou que o processo de desenvolvimento para os alunos foi bastante interessante, não no sentido de que chegassem à uma síntese sobre o tema, mas no sentido de que se permitiram

refletir e conversar sobre. É interessante analisar como a busca por um trabalho mais integrativo e amplo gera, como consequência, inúmeros *links* na medida em que os temas trabalhados ressurgem e vão se interligando com certa frequência. A própria Frida, por exemplo, passou por um aborto, que marcou um determinado período de sua vida e parte considerável de suas obras.

Propostas que estimulem o debate e o pensamento crítico talvez sejam algumas das atividades mais necessárias na escola hoje, entretanto, há também pequenas ações que, sutilmente, vêm sendo implementadas e que geram algum tipo de sensibilização nos estudantes. Muitos professores relataram hábitos ou até projetos extras que criaram e passaram a desenvolver junto com suas turmas, como a promoção de oficinas que ensinam a manejar flores de maneiras interessantes, projetos com música, atividades de reflexão sobre o ensino religioso nas escolas, entre muitos outros. É sabido, cientificamente, que as artes, tendo como exemplo claro a música, ajudam a expandir o cérebro de maneira a otimizar o raciocínio em outras áreas, como matemática e linguagens, por exemplo (SANTOS, 2005). Além disso, os estudantes relatam frequentemente que desejariam mudanças no ambiente das aulas, desde salas mais ornamentadas e personalizadas até aulas executadas em locais diferentes.

Em meio a tantas problemáticas, necessidades e também a tantas boas iniciativas que já acontecem, a Escola se configura também como um local de sonhos. Para além das dificuldades e contradições, os educadores se permitem sonhar e relatam o que desejam que possa vir a fazer parte do ambiente escolar.

Tabela 5: Categoria Sonhos – O que queremos na Escola

CATEGORIA: SONHOS – O QUE QUEREMOS NA ESCOLA	
Os educadores revelam inúmeros desejos. Querem que as relações na Escola sejam modificadas. Objetivam resultados mais amplos e contextualizados para os estudos. Sentem pesar pela desvalorização da Educação e do professor. Sonham com uma Escola diferente e mais holística.	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES:
Formação de bons cidadãos	<i>“Eu queria que eles se tornassem pessoas boas. Eu tento passar isso pra eles em sala de aula. Os conteúdos são bastante importantes também, mas se eles forem bons cidadãos, então isso já conta muito. O mundo está precisando muito de boas pessoas nesse momento, e a gente que dá aula na escola pública tem um poder pra contribuir com a formação dessas pessoas. É esse meu maior objetivo, que eles sejam bons.”</i>
Valorização da Educação por toda a Comunidade	<i>“Eu acho que tinha que mudar mesmo a cabeça não só do professor e aluno, mas de todo mundo. Que tinha que entender que a educação é para todos. O pai tinha que incentivar o filho a estudar. O filho tinha que vim pra escola pra estudar, ele tinha que vir sabendo que ele quer alguma coisa, porque é que depois que ele fica mais velho que o pai vai pagar cursinho que ele presta atenção na sala de aula? Por que que ele olha e fala ‘Poxa era tão fácil’? Quem é que nunca olhou e falou assim ‘Cara, era só isso, por que que meu professor nunca falou isso’. Não, você que não prestou atenção, entendeu? Tem que querer.”</i>
Horizontalização e melhoria das relações	<i>“Tem que ter um tratamento mais igual. [...] Tem que horizontalizar. A gente precisa tratar os alunos melhor. E entre a gente que é professor também. A relação podia ser bem melhor, neh.”</i>

<p>Valorização da educação e do professor</p>	<p><i>“O nosso trabalho é fundamental! O professor tem que saber disso e tem que se valorizar. Minha reflexão é que todos valorizem mais o trabalho do professor.”</i></p>
<p>Formação de indivíduos críticos, politizados e autônomos</p>	<p><i>“Objetivo gerar pensamento crítico e autonomia. O conteúdo é importante, neh, mas é só uma parte. Eu quero que eles amadureçam, que aprendam a pensar. Mais do que falar inglês, que eles entendam sobre o significado da língua inglesa no mundo de hoje.”</i></p> <p><i>“Eu quero que eles entendam a sociedade que a gente vive, pra não ficar acreditando em tudo que sai na mídia, por exemplo. Eles têm que aprender a pensar, e pra isso tem que entender a história. A gente conversa muito. Quando eu ensinei Grécia e Roma, a gente discutiu o cenário político brasileiro de hoje. E eles vão fazendo os links. Porque tem tudo a ver, neh. Eu falo pra eles assistirem House of Cards. É um seriado muito bom. Fala muito de política. E eles assistem. E a gente vai debatendo, comparando a história que acontece lá nos Estados Unidos com a história da política no Brasil, por exemplo. E eles vão refletindo sobre como as coisas acontecem.. Eles adoram.”</i></p>
<p>Sinceridade</p>	<p><i>“Tudo tinha que ser mais verdadeiro, inclusive as pessoas.”</i></p>
<p>Desenvolver poder de arguição</p>	<p><i>“É essencial desenvolver o poder de argumentação. Por exemplo, a gente está na época do Natal e todo mundo fica falando de Jesus. Aí eu falo com os meninos pra gente pensar historicamente sobre Jesus. Se a gente analisar bem, a gente vai ver que ele era um imigrante refugiado. E hoje, dois mil anos depois, a gente está vendo toda essa situação aí com os imigrantes da Síria. Mas as pessoas não fazem os links.”</i></p>

Amadurecimento pessoal	<i>“Crescimento, independente de como for, não precisa e nem deve ser só o acadêmico. Quero ver os meninos bem, sabe?”</i>
Inclusão	<i>“Quero que a inclusão social melhore porque todo mundo está falando disso mas ainda tem muita coisa pra se fazer nessa área.”</i>

Fonte: Entrevista com os professores. Organização: a autora.

Em determinada entrevista, quando perguntados sobre seus objetivos enquanto profissionais, surge a resposta sobre querer que os estudantes sejam boas pessoas. Pressupõe-se que, em grande parte, esse desejo parte de sentimentos relacionados à conjuntura de nossa sociedade atualmente. O Mundo, infelizmente, vem sendo tomado por intenções econômicas e egocêntricas que regem relações e processos (GADOTTI, 2008). Diante disso, o sonho de que esses estudantes em formação venham a ser boas pessoas ultrapassa a vontade de que apenas acumulem o conhecimento teórico.

Junto com esse desejo de formar boas pessoas e a ele muito relacionado está também a ânsia por mais sinceridade. Uma professora entrevistada menciona que, principalmente as pessoas, deveriam ser mais verdadeiras. Podemos, também, relacionar esse sonho muito bem com o perfil da sociedade na qual vivemos.

Outro sonho identificado é o de que os indivíduos da comunidade escolar passem a se tratar melhor, de maneira que as relações na Escola se tornem horizontais e não mais verticais, hierárquicas ou autoritárias. Essa mentalidade arcaica vem da ideia de que o professor é mais importante e mais inteligente do que seus estudantes (FREIRE, 1974). Hoje, contudo, esse entendimento vem se modificando e muitos profissionais da educação compreendem que o educadores e turmas possuem conhecimentos diferentes – formais e não-formais – e que os dois se educam mutuamente (FREIRE, 1996; GASPARIN, 2005).

Alguns mencionaram que têm como objetivo e desejo que os estudantes amadureçam de alguma forma, não explicitando se seria ela intelectual, laboral ou pessoal. Estarão satisfeitos se o processo de ensino-aprendizagem puder, de alguma maneira, transformar algo para melhor em cada indivíduo.

Novamente, retoma o debate sobre inclusão, porém, desta vez, vista como algo almejado, mas ainda bastante distante da realidade da Escola. Tanto para os professores de disciplinas regulares quanto para os que trabalham diretamente no atendimento aos alunos especiais, é diário o incômodo por ver que a estrutura escolar ainda falha em muito com a educação desses meninos e meninas. Muitos são matriculados em turmas regulares com o objetivo de que possam estar mais socializados, no entanto, os professores não sabem e não são orientados sobre como lidar e como proceder para que esses estudantes consigam obter algum nível de aproveitamento.

Ainda sobre os sonhos dos educadores, foi extremamente marcante na análise do material coletado a quantidade de manifestações acerca de ambições no sentido de formar cidadãos autônomos, críticos, politizados, livres e emancipados. É imensa a fração de professores que relatam já estar discutindo em sala de aula, como mencionado, inúmeros temas polêmicos e relevantes da contemporaneidade. Fazem isso com esperança de que, em algum momento, se gerem sentimentos de sensibilização e interesse nos estudantes para raciocinarem, discutirem e lutarem por causas que lhes impactem (FREIRE, 1996; GASPARIN, 2005).

Arelada a estes processos de construção acima mencionados e surgindo, inclusive, como consequência desses, está a capacidade de argumentação. Grande parcela dos estudantes, hoje, tem imensa dificuldade em redigir de maneira coesa e colocar suas ideias em palavras. Nas avaliações, as respostas de questões dissertativas deixam muito a desejar, e, frequentemente, são deixadas até em branco. A arguição surge a partir do momento que em se

permite refletir e dialogar sobre determinado tema, para que, assim, a opinião sobre determinado assunto vá sendo construída. É preocupante observar que os adolescentes estão cada vez mais convencidos de que possuem uma cabeça aberta e que, iludidos por essa falsa autoanálise, se permitem, muitas vezes, perpetuar ideias e ações do senso comum. Muitas destas aprendidas, inclusive, no ambiente doméstico, de maneira que passam a reproduzir conceitos sobre elementos e situação não explorados, uma crítica que tanto fazem a seus pais e professores.

Por último, e talvez sendo um dos maiores sonhos da categoria, está o desejo pela valorização da educação e do educador. Se tanto foi relatado acerca de desinteresse e falta de engajamento com os processos de ensino-aprendizagem, parte da razão que explica esses comportamentos se assenta na falta de valor que o estudante dá às oportunidades de estudo hoje. As aulas e o tempo na Escola são pouco aproveitados e, posteriormente, esses estudantes se veem perdidos por terem concluído o ensino médio e não terem sido aprovados em instituições de ensino superior. Diante disto, alguns investem em cursinhos de pré-vestibular e outros, diante da necessidade de retorno financeiro rápido, aceitam empregos mal remunerados e exaustivos, adiando o ensino superior para “um momento no qual for possível” (HOFFMAN, 2003).

Para além dos muros da Escola, a desvalorização da Educação tem se solidificado cada vez mais no Brasil. No último dia 30 de abril, no jornal Metro, foi publicada uma matéria com o seguinte título: “Professores e garçons estão entre os bicos mais buscados”. Nos últimos anos, a pasta da educação sofreu cortes somados em bilhões de reais. Em agosto de 2015, o governador Rollemberg (PSB/DF), alegando não haver dinheiro em caixa, não pagou o reajuste dos profissionais da educação pública, ocasionando greve geral que durou 29 dias corridos. Nesse período, ameaçou cortar o ponto dos educadores e não esteve aberto a negociações. Diversas manifestações ocorreram nesse mês e o governo deu aval à polícia para conter a categoria com violência e truculência. Muitos publicaram em suas redes sociais imagens e

vídeos de hematomas e situações de embates, nos quais a PM se utilizou abertamente de sprays de pimenta, bolas de borracha e cassetetes.

No mesmo ano, foram decretadas greves não só pelos profissionais da educação, como também, por diversas outras categorias, entre elas, metroviários, rodoviários, bancários e funcionários dos correios, entre outros. O governo mostrou descabida intransigência em relação a propostas de negociações. Cabe mencionar que esses trabalhadores lutam apenas por direitos básicos e garantidos por lei, como o reajuste anual calculado com base na inflação corrente, a reorganização da jornada de trabalho, auxílios etc.

Nem sempre saímos vitoriosos de nossas lutas, mas saímos com a certeza de não termos permanecido no mesmo lugar. Cada passo dado é muito reconhecido e valorizado. A utopia certamente jamais será alcançada, mas o sonho de chegar até lá nos move, e este é, de fato, o mais importante: continuar caminhando. Sabemos, também, que o movimento não se inicia com o passo em si, mas, anteriormente, com os devaneios e planejamentos sobre como esse passo será dado.

Tabela 6: Categoria Currículo

CATEGORIA: CURRÍCULO	
O papel e o poder do Currículo na Educação pública brasileira. Intenções Estatais e documentos oficiais que normatizam as políticas públicas para a Educação. Saberes não formais, como eixos transversais, acontecimentos recentes e currículo oculto. Relação entre conhecimento formal e não-formal. Relação e inserção dos processos seletivos na vida escolar.	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES:

Currículo oculto	<i>“Outra coisa também é a história do currículo oculto. Me identifico muito. Não é só passar o conteúdo do livro, neh. A gente sabe que tem muito mais”</i>
Alinhar currículo e demandas dos educandos	<i>“Os alunos do ensino médio têm muito interesse no Vestibular. Então, nesse caso, eu foco no Vestibular.”</i>
PCN e documentos oficiais	<i>“Eu uso os Parâmetros Curriculares pra ter um norte. Acho importante. E sigo o livro. Eu gosto bastante do livro didático de inglês.”</i>
Documentos oficiais	<p><i>“Eu já li. Mas faz muito tempo. Hoje em dia não fico lendo isso não. Não tenho paciência com essas coisas..”</i></p> <p><i>“Eu já li tudo isso, mas hoje mesmo é só de vez em quando que pego pra dar uma olhada”</i></p> <p><i>“Acho importante [ler os documentos oficiais]. Principalmente, a LDB, que dá um norte pra gente. O Currículo em Movimento já li também. Os documentos da escola que conheço menos. Mas estou sempre lendo, acho importante pra melhorar.”</i></p>
Planejamento atual, livro e currículo	<i>“Não aguento ficar sempre na mesma coisa. Me cansa, acho chato. O conteúdo que não tem muito pra onde correr, tem que seguir o livro e as orientações do MEC.”</i>
Livro didático e conteúdos	<i>“Tem um currículo, que é o governo que manda. Já vem tudo no livro didático direitinho, então é só ir seguindo na ordem. Matemática não tem muito o que fazer, o que discutir. Tem que ensinar os meninos a saberem resolver os exercícios.”</i>

Planejamento Anual	<i>“O grosso mesmo fica igual toda vez.”</i>
Formação integral	<i>“Quando comecei, me baseava pelo PNEM. Hoje em dia, tenho um diálogo maior com os alunos e fico observando eles. Antes eu era mais conteudista, mas agora estou mais flexível, busco uma abordagem que contemple uma formação mais completa, mais humana.”</i>
Excesso de conteúdos para pouco tempo	<i>“Seguir o conteúdo todo do PPP [Plano Político-Pedagógico] mesmo, aí é inviável, não dá tempo de fazer tudo que a gente precisaria e que a gente quer fazer.”</i>
Temas transversais	<i>“Eu não sei o que fazer com esses conteúdos (transversais). Ninguém nunca me ensinou. Eles só jogam as coisas na gente.”</i>
Debate de temas polêmicos e atuais	<i>“No início do ano eu verifico os temas que serão abordados. Temas da política, copa do mundo etc.”</i>
Planejamento diante do currículo MEC e processos seletivos	<i>“O currículo mesmo, o conteúdo que o MEC exige. Porque nós temos que obedecer esse conteúdo, neh. Levo em consideração o que eu acho que é mais importante. Fico de olho nas provas de vestibular, de ENEM, do PAS. Aí vou vendo o que costuma cair mais, ser mais cobrado, e vou definindo o planejamento dessa forma.”</i>

Fonte: Entrevista com os professores. Organização: a autora.

Outro aspecto importantíssimo do trabalho do educador em relação ao procedimento de ensino-aprendizagem é o processo de planejamento, execução e adequação das orientações governamentais acerca dos conteúdos formais.

Muitos se escoram sobre o livro didático e os documentos oficiais – principalmente a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Currículo em Movimento do DF – para planejar suas aulas.

A LDB (1996) caracteriza-se por sistematizar e estruturar, mais amplamente a educação brasileira, de modo a definir diversas questões estruturais da Escola. Os PCN (2006), por outro lado, sugerem, de maneira específica quais e como os conteúdos devem ser trabalhados em cada fase do ensino básico. Desta maneira, pretende-se assegurar que estudantes em diferentes regiões do país terão acesso aos conhecimentos definidos como fundamentais, independente de área geográfica e condição social. Entende-se, contudo, que tais conteúdos podem e devem ser adaptados às características socioculturais de cada Escola. Inclusive, essa seleção e filtração é essencial no sentido de que hoje o currículo estabelece uma quantidade excessiva de conteúdos e, cada vez mais, os professores não estão tendo possibilidade de cumpri-lo em sua totalidade (SAVIANI, 2008). Além do inquestionável excesso, há outros fatores que também alteram significativamente o número de aulas formais na Escola, como gincanas, festas juninas/julinas, olimpíadas brasileiras de disciplinas acadêmicas, paralisações tanto de profissionais da educação quanto de categorias responsáveis pelo transporte público da cidade, Semana de Educação para a Vida, Feira de Ciências e Diversidade, Semana sobre a Água etc.

O Currículo em Movimento, não possuindo caráter nacional, é um documento criado pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) ao longo de anos de avaliações e discussões e publicado no final do ano de 2013, objetivando refletir e aperfeiçoar o sistema de educação do DF tendo como uma de suas bases a lei orgânica regional (LEI ORGÂNICA DO DISTRITO FEDERAL, 1993). Esse documento conta com oito cadernos, organizados por subtítulos, sendo eles: Pressupostos Teóricos; Educação Infantil; Ensino Fundamental – Anos Iniciais; Ensino Fundamental – Anos Finais; Ensino Médio; Educação Profissional e a Distância; Educação de Jovens e Adultos; e Educação Especial. Todos os textos

são amplamente integrados e coesos, tendo sempre como cerne os eixos transversais propostos: educação para a diversidade, educação para a cidadania, educação para a sustentabilidade e educação para e em direitos humanos.

Esses eixos são importantíssimos no sentido de tornar a Escola um local de transformação social, mas é necessário entender que há sempre outros temas relevantes emergindo e solicitando atenção no ambiente escolar. Nos anos de 2015 e início de 2016, por exemplo, a sociedade se debruçou por questões e acontecimentos como: o acidente ambiental causado pelo rompimento da barragem do Rio Doce; a violência contra a mulher em todos os aspectos; os eventos ocorridos na política brasileira a nível federal; o abate do gorila Harambe no Zoológico de Cincinnati, em Ohio, após uma criança de cinco anos cair dentro do recinto; entre outros. Assuntos como esses certamente não estarão pautados nos documentos oficiais e o professor, então, deve se manter atento e atualizado, para ir realizando as alterações necessárias no seu planejamento de maneira a trazer tais discussões para a Escola. Nesse sentido, por mais que haja uma parte grossa do currículo que deve se manter ano após ano, há também uma parte fluida, que deve ser alterada e repensada de acordo com os aspectos eventuais pelos quais as sociedades vão passando (GASPARIN, 2005).

O currículo da Escola, apesar de parecer apenas uma lista do que deve ser ensinado, é, também e mais do que isso, um instrumento de perpetuação de valores e intenções, caracterizando campos de disputas ideológicas, relações de poder e defesa de interesses de uma determinada classe (KONDER, 2010). Um exemplo claro disso é o debate e os trabalhos recentes que discutem o currículo oculto, que, de maneira sutil e delicada, vem se fortalecendo cada vez mais nas instituições educativas. Nesse sentido, o currículo precisa ser pensado de maneira extremamente política e crítica para que assim seja possível formar adultos com potencial de transformação pessoal e social. Para isto, é imprescindível que os estudantes sejam

colocados como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, que deve ser construído, predominantemente, com base nesses sujeitos históricos e sociais.

Dentro desta lógica, o Currículo em Movimento (2013) pretende fomentar o debate sobre questões como Reforma Agrária, Origem Afrodescendente, Saberes Populares, Desigualdades, Produção e Consumo Consciente, Alimentação Saudável, Economia Solidária, Agroecologia, Ativismo Social, Ética Global, Valorização da Diversidade, Movimentos Sociais, Gênero e Sexualidade, Racismo, Eurocentrismo, entre outros.

Infelizmente, por motivos identificados como desinteresse e até falta de tempo, muitos educadores entrevistados relataram não conhecer ou não buscar estudar os documentos oficiais publicados. Devido a muitos fatores, entre eles, a desvalorização financeira de sua mão de obra, acabam por achar que estarão trabalhando de maneira excessiva ou injusta e, assim, muitos estagnam e não buscam se atualizar ou estudar mais. O próprio Currículo em Movimento (2013) faz propostas objetivas e eficientes, como repensar a coordenação pedagógica (momento de reunião semanal entre professores, coordenadores e supervisores) como um momento de planejar, compartilhar experiências, pesquisar e estudar. Essas reuniões, entretanto, são utilizadas, majoritariamente, apenas para discutir assuntos pontuais de estrutura e calendário letivos.

O foco em eixos transversais e assuntos paralelos não significa deixar os conteúdos formais de lado, mas repensá-los de um novo ângulo. Em primeiro lugar, precisa-se entender que os alunos possuem conhecimentos, ainda que não formalizados, e que esses conhecimentos empíricos e não-acadêmicos não são, de maneira alguma, menos importantes que os conteúdos formais inseridos no livro didático e normatizados pelos documentos oficiais (GASPARIN, 2005). Em segundo lugar, não se pode entender os estudantes do Distrito Federal como uma massa homogênea. O princípio de contextualização e análise de aspectos históricos, culturais e

sociais deve ser aplicado não a nível de cidade, mas a nível de bairro, escola, turma e indivíduo, na medida em que um estudante da asa norte (área considerada “nobre” em Brasília) terá, certamente, perfil e contexto diferentes de um estudante da Estrutural (área considerada como “favela” e onde se encontra o maior lixão a céu aberto da América Latina) (VYGOTSKY, 2000).

Nesse sentido, ambas formas de saberes são necessárias para compor conhecimentos mais completos e significativos, importantes não só para o cotidiano, como também para os processos seletivos de instituições de nível superior, como, por exemplo, os vestibulares, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o Programa de Avaliação Seriada (PAS/UnB) – este último disponível apenas para estudantes da rede pública. Há um debate enorme em cima do caráter e dos meios desses processos (SAVIANI, 2008; GASPARIN, 2005). Muitos defendem que essas provas, na realidade, não deveriam nem existir, visto que o ideal e adequado seria disponibilizar vagas para todas as pessoas que quisessem ingressar num curso superior. Outra questão é a coerência em se conseguir um público enorme com um mesmo tipo de avaliação, sendo que pessoas diferentes possuem saberes e habilidades diferentes e, portanto, irão responder de maneiras específicas a cada tipo de avaliação. Ainda assim, com todas essas e tantas outras contradições, o que o educador da escola pública ainda espera é que seu estudante tenha acesso ao ensino superior público e gratuito, pois, de alguma maneira, ainda há muitos aspectos desse ensino que devem beneficiar e gerar transformações nesse estudante.

Analisando mais especificamente o currículo, a pesquisa teve, também, como resultados, relatos muito reveladores acerca de métodos e visões pessoais dos educadores sobre suas práticas docentes. Em alguns momentos, fica clara a dissociação entre processos teóricos e práticos e, em outras, vemos também a importância dada às reflexões que buscam aprimorar e integrar esses dois aspectos da profissão (KONDER, 2010).

Tabela 7: Categoria Práxis – Bases Epistemológicas e Conhecimento Empírico

CATEGORIA: PRÁXIS – BASES EPISTEMOLÓGICAS E CONHECIMENTO EMPÍRICO	
Os educadores distanciam-se do conhecimento teórico e da academia. Não há incentivo para a formação continuada. Alguns citam autores quando questionados sobre bases epistemológicas. Vygotsky e Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Paulo Freire e Pedagogia da Libertação.	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES:
Desapego de linhas teóricas	<i>“Depois de quinze anos, não sigo ninguém. Vou mais pela experiência mesmo. Eu procuro fazer o certo, me preparar, planejar, simplificar os conteúdos e tudo mais. Tento sempre ir além do conteúdo. Então acaba que a gente desapega um pouco da teoria e tenta fazer o que a gente acha que é o melhor.”</i>
Experiência empírica	<i>“Na prática, sabe, é tudo diferente. Hoje está tudo muito diversificado. Cada dia tem alguma coisa nova. É tanta coisa que ninguém sabe nada exatamente.”</i>
Conhecimento teórico	<i>“E não fico seguindo ninguém [autores] não. Eu vou fazendo o que acho certo. Eu faço o meu melhor. Pelo menos tento neh. Matemática não tem muito dessas coisas. É mais ensinar a fazer as operações e depois resolver exercício. Muito exercício. Que é assim que aprende matemática. Não tem essa coisa das humanas de discutir, de florear.”</i>

<p>Construtivismo e o cotidiano escolar</p>	<p><i>“Me identificava muito com o construtivismo. Mas ai com o tempo a gente vai acumulando muita experiência de sala de aula e isso que passa a nortear, sabe? É um acúmulo de vinte anos de profissão. A gente acaba se afastando da universidade e fazendo as coisas de acordo com o que a gente vai vivenciando no dia a dia em sala de aula.”</i></p>
<p>Colcha de retalhos teórica</p>	<p><i>“Eu não conheço bem as linhas teóricas não, então eu acho que acabo fazendo uma ‘mistureba’ (risos). Tenho momentos diferentes dentro de sala de aula. E eu mudo muito ao longo de um caminho, de um bimestre pro outro.”</i></p>
<p>Vygotsky e Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)</p>	<p><i>“Mas tem outras influências também, como a teoria do Vygotsky da zona de desenvolvimento proximal. A gente provoca uma dúvida, uma problemática e eles começam a se manifestar, como no caso da imigração na Europa.”</i></p> <p><i>“Acho muito interessante aquela teoria dele [Vygotsky]. Zona de Desenvolvimento Proximal. Por exemplo, nos trabalhos em grupo, eu tento sempre dividir pra não deixar os que têm mais facilidade juntos. Porque assim os que são melhores ajudam os outros que têm mais dificuldade. No ensino de línguas, no caso do inglês, alguns fazem CIL. Aí ajuda bastante, neh. Porque o inglês da escola é instrumental, eles só têm uma aula, é muito pouco.”</i></p>
<p>Paulo Freire e Pedagogia da Libertação</p>	<p><i>“Eu me acho muito freiriana, por conta de toda essa coisa da autonomia e da adaptação à realidade do aluno. Sabe, eu acredito que conhecimento é liberdade.”</i></p>

Fonte: Entrevista com os professores. Organização: a autora.

Muitos educadores relatam que não seguem ninguém em relação a bases epistemológicas. Alguns por desinteresse de buscar, ler e pesquisar sobre e outros por estarem há muito tempo na secretaria de educação e terem se afastado de discussões e análises mais próximas da academia. Sendo assim, acabam por se orientar de acordo com sua experiência empírica em sala de aula, fazendo o que acham mais simples e/ou mais adequado.

Como não há incentivo por parte do governo para a formação continuada, o professor vai se afastando cada vez mais da universidade ao longo de sua carreira. No Distrito Federal, temos a Universidade de Brasília (UnB), uma das melhores e maiores do país, com campi em várias regiões da cidade. A UnB promove uma série de cursos, oficinas, palestras e afins durante todo o ano, mas, infelizmente, os profissionais da SEEDF desconhecem e não se informam sobre tais eventos. Poucos são os que fazem pós-graduação e é muito frequente vermos educadores ingressando em uma segunda graduação para mudarem de emprego, pois já não querem mais continuar trabalhando na Escola. É importante que se faça uma análise ampla do contexto para que não se conclua de maneira simples e reducionista que o educador apenas não quer buscar o conhecimento, visto que há vários elementos que corroboram para essa situação.

Alguns, durante as entrevistas, mencionaram autores e teorias, mas deixando claro que não os seguem à risca e dando a entender que, durante o processo de ensino-aprendizagem, vão realizando uma verdadeira “colcha de retalhos” de autores, teorias e “achismos”.

Em sua grande maioria, os participantes que citaram autores e teorias falaram de Vygotsky – e Zona de Desenvolvimento Proximal – e Paulo Freire – e a Pedagogia da Libertação. É uma satisfação identificar que esses autores, de acordo com tudo que foi colocado ao longo deste trabalho, reafirmam intensamente as propostas e os desejos por uma educação mais crítica e histórico socialmente pensada. A estrutura da Escola não colabora para a

organização das aulas de acordo com bases epistemológicas freirianas, vygotskyanas ou até construtivistas, como comentado em determinada entrevista. Entretanto, certamente é possível inserir elementos que perpassam essas teorias no cotidiano de sala de aula.

Vygotsky era psicólogo e, na verdade, nunca escreveu pensando diretamente em Educação, mas suas ideias foram transportadas para esse campo ao longo de muitos anos e, hoje, há muitos grupos que exploram como a psicologia histórico-cultural pode ser aplicada no processo de ensino. No Brasil, há inúmeros grupos de pesquisa desta natureza e, conseqüentemente, uma infinidade de debates e disputas ideológicas que perpassam tal estudo. No entanto, se pensarmos, mais genericamente, na influência que o meio exerce sobre o modo de vida e a personalidade de um indivíduo, não há como negar que tal compreensão e análise podem ajudar muito o educador a atingir e gerar um resultado em seu estudante, na medida em que o conhece e que molda seu planejamento tendo esses saberes em mente.

Paulo Freire, bem diferente – ainda que possamos encontrar pontos comuns – dedicou boa parte de sua vida a possibilitar uma Educação mais acessível e eficiente a muitos brasileiros, Contudo, seus ensinamentos atravessam os campos da didática e da pedagogia e se revelam como importantes lições de vida, tendo, assim, fortalecido a validade de suas obras nas últimas décadas.

Dentro do histórico social brasileiro, como disse Frei Betto (1996) a Paulo Freire em carta sobre sua obra “Pedagogia da Autonomia” (na qual encontra-se essa passagem), vê-se a necessidade por parte de educadores e de educandos de "emergir da esfera da ingenuidade para a esfera da crítica, da passividade à militância, da dor à esperança, da resignação à utopia". Freire nos ensina muito sobre as necessidades que devemos salientar, como a necessidade de se cultivar a ética como ferramenta intrínseca a todos os pensamentos e a todas as atitudes. A necessidade de se extinguir todos os tipos de discriminação, pois esta ofende a democracia,

principalmente quando dentro de centros educacionais. A necessidade de que se crie sempre um bom ambiente escolar, onde sejam contemplados o respeito, a amizade e o companheirismo entre todos. A necessidade do surgimento e da manutenção da consciência do inacabamento, pois aquele que ensina nesse ato aprende e o que aprende nesse ato ensina um conhecimento que não tem fim. A necessidade de que haja sempre a luta incansável e esperançosa por melhores salários, como forma de dignificar o professor e de valorizar a educação (FREIRE, 1996).

Levando em conta todos esses valores, não apenas professores, mas toda a população, em todas as suas classes sociais e instâncias, devem ter clareza de que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas sim, dentro dos contextos sociais e históricos de cada um, criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Levando em conta todas as Visões de Mundo dos educadores sobre aspectos epistemológicos e ideológicos, reflete-se sobre como seria, então, a Escola Ideal e observa-se que todos os aspectos identificados são mediatos das colocações acerca das necessidades, dos diagnósticos e dos sonhos anteriormente expressos.

Tabela 8: Categoria Escola Ideal – O que está faltando e o que pode mudar

CATEGORIA: ESCOLA IDEAL – O QUE ESTÁ FALTANDO E O QUE PODE MUDAR	
Educadores refletem sobre como seria a Escola Ideal. Nesse sentido, debatem alimentação, estrutura, currículo, avaliação, assistência, entre outros.	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES:
Alimentação saudável e regular	<i>“O lanche precisa melhorar, precisa ser bem consistente, porque eles passam muitas horas na escola e precisam de uma alimentação</i>

Estrutura Física	<p><i>boa para poder estudar direito. Ainda mais agora com essa história de educação integral pro ensino médio.”</i></p> <p><i>“Precisa de estrutura também. Salas com janela, televisões, cadeiras melhores etc.”</i></p> <p><i>“Ah teria um auditório, um teatro bem bom e equipado, inclusive com instrumentos. Um CIEF (Centro Integrado de Educação Física) pra cada escola para eles poderem praticar várias atividades, como natação, corrida etc.”</i></p> <p><i>“Precisaria de um vestiário decente também. Às vezes eu dou plantões no turno contrário e eles passam o dia na escola. Não têm onde tomar um banho, fazer a higiene e tudo mais [...]. Então tudo isso faz diferença.”</i></p>
Biblioteca, acesso e incentivo à leitura	<p><i>“A escola ideal ia ter uma biblioteca bem grande também, com bibliotecários bons, para que os meninos passassem a frequentar, e criassem um interesse maior pela leitura. Poderia, inclusive, ter um clube do livro.”</i></p>
Assistência médica e psicológica	<p><i>“Dentista e médico, ou enfermeiro. Porque muitos não têm isso em casa e acontecem acidentes ou acontece de eles passarem mal na escola também. Psicólogo também é importante, pra além dos orientadores. Eles precisam de um suporte, alguém pra conversar. Eu converso muito com eles, mas eu tenho que estar o tempo todo dentro de sala de aula, então às vezes não tem como sentar com cada um pra ouvir, pra conversar mesmo.”</i></p> <p><i>“Podia ter psicólogos, porque tem muito menino que precisa de terapia, e seria muito importante ter esse suporte.”</i></p>

Currículo e avaliação	<i>“Eu secaria o currículo, tirando os assuntos desnecessários. As provas e as avaliações formativas teriam que ser repensadas também.”</i>
Ensino integral	<i>“Seria integral. Teria um período de aulas e outro de temas integrais. Política, esportes, as três artes, pra desenvolver a criatividade.”</i>
Mais e melhores oportunidades de estágios	<i>“A Escola poderia ter parceiros para os alunos fazerem estágios, porque eu vejo que esses programas de estágio fazem eles crescerem bastante.”</i>
Estímulos aos estudantes	<i>“Eu estava pensando outro dia que deveria ter bolsa pros alunos estudarem, que fosse o valor de um salário mínimo e que não ficasse com os pais o dinheiro. Teria que dar um jeito de assegurar que o dinheiro ia ficar com eles pra eles fazerem o que quisessem. E teria que ter uma média 7 pra manter a bolsa. Se não tiver, perde temporariamente. Depois, quando a nota aumentar, volta a receber. Porque o adolescente é muito consumista neh e aí eles iriam se esforçar pra caramba pra manter a média 7 e garantir o dinheirinho deles no final do mês.”</i>
Manutenção dos aspectos positivos do ensino tradicional	<i>“Precisa mudar algumas coisas, mas manter o que é bom da escola tradicional. Porque o povo só sabe criticar, mas tem muita coisa que é boa aqui.[...] Então eu acho que o ensino tradicional dá certo, tem muita coisa boa, mas tem que melhorar bastante ainda também, é claro.”</i>
Valorização do conhecimento	<i>“Seria uma escola com alunos conscientes e que valorizassem também o conhecimento.”</i>

Formação personalizada	<i>“O ideal seria ter uma Escola que formasse a base para o que você quisesse fazer, criar.”</i>
Sistema de organização e de notas	<i>“A escola ideal, assim, não precisa nem que ter nem nota. O aluno tem aquele tempo e aquelas matérias pra estudar, tipo faculdade, tem aquele tempo pra ele fazer e as matérias para ele estudar. Aí ele vinha e estudava. A gente tinha que oferecer todos os recursos para ele estudar. Todas as coisas que ele quisesse aprofundar.[...] Digamos, a pessoa que tem 14 anos. Ele tem até os 18 anos pra ele ir pra escola. Ele tem o tempo dele. Os 4 anos dele. Se ele quiser estudar só matemática, ele estuda só matemática. Sem nota. Não precisa de avaliação. O professor tá lá pra ensinar e ele tá lá pra aprender. Teria muita coisa a mudar, só que eu acho que, partindo do princípio de não fixar essa coisa de avaliação, de ter nota, ter a matéria, entendeu? Não precisa vincular ele à gente. Ele se vincula ao estudo dele. Ao que ele quiser fazer.”</i>

Fonte: Entrevista com os professores. **Organização:** a autora.

Quando questionados sobre a “Escola Ideal”, os educadores citaram inúmeros pontos que poderiam ser alterados ou inseridos na ideia de Escola que temos hoje. Mencionaram quesitos pontuais, subjetivos, abstratos, pedagógicos, estruturais, etc. Alguns itens surgiram repetidas vezes nas entrevistas, enquanto outros se mostraram bastante específicos e individuais.

Um ponto importantíssimo é a Alimentação. Muito se discute hoje sobre a merenda escolar – principalmente após os escândalos de corrupção em São Paulo. É dito aos profissionais e aos estudantes que há uma nutricionista responsável por elaborar o cardápio de refeições, mas muitos aspectos nos fazem questionar a veemência de tal afirmação. Em alguns

dias da semana, os estudantes recebem refeições que corresponderiam a um almoço no intervalo (tanto de manhã como de tarde), como, por exemplo, galinhada ou arroz carreteiro. Em outros dias, o lanche se resume a biscoitos e leite. Por mais que muitas merendeiras saibam contornar a situação e fazer o melhor possível com as possibilidades da cozinha da Escola, a insatisfação geral com a alimentação escolar ainda é muito grande. Em dias de atividades no turno contrário, não há como servir almoço e os alunos, muitas vezes, são obrigados a comprar comida na rua ou, frequentemente, passam o dia com fome. Há, também, cantinas nas escolas. São lanchonetes de caráter privado que, usualmente, vendem o mesmo tipo de comida: salgados fritos, refrigerantes e doces industrializados. Certamente, numa Escola Ideal, haveria verba e profissionais responsáveis por garantir todas as refeições necessárias e de qualidade para a comunidade escolar, o que deveria começar a acontecer em breve, visto que os debates e projetos relativos à educação integral estão cada vez mais fortes no país. Capra (2006), em sua obra “Alfabetização Ecológica”, reforça a necessidade de se pensar como a Escola deve trabalhar a questão ambiental com os estudantes e relata projetos em que interligou Escolas e alimentos agroecológicos oriundos de comunidades agrícolas locais, mostrando que essas iniciativas não só são extremamente viáveis, como também servem de alicerces para mudanças de paradigmas que não mais contemplam nem a formação escolar atual – que busca transformações – nem a nova sociedade que está sendo formada.

Um dos pontos mais comentados foi em relação à estrutura da Escola. O que se observa hoje nas Escolas públicas é um imenso descaso refletido por paredes mal pintadas, carteiras destruídas, falta de material, banheiros em estado deplorável, quadras abandonadas etc. Na Escola Ideal, além de cuidados com manutenção e com materiais, haveria, também, anexos como vestiários, centros para prática de atividades físicas diversas e auditórios amplos e bem equipados.

Assim como no caso da alimentação, o vestiário também seria fundamental para a implementação do ensino integral. Muitos estudantes, principalmente no ensino médio, acabam passando bastante tempo na Escola e não têm como realizar adequadamente sua higiene ou tomar um banho, se necessário. Cabe ressaltar que, em Brasília, a amplitude térmica varia bastante e há momentos do dia e do ano em que a temperatura sobe muito, de maneira que, em algumas ocasiões, o calor se torna insuportável e, como estamos no Cerrado, além de quente, o tempo também fica bem seco.

As turmas de ensino médio da Escola onde a pesquisa foi desenvolvida possuíam um Centro Integrado de Educação Física (CIEF) ao lado para praticarem educação física, entretanto, essa não é a realidade das outras escolas da cidade. No CIEF, há piscinas aquecidas, quadras específicas para várias modalidades – vôlei, futebol, futsal, tênis etc. – e pista para corrida. Desta maneira, os estudantes possuem muito mais possibilidades para a prática esportiva, não estando limitados a atividades no qual precisam dividir as quadras, como normalmente acontece. Certamente, na Escola Ideal, as atividades físicas teriam o seu devido valor e estudantes poderiam se expressar de maneira livre e ampla a partir da prática de exercícios.

Os auditórios são estruturas geralmente presentes nas Escolas públicas do DF, contudo, costumam ser pequenos, desconfortáveis e não receber manutenção, principalmente, por falta de verba. Nesse sentido, acabam não sendo ou sendo muito pouco utilizados pela comunidade escolar, se restringindo a eventos de palestras. No entanto, se houvesse bons auditórios, a Escola, certamente, poderia incentivar e promover atividades musicais e teatrais, por exemplo. É uma realidade nítida que muitos estudantes do ensino médio mostram tendências artísticas, tanto no sentido de tocar um instrumento como no gosto por pintar ou desenhar e até mesmo na paixão pelas artes cênicas. Num modelo de Educação Ideal, esses tipos de atividades deveriam

ser não só incentivados, como se tornarem partes importantes do currículo acadêmico, na medida em que ajudam a desenvolver outras facetas importantes dos indivíduos.

Ainda sobre a estrutura, muitos educadores sofrem com a atual situação das bibliotecas escolares atualmente. Há poucos funcionários, acervo pequeno, falta de manutenção e, em geral, grande desorganização. Os estudantes não têm o hábito de frequentar a biblioteca e nem de ler. Além de não terem sido ensinados a usufruir da biblioteca, também são, frequentemente, obrigados a ler livros que não lhes interessam e, nesse sentido, vão perdendo o interesse pela leitura. Na Escola Ideal, além de haver uma ampla e boa biblioteca, os estudantes seriam ensinados a utilizá-la e poderiam desfrutar de projetos envolvendo a leitura, como um clube do livro, por exemplo. É inquestionável que leitores escrevem melhor, têm maior vocabulário e conseguem compreender melhor o Mundo que lhes rodeia.

Outro aspecto muito comentado seria garantir a assistência médica e psicológica para a comunidade escolar. Diariamente, aparecem estudantes passando mal, com náuseas, cólicas, dores de cabeça, pressão baixa e daí em diante. Os profissionais da educação, por lei, não podem disponibilizar medicamentos e, muitas vezes, quando os pais não podem buscar, esses adolescentes acabam tendo que assistir às aulas mesmo estando indispostos. Além das dores do corpo, mais comuns e intensas são as dores da alma que observamos. Muitos adolescentes passam por vários problemas psicológicos e não têm a quem recorrer, não sendo, muitas vezes, diagnosticados. Suas dificuldades vão desde problemas domésticos a ansiedade, depressão, sentimento de inadequação, não-adaptação e agressividade consigo e com os outros. Seria fundamental que pudessem contar com um médico ou enfermeiro e com um psicólogo para tratar de suas questões físicas e psíquicas, pois é fato que, incomodados com qualquer tipo de mal que lhes acometa, não conseguirão acompanhar aulas e se desenvolver física e intelectualmente em sua plenitude. Sabe-se que uma boa parte das Escolas possui um Serviço de

Orientação Educacional (SOE), mas este, infelizmente, não dá, nem de longe, conta das demandas apresentadas por nossos alunos hoje (STEIGENBERG, 2007).

Tendo em vista a preocupação com o desenvolvimento de outras áreas do conhecimento, não tão formalizadas, muitos educadores defendem a proposta de um sistema de ensino integral, desde que haja a devida estrutura física e pedagógica para sua implementação. Ano passado, saiu no jornal local uma matéria referente à expansão das escolas proposta por governistas. O que se percebe, infelizmente, é que a ideia é de se expandir a carga horária sem disponibilizar mais profissionais e mais verba, o que, certamente, acabará gerando mais problemas ao invés de soluções. Da mesma maneira, vimos, nos últimos anos, o Programa REUNI ser implantado nas instituições de ensino superior. As Universidades foram pressionadas a aceitá-lo, aumentando o número de vagas ou até de cursos, e não houve contratações, de maneira que as faculdades e os institutos acadêmicos foram sobrecarregas – principalmente, os professores. Na Escola Ideal, haveria não só o investimento para tornar a Educação integral, como também, um projeto pedagógico sólido que tornasse o segundo turno construtivo e significativo, não se deixando tornar um segundo momento de mais aulas formais e conteudistas (SÉRIE MAIS EDUCAÇÃO, 2009).

Em relação ao currículo, inclusive, muitos educadores relataram que, na Escola Ideal, ele seria repensado de maneira a se tornar útil e contextualizado para os estudantes. Nesse sentido, seriam repensadas, também, as avaliações, que iriam, de fato, se tornar capazes de avaliar em sua singularidade cada estudante. O que se observa hoje na Escola é que o currículo, além de carregar excesso de conteúdos, não consegue contemplar as regionalidades e individualidades de nossos estudantes. As avaliações, assim como o currículo, cobram excesso de assuntos e tentam avaliar de maneira homogênea diferentes pessoas, o que, como se sabe, é inviável e impossível. Nesse sentido, a Escola Ideal, mediante profissionais qualificados, estrutura e suporte do governo, iria repensar e reorganizar os métodos da Escola de maneira que

os estudantes passassem a ser, de fato, atendidos e, assim, pudessem se inserir de maneira profunda e completa em seu processo de ensino-aprendizagem (HADJI, 2001; SILVA, 2003; MOREIRA E CANDAU, 2007; JUNG, 2009).

Foi mencionado, também, um aspecto muito interessante e pouco discutido hoje sobre a Educação: os estágios para estudantes do ensino médio. Muitos da rede pública, hoje, fazem estágios em órgãos públicos e em empresas privadas. Não se pode negligenciar o fato de que, muitas vezes, esses estágios acabam tomando muito tempo da vida dos estudantes, de maneira a atrapalhar seus estudos. Avaliando por outro lado, contudo, há alguns ângulos que mostram ser essa, também, uma experiência bastante enriquecedora, como o desenvolvimento de disciplina, pontualidade, responsabilidade e persistência. Vendo por essa perspectiva, na Escola Ideal, as possibilidades de estágio seriam melhoradas e aumentadas, entretanto, análises seriam feitas no sentido de verificar a melhor maneira de implantá-los sem prejudicar a vida dos estudantes.

Também segundo a lógica do estágio, houve um professor entrevistado que apresentou ponto de vista oriundo de anos de reflexões sobre o assunto. Disse que os estudantes do ensino médio poderiam receber uma bolsa como fruto do seu “trabalho” escolar. Desta maneira, seriam incentivados a se esforçarem, pois, segundo o educador, esta bolsa seria temporariamente suspensa em caso de baixo rendimento escolar. Propostas como essa são complexas e carentes de muita reflexão e análise, contudo, é inegável a importância de estarmos sempre raciocinando e debatendo sobre como melhorar os resultados reais da Educação contemporânea.

Foram feitas também sugestões que envolvem todo o sistema de Educação pelos educadores entrevistados. Determinado professor questionou a organização da Escola em aulas, currículo e notas e revelou que, numa Escola Ideal, o estudante não deveria estar vinculado a professores e notas, e sim, a seu próprio processo de estudo. Nesse sentido, cada um, diante de

um limite de tempo, teria à sua disposição professores e materiais para montar seu próprio plano de estudos e estudar de maneira autônoma. A Escola daria todo o suporte e as orientações que fossem necessárias e o estudante teria liberdade para estudar apenas o que lhe interessasse. Sabe-se que, talvez, no contexto que se tem hoje, esse método poderia não dar certo, mas entende-se que, nesse caso, ocorreria todo um processo de conscientização e educação para a transição. Por mais que, de primeira mão, pareça uma ideia um tanto diferente, hoje, em Portugal e no Brasil, temos a Escola da Ponte e o Projeto Âncora, criados pelo educador português José Pacheco e que têm apresentado ótimos resultados em relação à formação humana, física e intelectual de seus estudantes. Nessas Escolas, não há divisão por séries formais e os estudantes definem e elaboram projetos com base nos conteúdos que querem estudar, sob a supervisão de professores capacitados e tendo todo o apoio necessário da Escola.

Além de todas as sugestões de alterações e melhorias na Escola, foi manifestado, também, que, numa Escola Ideal, seria interessante manter tudo que é avaliado como bom da educação tradicional. Por mais que, cada vez mais, estejam surgindo debates sobre uma reforma radical no sistema educacional, muitos professores ainda se mantêm fiéis aos métodos tradicionais de ensino, defendendo que essas propostas alternativas “não funcionam”. Nesse sentido, temos profissionais com visões nos dois extremos e entre esses extremos, de maneira que se torna muito complexa a discussão sobre o que é certo, adequado e melhor quando se fala de Escola.

Por último, educadores revelaram que, numa Escola Ideal, os estudantes seriam, de fato, conscientes e saberiam valorizar o ensino, de maneira que essa postura, inquestionavelmente, contribuiria para melhores resultados qualquer que fosse a estrutura e os métodos utilizados (BORDIEU, 1998).

Nessa Escola, certamente, as famílias estariam mais presentes e ajudariam a construir a comunidade escolar e os processos educativos. O que se observa hoje é que, infelizmente, estão ausentes e não contribuem para a vida escolar, além de, muito frequentemente, afetarem o rendimento dos estudantes de maneira negativa (SOARES, 2010).

Tabela 8: Categoria Família

CATEGORIA: FAMÍLIA	
A maior parte das famílias não está presente. Não apoiam os adolescentes dentro de casa e não os incentivam nos estudos. Muitos reclamam de situações domésticas difíceis e têm, em consequência, baixo rendimento acadêmico.	
TEMAS	VERBALIZAÇÕES:
Papel da Família	<i>“Eu também quero educar junto com a família. A família é super importante.”</i>
Participação da família na vida escolar	<i>“Acho que precisa aproximar mais a família. Como parceiros mesmo.”</i> <i>“Ah eu acho que a Escola tinha que chamar mais a família. A família tem que estar junto, ser presente mesmo. Mas esses pais quase não vêm aqui. Só quando tem reunião, neh. E mesmo assim ainda são poucos os que vêm. No primeiro ano, eles vêm mais, principalmente no início do ano, quando é novidade. Aí depois param de vir. Porque não querem vir aqui ficar escutando reclamação do filho. Mas as famílias podiam ajudar muito a Escola.”</i>

Disciplina com os estudos	<i>“Eu acho que os pais têm uma parcela de... Você pode ver que se seu pai ficou em cima pra você estudar, você foi bem melhor que o outro lá que o pai largou e nem ligou.”</i>
---------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Entrevista com os professores. **Organização:** a autora.

É forte, nas escolas públicas, o consenso sobre a importância e a ausência das famílias na vida da Escola. As famílias fazem parte da comunidade escolar e deveriam, portanto, participar ativa e assiduamente da construção dos processos pedagógicos (STEIGENBERG, 2007; COSTA e TORRES, 2010).

Os educadores, geralmente, só conhecem e encontram os pais e responsáveis em dias de reunião, que ocorrem cerca de uma vez ao bimestre, totalizando apenas quatro reuniões ao ano. Nesses momentos, ainda é pequeno o recorte de familiares que comparecem e suas posturas variam bastante. Muitos evitam o corredor de exatas, por se tratar de disciplinas em que a grande maioria dos estudantes tem pior rendimento. Já outros vão apenas nas disciplinas nas quais os adolescentes obtiveram notas mais baixas. Alguns poucos têm o hábito de querer conversar com todos os professores. Desses que comparecem, há muitos que escutam o educador e se dispõem a colaborar em casa para melhorar o desempenho do estudante de acordo com o que for conversado, mas há, também, pais e responsáveis que desafiam os educadores, colocando sobre eles a culpa pelos baixos rendimentos de seus entes.

Nessa perspectiva, seria fundamental que houvesse um trabalho focado em chamar e debater com a família qual é o seu papel na comunidade escolar, além de socializar aspectos da rotina, do funcionamento e dos valores da Escola, para que, assim, pais e responsáveis estivessem mais conscientes sobre sua importância e sobre como agir (SOARES, 2010).

Para além de questões pedagógicas, há um elemento muito importante que é o ambiente doméstico dos estudantes. Observa-se que muitos, apesar de possuírem menor poder aquisitivo,

têm lares saudáveis e cheios de afeto. Outros, no entanto, passam por situações muito complicadas e/ou têm histórias de vida bastante sofridas. Muitos relatam aos professores confidências sobre a vida familiar e os educadores, frequentemente, se sentem mal e impotentes diante das situações descritas. Casos de estudantes com familiares alcoólatras ou dependentes de outros tipos de drogas são muito comuns. Nesses contextos, é muito usual que os dependentes se tornem agressivos e abusivos, descontando, principalmente, nos adolescentes. Situações desse tipo são extremamente delicadas e precisam ser tratadas com todo o cuidado pela equipe de educadores. Há instâncias escolares e de outros órgãos do governo que são aptas a lidarem com situações desse tipo, entretanto, estamos, infelizmente, ainda longe de perceber, denunciar e solucionar todos os casos.

Nesse sentido, observa-se, também, que a importância da família vai bem além do rendimento escolar do estudante, visto que influenciará inúmeras questões comportamentais, emocionais e de personalidade dos estudantes.

Tendo-se em vista a necessidade de se desenvolver os educandos de maneira integral e de como a família pode e deve participar de diferentes formas desse processo, a Pedagogia Waldorf nos apresenta uma visão inovadora e holística sobre a formação humana. Essa pedagogia surge no século XX com Rudolf Steiner, fundador da antroposofia, autor de muitos títulos relevantes tanto sobre a Pedagogia Waldorf quanto sobre a Sociedade Antroposófica, tendo como influência Goethe e Brentano, entre outros. Um dos aspectos marcantes dessa pedagogia é a competência em aproximar e tornar a família como um dos agentes principais do processo educativo. Os pais e responsáveis, nas Escolas Waldorf's, costumam assumir cargos e responsabilidades administrativas, além de estarem, diariamente, participando das atividades pedagógicas da escola (LANZ, 2011).

É inquestionável a importância do papel da família na comunidade acadêmica, contudo, ainda se discute até que ponto esta deve se inserir no cotidiano escolar e de que maneiras a Escola pode questionar e opinar sobre a vida doméstica de seus estudantes.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quando você quer alguma coisa, todo o Universo conspira

Para que você realize o seu desejo.”

Paulo Coelho

Nesse trabalho, tentei apresentar um pouco da Visão de Mundo dos educadores da escola pública sob a ótica da minha própria Visão de Mundo. Quanto mais trabalhei, mais identifiquei que esse texto tem falhas. Assim como eu. E assim como imagino que tenham todas as pessoas e todos os trabalhos. Meu objetivo nunca foi escrever um texto perfeito ou afirmar verdades, apenas compartilhar um pouco de cada um desses seres e, também, da minha própria experiência enquanto professora de Escola pública.

Cresci muito no último ano e esse crescimento me exigiu bastante. Reconstruir-se, assim como imagino que seja passar por uma cirurgia, mexe muito com nosso corpo e com nossa mente, e nos faz sentir alguns sentimentos incômodos, porém, necessários. No entanto, penso que esse processo de se destruir e se refazer é fundamental para nos conhecermos e evoluirmos enquanto indivíduos. Há que se ser muito grata pelos percalços, pois nos levam a lugares pelos

quais nossas almas precisam caminhar para que possam se tornar, de alguma forma, um pouco mais sábias e verdadeiras.

Vejo hoje que cada um que ler esse trabalho já me conhece um pouco. Já saberá que sou uma alma inquieta e incomodada. E sei que, de alguma forma, essas características são inerentes da espécie humana e, mais além, de todas as sociedades contemporâneas. Faz parte da nossa essência mergulhar em questões universais e faz parte, também, se angustiar e se encantar pensando nos mistérios da vida.

Nós criamos problemas, nós criamos sofrimentos, nós criamos obstáculos e dificuldades para nós mesmos. Tudo, quase sempre, oriundo do medo da mudança. Talvez, em alguma instância, esse medo seja um mecanismo de defesa do nosso sábio e complexo organismo. Assim como quando engasgamos e passamos a não ter mais vontade de comer determinado alimento. Mais do que isso, nós temos o hábito frequente de trazer para o momento presente preocupações que nem sabemos se irão se tornar realidades algum dia, não só, além de as anteciparmos, já estamos, inclusive, sofrendo por conta delas. Infelizmente, o sistema de educação – e os pilares da sociedade atual, na verdade – muitas vezes, contribuem para solidificar esses comportamentos e não trabalham no sentido de desenvolver pessoas mais autônomas e emocionalmente estruturadas. Fazemos pesquisas para descobrir a cura do câncer, mas não conhecemos a nós mesmos. É por isso que não acredito que uma simples mudança de organização, normas técnicas ou aumento de capital investido, por si só, conseguirão transformar a Educação pública no Brasil. É preciso ir além. É preciso olhar para as pessoas. Uma a uma. De maneira profunda e singular.

Sei que, muitas vezes, o foco na linha de chegada – que, possivelmente, irá se alterar um milhão de vezes durante o trajeto – nos desvia de estarmos inteiros no presente. E penso que é este um exercício que devemos praticar a todo momento. Digo isso porque esta

monografia é um reflexo muito claro do que afirmo. Por um lado, parece que demorou mais tempo do que devia. Por outro, não consigo assimilar que houvesse um modo de fazê-la que remetesse a outros tempos ou outros meios. Cada pedaço foi feito com inteireza e plenitude. Percebi que não adiantava pensar no que faltava, visto que a parte não escrita ainda não existia e foi sendo moldada a cada dia e a cada palavra. Tudo como precisava ser feito. Perfeito no sentido de ser real e incompleto. Pensando na Escola, vemos outro exemplo marcante. Os estudantes querem notas boas e um diploma ao final dos ciclos, mas não visualizam que, para isso, precisam estar atentos e presentes nas aulas, realizar as atividades e terem compromisso e disciplina com seus estudos. Falta-lhes olhar para dentro, repensar os processos e achar os significados em cada atividade do cotidiano. Do contrário, o presente se perde e se transforma no período que antecede algo, como um diploma ou uma vaga na Universidade. Uma trajetória pensada e realizada com lapsos.

Enfim, talvez tenha levantado mais questionamentos do que realizado afirmações, mas é assim minha Visão de Mundo. Cada vez mais não sei o que é a verdade ou que é certo e errado. E cada vez mais me convenço de que não há respostas. Nós criamos essas verdades dentro de nós e tentamos impô-las ao mundo.

Tenho plena consciência, também, de que, com este trabalho, estou desafiando séculos de pilares acadêmicos solidificados. Não fui neutra, não me dei uma voz passiva, não calculei resultados e não foquei em aspectos pontuais e objetivos. Fui passional, presente, deixei questões não respondidas e me posicionei em todos os momentos em que minha intuição assim me ordenou. Não simpatizo, muito menos corroboro com muitos padrões da Academia e, por isso, com muita humildade, faço um convite a refletirmos sobre uma mudança de paradigmas do Ensino Superior também.

Por tudo isso, se me perguntam o que fica desse trabalho, eu digo que não busquem (aqui) verdades sobre a Educação. Busquem as reflexões. Busquem compreender as relações e estabelecer conexões na Escola. Busquem desconstruir os julgamentos; eles só fazem sentido sob a sua perspectiva. Busquem gastar seu tempo, suas aulas e suas energias para tornar cada minuto e cada vida melhor. Inclusive, a sua.

Se a Biologia e a Educação nos ensinam algo, é que estamos todos interligados de alguma maneira e, portanto, somos seres dependentes. Cuidar do outro é cuidar da gente. Cuidar da natureza é cuidar da gente. Nós somos a Natureza. Nós somos os outros. Habitamos neles. E eles, em nós.

TXAI.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN L. **L'Analyse de contenu**. Editora: Presses Universitaires de France, 1977.

_____. **L. Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Qualitative Research for Education**. Boston: Allyn and Bacon, Inc., 1982.

BORDIEU, P. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In*: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Lei 9.394, de 29 de dezembro de 1996 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006

_____. **Série Mais Educação Integral**: texto referência para o debate nacional, MEC: 2009. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocumentos/cadfinal_educ_integral.pdf>. Acesso em 09/06/2016.

CAPRA, F. **Alfabetização Ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

COSTA, V.M. do R.S.; TORRES, I.S. **Possibilidade de Atuação de Novos Sujeitos Sociais Numa Escola que Vivencie a Democracia**. Anpae, 2010. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/VaniaMachadoRegoSilvaCosta_GT8.pdf>. Acesso em: 08/06/2016.

DISTRITO FEDERAL. **Lei Orgânica do Distrito Federal**. 1993. Disponível em: <<http://www.fazenda.df.gov.br/aplicacoes/legislacao/legislacao/TelaSaidaDocumentocfm?txtNumero=0&txtAno=0&txtTipo=290&txtParte=>>>. Acesso em: 05/06/2016.

_____. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento**: ensino médio. Brasília: SEEDF, 2013.

_____. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento**: pressupostos teóricos. Brasília: SEEDF, 2013

DOMINGUES, J.L.; TOSCHI, N.S.; OLIVEIRA, J.F. A Reforma do Ensino Médio: a nova formulação curricular e a realidade da escola pública. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 70, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra. 1996.

_____. P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra. 1974.

GADOTTI, M. **Educar para a sustentabilidade**: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

GASPARIN, J. L. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Capítulo 3. 3 ed, ver, Campinas: autores associados, 2005.

HADJI, C. **Avaliação Desmitificada**. Porto Alegre-RS: Artmed, 2001.

HOFFMAN, J. **Avaliação: mito e desafio**. Uma Perspectiva Construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2003.

JACOBI, P.R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, V.31, N.2, p. 233-250, 2005.

JUNG, N. Ma. **A (Re)produção de identidades sociais na comunidade e na escola**. Ponta Grossa: EdUEPG, 2009.

KONDER, L. A Dialética e o Marxismo. **Trabalho Necessário**, Rio de Janeiro, n.1, 2003.

LANEVE, C. **Per uma Teoria dela Didattica**. Brescia. La Scuola. 1993.

LANZ, R.V. **A Pedagogia Waldorf**: caminho para um ensino mais humano. São Paulo: Antroposófica, 2011.

LEITE, E.G.; GOMES, H.M.G. **O Papel da Família e da Escola na Aprendizagem Escolar**: uma análise na escola municipal José Teobaldo de Azevedo no Município de Limoeiro-PE. Pernambuco, 2008.

LEFF, E.. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

_____. J.C.; SUANNO, M.V.R. **Didática e Escola em uma Sociedade Complexa**. Goiânia: Publicações CEPED, 2011.

_____. J. C. O Dualismo Perverso da Escola Pública Brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.38, n.1, p. 13-28. 2012.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

MARANDINO, M. A Prática de Ensino nas Licenciaturas e a Pesquisa em Ensino de Ciências: questões atuais. **Cad. Bras. Ens. Fís.**, v.20, n.2: p.168-193, 2003.

MARX, K.; ENGELS, F.; **O Manifesto do Partido Comunista**. Ed. CPV. Berlin, 1859.

MOREIRA, A.F.B., CANDAU, V.M. **Indagações sobre Currículo**: currículo, conhecimento e cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

NETO, E. S. Paulo Freire e Gramsci: contribuições para pensar educação, política e cidadania no contexto neoliberal. **Revista Múltiplas Leituras**, v.2, n.2, p.25-39, 2009.

NUNES, C.M.C.; BULLMANN, C.L. As Contribuições da Formação Inicial e Continuada na Carreira do Profissional Docente. **Anais do II Seminário Internacional De Educação**

Profissional Do Instituto Federal Farroupilha “Construindo Caminhos Possíveis Para Uma Educação De Qualidade”. Santa Maria/RS, 27 a 30 de maio de 2015.

PIMENTA, S. G. **Formação de Professores – Saberes da Docência e Identidade do Professor**. São Paulo: Nuances, 1997.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, **Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais**, v.5, 1988. p. 68-80.

SANTOS, M.A.C. Educação Musical na Escola e nos Projetos Comunitários e Sociais. **Revista Abem**. V. 13, Nº 12, 2005.

SATO, C. **Educação Ambiental: pesquisas e desafios**. Artmed, 2006.

SAVIANI, D. A Escola Pública Brasileira no Longo Século XX (1890-2001). **III Congresso Brasileiro de História da Educação. Sessão de Comunicação Coordenada**. Campinas, 2004.

_____. **D. Escola e Democracia**. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. D. História da História da Educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **Conferência de abertura do V Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares**, São Paulo, 2008.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**. Brasília, 2013.

SILVA, T.T. da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, J.M. **Família e Escola**: parceiras no processo educacional da criança. IESAP. Amapá, 2010.

STEIGENBERG, J.F.S. **Interação Família-Escola**: Saberes Necessários para a Construção de Relações Transformadoras. Paraná: PDE, 2007

TARDIF, M. Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários. Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**. N. 13, p.5-24, 2000.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jeferson Luiz Amargo. 2. ed.
São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo:
Martins Fontes, 2000.

WIDEEN, M.; MAYER-SMITH, J.; MOON, B. A Critical Analysis of the Research on
Learning to Teach: Making the Case for an Ecological Perspective on Inquiry. **Review of
Educational Research**. p. 130-178. 1998.

WILSON, S. The Use of Ethnographic Techniques in Educational Research. **Review of
Education Research**, 47: 245-265, 1977.

WOLCOTT, H. W. Criteria for an Ethnographic Approach to Research in Education. **Human
Organization**. 34: 111-128, 1975.

“Mas é nelas

(bocas e mãos, sonhos, greves e denúncias)

Que te vejo pulsando, Mundo Novo,

Ainda que em estado de soluções e esperança.”

Ferreira Gullar

APÊNDICES

Transcrição das Entrevistas

Aqui constam as transcrições realizadas a partir dos áudios gravados das entrevistas semiestruturadas com os educadores de ensino médio da rede pública de uma escola situada na Asa Sul, Brasília, DF. As transcrições foram organizadas com base na disciplina lecionada por cada professor e contam com as perguntas inicialmente planejadas no roteiro e com perguntas adicionadas posteriormente no momento da coleta de dados. É importante ressaltar que as entrevistas não foram corrigidas e nem textualizadas, apenas transcritas, mantendo-se exatamente as palavras dos professores.

❖ Matemática

1. Qual é a sua graduação (e modalidade, se houver)? Onde se formou? Em que ano?

“Sou matemática. Fiz bacharelado na PUC de São Paulo em 1978. Depois, fiz também a licenciatura em ciências no CEUB e uma pós em Educação no CEUB também.”

Sabe o ano?

“O ano não lembro. Já tem muito tempo, muitos anos. Tanto é que já vou aposentar ano que vem.”

2. Há quanto tempo você leciona na Secretaria de Educação do Distrito Federal?

“Há 20 anos. Mas já dava aula antes.”

3. Você escolheu ser professor? Por qual/quais motivo(s) você decidiu/quis de tornar educador?

“Sim. Eu escolhi. Eu gosto. Gosto do trabalho e gosto de matemática também.”

4. O que norteia o seu planejamento e a execução de suas aulas?

“Sigo o que me mandam. Não tem muito o que florear. Tem um currículo, que é o governo que manda. Já vem tudo no livro didático direitinho, então é só ir seguindo na ordem. Matemática não tem muito o que fazer, o que discutir. Tem que ensinar os meninos a saberem resolver os exercícios.”

5. Você já leu/conhece/tem o hábito de buscar os documentos oficiais que norteiam o sistema de educação (LDB, Currículo em Movimento, Regimento Interno da Escola, PPP, Acordo Didático etc.)?

“Sim. Eu já li. Mas faz muito tempo. Hoje em dia não fico lendo isso não. Não tenho paciência com essas coisas. Na prática, sabe, é tudo diferente. Hoje está tudo muito diversificado. Cada dia tem alguma coisa nova. É tanta coisa que ninguém sabe nada exatamente.”

6. Você altera o seu planejamento de um ano para o outro no que diz respeito aos conteúdos e métodos, por exemplo? O que muda no seu planejamento didático?

“Se o livro for alterado, sim. E de acordo com orientações coletivas também. Se alguém fala algo numa reunião e tal. Mas no geral, não muda muito não, apenas um coisinha ou outra. O grosso mesmo fica igual toda vez.”

7. O que você objetiva ter como resultado do seu trabalho docente em relação à formação dos alunos?

“Eu procuro fazer com que eles gostem da matemática. Eu tento fazer um link com a realidade. Mas eles não querem nada. É muito difícil. Em geral, não gostam de matemática não. Eu faço o trabalho com a flor também.”

Tipo o Ikebana?

“Sim. É bem semelhante. Sempre levo uma florzinha pra sala e deixo lá. Acho que muda o ambiente, sabe. Uma flor faz muita diferença. Já fiz muito trabalho com flor com os alunos. Eu dou curso nos finais de semana, você sabe neh? Ensino a fazer uns arranjos. Já fiz muito na Escola. Mas hoje estou cansada. Quando faço, ensino eles a fazer pra levar, pra dar pra alguém. E eles gostam bastante até.”

8. Você se considera seguidor de alguma (ou mais de uma) linhagem teórica em relação aos seus métodos de lecionar e às suas concepções sobre o processo de ensino-

aprendizagem? (Se sim) Qual e como ela se manifesta em seu trabalho? (Se não) O que você identifica que são, então, as bases de seu trabalho enquanto professor?

“Não sigo ninguém. Não conheço essas coisas. Eu vi na faculdade, neh, mas tem muito tempo. E não fico seguindo ninguém não. Eu vou fazendo o que acho certo. Eu faço o meu melhor. Pelo menos tento neh. Matemática não tem muito dessas coisas. É mais ensinar a fazer as operações e depois resolver exercício. Muito exercício. Que é assim que aprende matemática. Não tem essa coisa das humanas de discutir, de florear.”

9. Como você enxerga/avalia seu trabalho como educador?

“Faço o melhor. Não é fácil. Esses meninos hoje não querem nada. E eles não têm respeito nenhum. Falam cada coisa que eu arrepio inteira. Falta deus na vida deles também. Tem muitos anos que estou aqui dando aula. A gente vai ficando muito cansado. Mas tento dar o meu melhor.”

10. Para você, como seria a Escola ideal?

“Primeiro, verdadeira. Tudo tinha que ser mais verdadeiro, inclusive as pessoas. Acho que poderia ter menos conteúdos transversais e mais estudo de verdade. Porque eles não estudam. E eles não sabem nada. São muito ruins de conteúdo. A gente precisa ensinar com amor o que eles precisam saber. Florear menos. Eu não sei o que fazer com esses conteúdos (transversais). Ninguém nunca me ensinou. Eles só jogam as coisas na gente.”

Mais alguma coisa que vem na cabeça?

“Acho que podia dividir em científico para quem quer exatas e clássico para quem quer humanas de novo. E daí por diante. Aí cada um estuda o que gosta. E o que tem facilidade. Ah! E rever essa história de inclusão, neh. Porque desse jeito que está não adianta nada. Eu não sei o que fazer com os alunos na sala. Eu preciso passar um conteúdo e acabo ensinando pra uma maioria que vai acompanhar. Esses meninos precisam de um apoio, não adianta só jogar nas salas com os outros alunos e achar que está tudo bem.”

11. Gostaria de deixar uma última reflexão sobre a Educação?

“Ah, falam muito, neh, mas ainda não chegou lá. Tem muito que fazer e que melhorar ainda. Muita coisa pra melhorar. Acho que não deve entrar qualquer professor. Tem que ensinar com amor, que gostar da profissão. E que saber ensinar os conteúdos igual o MEC pede. Que eu consigo pensar agora é isso mesmo.”

❖ História

1. Qual é a sua graduação (e modalidade, se houver)? Onde se formou? Em que ano?

“Licenciatura em história. CEUB. Formei em 2013.”

2. Há quanto tempo você leciona na Secretaria de Educação do Distrito Federal?

“Um ano. Desde o início desse ano. Fiz o concurso em setembro de 2014, daí passei e fui chamada no início do ano seguinte já.”

3. Você escolheu ser professor? Por qual/quais motivo(s) você decidiu/quis de tornar educador?

“Sim. Sempre quis. Sempre tive jeito. Brincava de ensinar quando era pequena. Aí na época meu pai meio que me censurou. Tentei fazer direito. Mas não deu. Não aguentei o curso. Até que encarei a faculdade de história e me encontrei.”

4. O que norteia o seu planejamento e a execução de suas aulas?

“A motivação dos alunos. Eles não entendem muito bem a necessidade de compreensão do passado, sabe. Eu quero que eles entendam a sociedade que a gente vive, pra não ficar acreditando em tudo que sai na mídia, por exemplo. Eles têm que aprender a pensar, e pra isso tem que entender a história. A gente conversa muito. Quando eu ensinei Grécia e Roma, a gente discutiu o cenário político brasileiro de hoje. E eles vão fazendo os links. Porque tem tudo a ver, neh. Eu falo pra eles assistirem House of Cards. É um seriado muito bom. Fala muito de política. E eles assistem. E a gente vai debatendo, comparando a história que acontece lá nos Estados Unidos com a história da política no Brasil, por exemplo. E eles vão refletindo sobre como as coisas acontecem.. Eles adoram.”

5. Você já leu/conhece/tem o hábito de buscar os documentos oficiais que norteiam o sistema de educação (LDB, Currículo em Movimento, Regimento Interno da Escola, PPP, Acordo Didático etc.)?

“Sim, já. Eu tenho esses documentos. Acho importante. Principalmente, a LDB, que dá um norte pra gente. O Currículo em Movimento já li também. Os documentos da escola que conheço menos. Mas estou sempre lendo, acho importante pra melhorar.”

6. Você altera o seu planejamento de um ano para o outro no que diz respeito aos conteúdos e métodos, por exemplo? O que muda no seu planejamento didático?

“Olha, eu pretendo alterar sim. Mas eu não sei quem vão ser os meus alunos no próximo ano. Em turmas diferentes, os alunos são diferentes, e, portanto, as aulas têm que ser diferentes também, neh. Não dá pra repetir tudo igualzinho. Tem turmas que têm mais facilidade e tem turmas que tem muito mais dificuldade.”

Tem algo específico que você já sabe que vai mudar?

“Ah eu pretendo repensar a avaliação, que pra mim é a grande dificuldade. Tem que ser igual pra todo mundo, mas eles não são iguais, neh, então é complicado. E o professor não tem tempo e nem pode avaliar cada um de um jeito. Essas provas do jeito que são hoje não avaliam. Isso já está mais do que claro. Por isso que a gente precisa mudar, evoluir. Não é mais igual era no nosso tempo. Hoje a tecnologia está muito avançada, eles têm o google na palma da mão, neh. Não faz sentido ficar mandando decorar um monte de coisas que eles podem acessar pelo celular.”

7. O que você objetiva ter como resultado do seu trabalho docente em relação à formação dos alunos?

“Principalmente, é o conhecimento e a construção de opinião, atrelado aos conteúdos, claro. É muito importante desenvolver o pensamento crítico e político. É essencial desenvolver o poder de argumentação. Por exemplo, a gente está na época do Natal e todo mundo fica falando de Jesus. Aí eu falo com os meninos pra gente pensar historicamente sobre Jesus. Se a gente analisar bem, a gente vai ver que ele era um imigrante refugiado. E hoje, dois mil anos depois, a gente está vendo toda essa situação aí com os imigrantes da Síria. Mas as pessoas não fazem os links.”

8. Você se considera seguidor de alguma (ou mais de uma) linhagem teórica em relação aos seus métodos de lecionar e às suas concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem? (Se sim) Qual e como ela se manifesta em seu trabalho? (Se não) O que você identifica que são, então, as bases de seu trabalho enquanto professor?

“Eu me acho muito freiriana, por conta de toda essa coisa da autonomia e da adaptação à realidade do aluno. Sabe, eu acredito que conhecimento é liberdade. Mas tem outras influências também, como a teoria do Vygotsky da zona de desenvolvimento proximal. A gente provoca uma dúvida, uma problemática e eles começam a se manifestar, como no caso da imigração na Europa. Outra coisa também é a história do currículo oculto. Me identifico muito. Não é só passar o conteúdo do livro, neh. A gente sabe que tem muito mais”

9. Como você enxerga/avalia seu trabalho como educador?

“Eu me avalio pelo retorno dos alunos. Eles se manifestam, me dão feedbacks. E eu questiono mesmo, acho super importante saber o que eles estão achando. Em geral, o retorno é bom. Eles gostam das aulas de história. Então eu considero meu trabalho bom. Não sou perfeita, claro, às vezes a gente acerta e às vezes a gente erra, mas eu faço o meu melhor e, no geral, estou satisfeita. Foi um ano muito especial.”

10. Para você, como seria a Escola ideal?

“Nossa vamos lá. O lanche precisa melhorar, precisa ser bem consistente, porque eles passam muitas horas na escola e precisam de uma alimentação boa para poder estudar direito. Ainda mais agora com essa história de educação integral pro ensino médio. Precisaria de um vestiário decente também. Às vezes eu dou plantões no turno contrário e eles passam o dia na escola. Não têm onde tomar um banho, fazer a higiene e tudo mais, e a escola não fornece o almoço também. Então tudo isso faz diferença. A escola ideal ia ter uma biblioteca bem grande também, com bibliotecários bons, para que os meninos passassem a frequentar, e criassem um interesse maior pela leitura. Poderia, inclusive, ter um clube do livro. E assistência, neh. Dentista e médico, ou enfermeiro. Porque muitos não têm isso em casa e acontecem acidentes ou acontece de eles passarem mal na escola também. Psicólogo também é importante, pra além dos orientadores. Eles precisam de um suporte, alguém pra conversar. Eu converso muito com eles, mas eu tenho que estar o tempo todo dentro de sala de aula, então às vezes não tem como sentar com cada um pra ouvir, pra conversar mesmo. E tem umas histórias de vida bem difíceis. A gente chega a arrepiar. Não dá pra esperar que o menino passando por uma situação barra pesada em casa vai chegar na escola e estudar tranquilamente. Hmmm... deixa eu ver o que mais... Podia ter umas quatro aulas de história, que é uma disciplina bem importante. E simulados todo mês, que é

pra eles treinarem bastante pro PAS. E prova de redação tinha que ter também, porque eles escrevem muito mal, e isso é falta de prática. Mas na escola do jeito que está, não tem ninguém pra fazer isso, neh. E a gente não dá conta. Os melhores alunos podiam dar monitoria pros outros, porque aí todo mundo se ajudava. E podia acabar o ponto social, que eu acho que não ajuda, porque se torna uma coisa punitiva e que não está avaliando ninguém. São muitas coisas, neh. Precisa de estrutura também. Salas com janela, televisões, cadeiras melhores etc.”

11. Gostaria de deixar uma última reflexão sobre a Educação?

“Ah eu amo dar aula. Ensinar. A Educação é sim transformadora. É tudo uma questão de vontade, neh. É uma profissão muito altruísta. Essa de professor de escola pública. Eu acredito que a gente tem um poder muito grande de mudar as coisas. E eu sou muito realizada dando aula de história. É a minha vocação. É onde eu me encontrei. A gente tem que lutar e dar duro todo dia, mas é muito bom..”

❖ Inglês

1. Qual é a sua graduação (e modalidade, se houver)? Onde se formou? Em que ano?

“Fiz licenciatura em letras português-inglês. Me formei no CEUB. Em 2000.”

2. Há quanto tempo você leciona na Secretaria de Educação do Distrito Federal?

“Há 12 anos.”

3. Você escolheu ser professor? Por qual/quais motivo(s) você decidiu/quis de tornar educador?

“Não. Escolhi por conta do mercado mesmo. Vi que era uma possibilidade que podia me ajudar a melhorar de vida. Lá em casa, ninguém tinha dinheiro e eu precisava pensar num jeito de me sustentar, de ter o meu dinheiro, e ser professora era algo viável e que eu vi que ia dar futuro . Aí quando comecei a dar aula, vi significado. Passei a gostar.”

4. O que norteia o seu planejamento e a execução de suas aulas?

“Estudo e pesquisa. Acho que os alunos precisam estudar bastante, porque você sabe que eles estudam pouco neh. E gosto de trabalhar com pesquisa também, pra sair um pouco do livro didático. No ensino de inglês ajuda bastante. Eu uso os Parâmetros Curriculares pra ter um norte. Acho importante. E sigo o livro. Eu gosto bastante do livro didático de inglês..”

5. Você já leu/conhece/tem o hábito de buscar os documentos oficiais que norteiam o sistema de educação (LDB, Currículo em Movimento, Regimento Interno da Escola, PPP, Acordo Didático etc.)?

“Ah eu sempre dou uma pesquisada. E a escola ajuda também. Orienta. Sempre tem discussões quando muda alguma coisa, e a coordenação passa pra gente. Ajuda bastante. Eu já li tudo isso, mas hoje mesmo é só de vez em quando que pego pra dar uma olhada.”

6. Você altera o seu planejamento de um ano para o outro no que diz respeito aos conteúdos e métodos, por exemplo? O que muda no seu planejamento didático?

“Os métodos sempre. O conteúdo não muito. Não aguento ficar sempre na mesma coisa. Me cansa, acho chato. O conteúdo que não tem muito pra onde correr, tem que seguir o livro e as orientações do MEC.”

7. O que você objetiva ter como resultado do seu trabalho docente em relação à formação dos alunos?

“Objetivo gerar pensamento crítico e autonomia. O conteúdo é importante, neh, mas é só uma parte. Eu quero que eles amadureçam, que aprendam a pensar. Mais do que falar inglês, que eles entendam sobre o significado da língua inglesa no mundo de hoje. Sempre tento pensar as atividades nesse sentido.”

8. Você se considera seguidor de alguma (ou mais de uma) linhagem teórica em relação aos seus métodos de lecionar e às suas concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem? (Se sim) Qual e como ela se manifesta em seu trabalho? (Se não) O que você identifica que são, então, as bases de seu trabalho enquanto professor?

“Ah tem aquele que eu gosto... ele fala sobre o desenvolvimento dos alunos. [Vygotsky?] Isso! Vygotsky! Acho muito interessante aquela teoria dele. [Zona de Desenvolvimento proximal?] Aham, isso aí mesmo, Zona de Desenvolvimento Proximal. Por exemplo, nos trabalhos em grupo, eu tento sempre dividir pra não deixar os que têm mais facilidade juntos. Porque assim os que são melhores ajudam os outros que têm mais dificuldade. No ensino de línguas, no caso do inglês, alguns fazem CIL. Aí ajuda bastante, neh. Porque o inglês da escola é instrumental, eles só têm uma aula, é muito pouco. E tem vários que fazem curso por fora também. Então os níveis são muito diferentes. Tem os muito bons e tem os muito ruins. Tem um autor brasileiro que eu gosto muito que fala sobre afetividade. Como que é mesmo o nome dele? [Acho que não conheço, ou, pelo menos, não veio à mente.] Esqueci o nome agora, mas nossa, ele é muito bom. E é conhecido até. De vez eu quando eu leio ele. Muito bom.”

9. Como você enxerga/avalia seu trabalho como educador?

“Ah eu sinto que eu estou em construção junto com eles. E eu me sinto satisfeita na medida em que me aceito, assim, em construção. Porque é isso neh, a gente está sempre melhorando. Eu aprendo muito com esse trabalho. É uma experiência que faz a gente crescer bastante.”

10. Para você, como seria a Escola ideal?

“Seria uma escola com alunos conscientes e que valorizassem também o conhecimento. Porque esses alunos não estão nem aí, neh. Não dão valor nenhum. Precisa de mais recurso também. Precisa mudar algumas coisas, mas manter o que é bom da escola tradicional. Porque o povo só sabe criticar, mas tem muita coisa que é boa aqui. E essas escolas alternativas não dão certo. Eu estudei algumas na faculdade, a gente vive

ouvindo falar, neh, e ai eu fiz uma viagem pra Portugal e fui conhecer aquela tal Escola da Ponte. A escola é mais famosa aqui no Brasil que lá, sabia? Lá ninguém conhece. Eu perguntava e o povo nem sabia do que eu estava falando. As Universidades praticamente ignoram esse lugar, não dão crédito nenhum. Então eu acho que o ensino tradicional dá certo, tem muita coisa boa, mas tem que melhorar bastante ainda também, é claro. Tem que ter um tratamento mais igual. [Tipo horizontalizando?] Sim, isso mesmo. Tem que horizontalizar. A gente precisa tratar os alunos melhor. E entre a gente que é professor também. A relação podia ser bem melhor, neh. Mas paciência, está melhorando, de pouco em pouco a gente vai caminhando.”

11. Gostaria de deixar uma última reflexão sobre a Educação?

“Ah eu acho que a Escola tinha que chamar mais a família. A família tem que estar junto, ser presente mesmo. Mas esses pais quase não vêm aqui. Só quando tem reunião, neh. E mesmo assim ainda são poucos os que vêm. No primeiro ano, eles vêm mais, principalmente no início do ano quando é novidade. Aí depois param de vir. Porque não querem vir aqui ficar escutando reclamação do filho. Mas as famílias podiam ajudar muito a Escola.”

❖ Sociologia

1. Qual é a sua graduação (e modalidade, se houver)? Onde se formou? Em que ano?

“Eu fiz bacharelado em teologia pela Faculdade de Teologia nos anos 90. Ai fiz licenciatura em pedagogia pela UCB. Foi 2002 ou 2003, não lembro. E aí eu fiz licenciatura em sociologia pela UNIP. Foi 2005 ou 2006.”

2. Há quanto tempo você leciona na Secretaria de Educação do Distrito Federal?

“Na secretaria eu estou desde 96. Então já tem 19 anos. E como professor de sociologia comecei em 2005 ou 2006, não lembro bem, mas já tem mais de dez anos.”

3. Você escolheu ser professor? Por qual/quais motivo(s) você decidiu/quis de tornar educador?

“Sim. Em 1991, quando eu estava no final da oitava série, eu fiz uma pesquisa com meus professores sobre opções. E daí pensei em ser professor. Fui fazer escola normal e amei.”

4. O que norteia o seu planejamento e a execução de suas aulas?

“No início do ano eu verifico os temas que serão abordados. Temas da política, copa do mundo etc. Aí na primeira semana eu conheço os alunos. Vejo como eles são. E aí na terceira semana eu faço um planejamento único pra todas as turmas a partir do que eu senti deles. Semanalmente, eu vou fazendo anotações sobre as turmas e vou alterando e refazendo o que precisar e é assim ao longo do ano todo.”

5. Você já leu/conhece/tem o hábito de buscar os documentos oficiais que norteiam o sistema de educação (LDB, Currículo em Movimento, Regimento Interno da Escola, PPP, Acordo Didático etc.)?

“Sim, eu tenho todos aqui no meu computador. Até te mostro. Em 2002, eu criei um projeto de música e ensino religioso em Samambaia na escola que eu trabalhava. Eu sou músico, neh. [Sério? O que você toca ou canta?] Eu toco violão e guitarra, e até canto de vez em quando. Eu toco numa banda, inclusive. Às vezes, a gente faz uns shows pela cidade. E aí resolvi levar a música pra escola. O curso de pedagogia me deu muita bagagem. Me ajudou bastante. Eu acabei sendo vice-diretor do setor oeste também, então eu tinha que estar por dentro dos documentos. Sempre precisava consultar alguma coisa. E aí fui aprendendo bastante sobre esses documentos. Sei várias coisas de cabeça.”

6. Você altera o seu planejamento de um ano para o outro no que diz respeito aos conteúdos e métodos, por exemplo? O que muda no seu planejamento didático?

“Sim. Altero todo ano. Eu gosto de inovar. Eu fiz muitos projetos já. [Com música?] Também. Gosto muito de fazer projeto com música. Mas não só com isso. Com temas da sociologia, e com a teologia também. Eu vejo que é muito positivo, os meninos gostam bastante.”

7. O que você objetiva ter como resultado do seu trabalho docente em relação à formação dos alunos?

“Crescimento, independente de como for, não precisa e nem deve ser só o acadêmico. Quero ver os meninos bem, sabe? Quero que a inclusão social melhore porque todo mundo

está falando disso mas ainda tem muita coisa pra se fazer nessa área. Eu também quero educar junto com a família. A família é super importante.”

8. Você se considera seguidor de alguma (ou mais de uma) linhagem teórica em relação aos seus métodos de lecionar e às suas concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem? (Se sim) Qual e como ela se manifesta em seu trabalho? (Se não) O que você identifica que são, então, as bases de seu trabalho enquanto professor?

“No início, sim. Me identificava muito com o construtivismo. Mas ai com o tempo a gente vai acumulando muita experiência de sala de aula e isso que passa a nortear, sabe? É um acúmulo de vinte anos de profissão. A gente acaba se afastando da universidade e fazendo as coisas de acordo com o que a gente vai vivenciando no dia a dia em sala de aula.”

9. Como você enxerga/avalia seu trabalho como educador?

“É difícil falar. Procuro melhorar todos os anos, gerar impacto, obter um retorno, um feedback positivo dos alunos. Eu dou bastante liberdade pra eles falarem. Tem muitos que gostam de sociologia. Mas no geral, eu acho que estou fazendo minha parte, com as aulas e os projetos e tudo mais.”

10. Para você, como seria a Escola ideal?

“Primeiro que seria integral. Teria um período de aulas e outro de temas integrais. Política, esportes, as três artes, pra desenvolver a criatividade. Eu estava pensando outro dia que deveria ter bolsa pros alunos estudarem, que fosse o valor de um salário

mínimo e que não ficasse com os pais o dinheiro. Teria que dar um jeito de assegurar que o dinheiro ia ficar com eles pra eles fazerem o que quisessem. E teria que ter uma média 7 pra manter a bolsa. Se não tiver, perde temporariamente. Depois, quando a nota aumentar, volta a receber. Porque o adolescente é muito consumista neh e aí eles iriam se esforçar pra caramba pra manter a média 7 e garantir o dinheirinho deles no final do mês. [Mais alguma coisa?] Ah teria um auditório, um teatro bem bom e equipado, inclusive com instrumentos. Um CIEF pra cada escola para eles poderem praticar várias atividades, como natação, corrida etc. E a Escola poderia ter parceiros para os alunos fazerem estágios, porque eu vejo que esses programas de estágio fazem eles crescerem bastante."

11. Gostaria de deixar uma última reflexão sobre a educação?

"Acho que a mensagem é não desistir do ensino público. A escola tem muita necessidade de inovação, de renovação, de reflexão. Necessidade de discussão. Muita discussão. Sobre tudo. Tanto sobre a escola como sobre as coisas que estão acontecendo no Mundo."

❖ Artes

1. Qual é a sua graduação (e modalidade, se houver)? Onde se formou? Em que ano?

"Tenho dupla habilitação em Artes Cênicas pela UnB. Me formei em 2012."

2. Há quanto tempo você leciona na Secretaria de Educação do Distrito Federal?

“Desde 2012. Já tem três anos.”

3. Você escolheu ser professor? Por qual/quais motivo(s) você decidiu/quis se tornar educador?

“Boa pergunta... sim, acho que sim. Era uma das opções. Um dos maiores motivos foi pela estabilidade da carreira. Aí acabei decidindo.”

4. O que norteia o seu planejamento e a execução de suas aulas?

“Quando comecei, me baseava pelo PNEM. Hoje em dia, tenho um diálogo maior com os alunos e fico observando eles. Antes eu era mais conteudista, mas agora estou mais flexível, busco uma abordagem que contemple uma formação mais completa, mais humana.”

5. Você já leu/conhece/tem o hábito de buscar os documentos oficiais que norteiam o sistema de educação (LDB, Currículo em Movimento, Regimento Interno da Escola, PPP, Acordo Didático etc.)?

“Alguns. A LDB sim. O Currículo em Movimento li ano passado, e teve umas alterações, neh? O Regimento Interno não. O PPP já li e esse acordo didático não sei nem o que é, flor (risos). A discussão em equipe ajuda porque a gente volta e meia fala dos documentos nas reuniões, mas seguir o conteúdo todo do PPP mesmo, aí é inviável, não dá tempo de fazer tudo que a gente precisaria e que a gente quer fazer.”

6. Você altera o seu planejamento de um ano para o outro no que diz respeito aos conteúdos e métodos, por exemplo? O que muda no seu planejamento didático?

“Sim. O grosso permanece, neh, não tem jeito. Eu vou fazendo análises de como foi dado o conteúdo e aí eu vou vendo como fica... mantenho o que dá certo, mudo algumas coisas, acrescento outras. Vou tentando sempre melhorar. E repensar os conteúdos do planejamento também, na medida do possível.”

7. O que você objetiva ter como resultado do seu trabalho docente em relação à formação dos alunos?

“Depende muito da realidade do aluno. Os alunos do ensino médio têm muito interesse no Vestibular. Então, nesse caso, eu foco no Vestibular. Mas também quero desconstruir ideias, discutir temas polêmicos, como a questão da legalização do aborto, por exemplo. Eu fiz um trabalho sobre isso bimestre passado. E foi ótimo. Eles falaram muita coisa interessante sobre o tema. E foi muito legal que eles realmente pensavam sobre toda a questão do aborto e daí saíram uns trabalhos bem legais. Eu quero que eles tenham pensamento crítico, pra muito além do Vestibular.”

8. Você se considera seguidor de alguma (ou mais de uma) linhagem teórica em relação aos seus métodos de lecionar e às suas concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem? (Se sim) Qual e como ela se manifesta em seu trabalho? (Se não) O que você identifica que são, então, as bases de seu trabalho enquanto professor?

“Flor, eu não conheço bem as linhas teóricas não, então eu acho que acabo fazendo uma ‘mistureba’ (risos). Tenho momentos diferentes dentro de sala de aula. E eu mudo muito ao

longo de um caminho, de um bimestre pro outro. Acho que a base do meu trabalho é o diálogo. Eu fico muito feliz quando o aluno se posiciona, pois vejo que, em muitos locais, isso não acontece. Eu considero a comunicação muito importante. É a base do meu trabalho na escola. A gente precisa trabalhar mais isso na escola.”

9. Como você enxerga/avalia seu trabalho como educador?

“Acho que... tenho pouco tempo de sala de aula. Meu primeiro ano foi terrível! O segundo já foi melhor e o terceiro foi beem melhor. O tempo vai moldando a gente. Eu acho que me encontrei em sala de aula. A gente tem que entender que tem a parte ruim e a parte boa, e saber lidar com isso. Eu gosto de avaliar o que eles estão aprendendo de maneiras diferentes. A prova não avalia de maneira eficiente, mas tem um lado bom também, porque força os meninos a estudarem, a pegar no livro, neh, e esse tipo de estudo também é importante. Então eu vejo que não deixa de ser uma maneira de avaliar. Uma entre várias.”

10. Para você, como seria a Escola ideal?

“Não tenho um modelo, mas... tem que ter estrutura física e financeira para dar margem à criatividade. O ideal seria ter uma Escola que formasse a base para o que você quisesse fazer, criar. Porque o ensino de artes é muito menosprezado, neh. Ah tem muita coisa pra mudar. Mas olhando pelo lado da educação artística, essa infraestrutura mínima seria essencial.”

11. Gostaria de deixar uma última reflexão sobre a educação?

“Flor, eu acho que a educação tem um poder maravilhoso! Mesmo! É um caminho que não é fácil, mas que a gente vai trilhando, neh. Hoje eu sou muito feliz dando aula, me encontrei de verdade. E eu vejo que eles vão mudando ao longo do ano com as aulas e tudo mais. Não é fácil, mas a gente continua como pode.”

❖ *Geografia*

1. Qual é a sua graduação (e modalidade, se houver)? Onde se formou? Em que ano?

“Tenho bacharelado e licenciatura em geografia. Pela UnB. Fui aluna entre 94 e 98.”

2. Há quanto tempo você leciona na Secretaria de Educação do Distrito Federal?

“Há 15 anos, desde 2000.”

3. Você escolheu ser professor? Por qual/quais motivo(s) você decidiu/quis de tornar educador?

“Sim. Eu até cheguei a pensar em outros cursos, mas, na hora, escolhi geografia. Entre as opções, era o que eu mais queria. E eu queria dar aula também, então deu tudo certo.”

4. O que norteia o seu planejamento e a execução de suas aulas?

“O currículo mesmo, o conteúdo que o MEC exige. Porque nós temos que obedecer esse conteúdo, neh. Levo em consideração o que eu acho que é mais importante. Fico de olho

nas provas de vestibular, de ENEM, do PAS. Aí vou vendo o que costuma cair mais, ser mais cobrado, e vou definindo o planejamento dessa forma.”

5. Você já leu/conhece/tem o hábito de buscar os documentos oficiais que norteiam o sistema de educação (LDB, Currículo em Movimento, Regimento Interno da Escola, PPP, Acordo Didático etc.)?

“Quando a Escola trabalha os documentos, eu tenho contato com eles. Quando não trabalha, eu não fico buscando nem lendo não. Eu tenho uma ideia boa da maioria desses documentos. Depois de 20 anos, a gente já vai conhecendo, vai sabendo uma coisinha ou outra.”

6. Você altera o seu planejamento de um ano para o outro no que diz respeito aos conteúdos e métodos, por exemplo? O que muda no seu planejamento didático?

“Sim, eu mudo, pra não ficar a mesma coisa, porque assim fica chato, neh, principalmente para os alunos repetentes. Eles acham muito chato ver tudo de novo igualzinho. E ficam desestimulados, desanimados. E eu também acho chato ficar repetindo todo ano a mesma coisa exatamente igual. O assunto é o mesmo, claro, isso não dá pra mudar muito, mas vou alterando a forma de fazer, a maneira de dar a aula mesmo.”

7. O que você objetiva ter como resultado do seu trabalho docente em relação à formação dos alunos?

“Eu queria que eles se tornassem pessoas boas. Eu tento passar isso pra eles em sala de aula. Os conteúdos são bastante importantes também, mas se eles forem bons cidadãos, então isso já conta muito. O mundo está precisando muito de boas pessoas

nesse momento, e a gente que dá aula na escola pública tem um poder pra contribuir com a formação dessas pessoas. É esse meu maior objetivo, que eles sejam bons.”

8. Você se considera seguidor de alguma (ou mais de uma) linhagem teórica em relação aos seus métodos de lecionar e às suas concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem? (Se sim) Qual e como ela se manifesta em seu trabalho? (Se não) O que você identifica que são, então, as bases de seu trabalho enquanto professor?

“Depois de quinze anos, não sigo ninguém. Vou mais pela experiência mesmo. Eu procuro fazer o certo, me preparar, planejar, simplificar os conteúdos e tudo mais. Tento sempre ir além do conteúdo. Então acaba que a gente desapega um pouco da teoria e tenta fazer o que a gente acha que é o melhor.”

9. Como você enxerga/avalia seu trabalho como educador?

“Eu enxergo de uma forma positiva. Eu me esforço muito. Fico em casa pensando sempre em como fazer pra melhorar. Os alunos me dão um feedback positivo quando a gente conversa. E eu fico contente com o feedback deles.”

10. Para você, como seria a Escola ideal?

“Acho que precisa aproximar mais a família. Como parceiros mesmo. Podia ter psicólogos, porque tem muito menino que precisa de terapia, e seria muito importante ter esse suporte. Mais estrutura, como equipamentos eletrônicos, que funcionem. Um ambiente melhor climatizado, porque o calor incomoda muito durante os meses quentes e fica insuportável ficar dentro da sala de aula. Deveria ter um número reduzido de alunos por sala, entre quinze e vinte, mais ou menos. A comunicação na escola poderia

ser melhor, ter um planejamento mais eficiente. E eu secaria o currículo, tirando os assuntos desnecessários. As provas e as avaliações formativas teriam que ser repensadas também. E é isso.”

11. Gostaria de deixar uma última reflexão sobre a educação?

“Gosto muito de lecionar. O nosso trabalho é fundamental! O professor tem que saber disso e tem que se valorizar. Minha reflexão é que todos valorizem mais o trabalho do professor.”

❖ *Física*

1. Qual é a sua graduação (e modalidade, se houver)? Onde se formou? Em que ano?

“Física. Licenciatura. 2009. Na UnB.”

Fez mestrado?

“Não. Abandonei.”

2. Há quanto tempo você leciona na Secretaria de Educação do Distrito Federal?

“2 anos. Quase 3.”

3. Você escolheu ser professor? Por qual/quais motivo(s) você decidiu/quis de tornar educador?

“Sim. Porque tenho parentes que são professores e acho legal, acho legal, gosto de dar aula.”

Mais algum motivo?

“Quero tentar mudar aquele conceito de que física é só fórmula, e mostrar que física tem em tudo no dia a dia. Tudo você usa física.”

4. O que norteia o seu planejamento e a execução de suas aulas?

“O livro e todo aquele segmento que a gente tem pré-determinado, neh. Isso é bem emoldurado. Eu não gosto muito não, não é muito legal, mas a gente segue o livro.”

5. Você já leu/conhece/tem o hábito de buscar os documentos oficiais que norteiam o sistema de educação (LDB, Currículo em Movimento, Regimento Interno da Escola, PPP, Acordo Didático etc.)?

“Nunca mais busquei [os documentos que norteiam a educação no DF e no Brasil]. Depois que comecei a lecionar eu olhei, mas nunca me aprofundei. Só o que tem nas coordenações, eu não me aprofundo, não corro atrás.”

6. Você altera o seu planejamento de um ano para o outro no que diz respeito aos conteúdos e métodos, por exemplo? O que muda no seu planejamento didático?

“Quando eu vejo que é necessário, quando eu vejo que algo precisa ser aprofundado, ou que precisa ter algo de novo, eu altero. Tem coisas que o livro aprofunda muito sobre um lado da matéria que eu não uso tão bom pro dia a dia, igual eu falei. Tem coisas que são mais úteis pro dia a dia, por exemplo, porque que a gente usa a panela

grossa pra esquentar uma sopa e a panela fina pra fritar um ovo, entendeu? Isso não tem o livro, ai acho que tem que mudar. Ai eu vou vendo assim e pesquiso o que que tem que mudar de um ano pro outro. E tem coisas assim que eram usuais e que hoje em dia com a tecnologia não são mais usuais. Ai tem que mudar também.”

7. O que você objetiva ter como resultado do seu trabalho docente em relação à formação dos alunos?

“É isso. Que mesmo que ele não siga na área, que ele consiga se aproveitar da física nos momentos do dia a dia. Vamos supor, como ele faz pra levantar alguma coisa que tá difícil de levantar, vai usar a alavanca, pra ele saber porque que a maçaneta da porta tá ali, pra ele saber como gastar menos força e ter um melhor trabalho, melhor em eficiência.”

8. Você se considera seguidor de alguma (ou mais de uma) linhagem teórica em relação aos seus métodos de lecionar e às suas concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem? (Se sim) Qual e como ela se manifesta em seu trabalho? (Se não) O que você identifica que são, então, as bases de seu trabalho enquanto professor?

“Eu não. Eu acho que eu me baseio muito nos meus professores do ensino médio e nos meus professores de cursinho e entender a melhor forma de fazer as coisas. Eu não chego impondo nada ao aluno, eu converso e cada aula é uma aula, cada turma é uma turma, tem turma que conseguem render, turmas que não rendem do mesmo tanto porque vai depender da minha clientela.”

9. Como você enxerga/avalia seu trabalho como educador?

“Meu trabalho em sala de aula eu acho muito bom, mas preciso melhorar bastante o meu trabalho fora de sala de aula. Meu tempo tem que ser mais bem utilizado. Eu tenho

que parar de deixar as coisas pra fazer em cima da hora. Mas do meu trabalho em sala de aula eu gosto. E eu procuro fazer uma coisa melhor pros alunos, pra eles não temerem tanto a física.”

10. Para você, como seria a Escola ideal?

“Acho que... vai ser pesado. A escola ideal, assim, não precisa nem que ter nem nota. O aluno tem aquele tempo e aquelas matérias pra estudar, tipo faculdade, tem aquele tempo pra ele fazer e as matérias para ele estudar. Aí ele vinha e estudava. A gente tinha que oferecer todos os recursos para ele estudar. Todas as coisas que ele quisesse aprofundar. E funcionaria como se fosse créditos também.”

E se ele não fizesse nada?

“Ele teve o tempo dele na escola. Digamos, a pessoa que tem 14 anos. Ele tem até os 18 anos pra ele ir pra escola. Ele tem o tempo dele. Os 4 anos dele. Se ele quiser estudar só matemática, ele estuda só matemática. Sem nota. Não precisa de avaliação. O professor tá lá pra ensinar e ele tá lá pra aprender. Teria muita coisa a mudar, só que eu acho que, partindo do princípio de não fixar essa coisa de avaliação, de ter nota, ter a matéria, entendeu? O aluno tem aquele período aí ele vai escolher. Igual nos Estados Unidos, ele já sabe o que ele quer, aí ele pegando as matérias, faz um pouco disso, um pouco daquilo, só que ainda tem nota. Igual eu falei, o aluno não precisa de nota, gente. Não precisa vincular ele à gente. Ele se vincula ao estudo dele. Ao que ele quiser fazer. Poucos querem estudar, mas é um processo, a gente tem que começar a mostrar pra eles que tem que estudar, que a vida é feita de conhecimento e tem que decidir o que você quer fazer.”

11. Gostaria de deixar uma última reflexão sobre a educação?

“Eu acho que tinha mudar mesmo a cabeça não só do professor e aluno, mas de todo mundo. Que tinha que entender que a educação é para todos. O pai tinha que incentivar o filho a estudar. O filho tinha que vim pra escola pra estudar, ele tinha que vir sabendo que ele quer alguma coisa, porque é que depois que ele fica mais velho que o pai vai pagar cursinho que ele presta atenção na sala de aula. Por que que ele olha e fala ‘Poxa era tão fácil’. Quem é que nunca olhou e falou assim ‘Cara, era só isso, por que que meu professor nunca falou isso’. Não, você que não prestou atenção, entendeu. Tem que querer. Eu acho que os pais têm uma parcela de... Você pode ver que se seu pai ficou em cima pra você estudar, você foi bem melhor que o outro lá que o pai largou e nem ligou.”